

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP**

Cristina de Lima Cardoso

Estudos das tradições caipiras em Itapetininga

Mestrado em História

**São Paulo
2016**

Cristina de Lima Cardoso

Estudos das tradições caipiras em Itapetininga

Dissertação apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em História, sob a orientação do Prof. Dr. Amailton Magno Azevedo.

São Paulo

2016

Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

Eu não conseguiria escrever uma palavra sequer sem o amor dos meus filhos Maurício e Pedro.

Esse trabalho começou a ser escrito há muito tempo atrás, quando meu pai Uracy, um historiador nato, contava-me as histórias dos antepassados e as relações dos sujeitos em nossa cidade. Foi através dessas narrativas que me dei conta que a curiosidade própria dos pesquisadores estava impregnada em mim.

Agradeço especialmente a minha mãe Vilma que sempre me ajuda de todas as maneiras imagináveis a realizar meus sonhos e a minha tia Nancy que me ensinou a escrever.

As histórias e as intenções de pesquisa estavam impressas em minha alma. Foi à busca constante pelo saber e pelas boas práticas pedagógicas para o ensino de História, que me levou ao encontro do Prof. Dr. Acácio Sidinei Almeida Santos que é, para mim, exemplo de sabedoria e entusiasmo.

Pesquisar é um ato individual que não seria possível sem a tranquilidade e a confiança do Prof. Dr. Amailton Magno Azevedo, ele trouxe-me a paz necessária ao desenvolvimento da pesquisa e, como bom professor que é, ensinou-me a pesquisar.

Às professoras Dra. Yvone Dias Avelino e Maria Izilda Santos de Matos, pela atenção, leitura e preciosas sugestões feitas a este trabalho.

Aos amigos Maria Francisca Cleto Silva, Luiz Antônio Silva, Maurício Frutuoso de Siqueira, Osiel José de Proença, Gilda Aparecida de Camargo e Tatiana Maria de Siqueira Campos, que abriram as portas do coração e compartilharam as histórias do incrível cotidiano caipira. Ao grande artista de Itapetininga, Bob Vieira, o caipira consagrado da cidade, minha admiração.

A todos vocês, toda a minha gratidão.

O sór derrama seus raio
briante, por trais da serra,
pintando o lindo cenário
da manhã da minha terra!

(Manhã da minha terra, Abílio Victor)

CARDOSO, Cristina. Estudos das tradições caipiras em Itapetininga. Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós-Graduados em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil, 2016, 125p.

RESUMO

Essa pesquisa tem como objetivo analisar os modos de ser, agir e pensar dos herdeiros das tradições caipiras que habitam a zona rural de Itapetininga, município localizado no Sudoeste do Estado de São Paulo. O convívio com esses sujeitos, o relato de causos, as práticas religiosas e o festejar musicado, próprios desse cotidiano, manifestados de forma individual e coletiva, abordados nas entrevistas e análises de produções literárias de autores da região, evidenciam as permanências e as mudanças nas tradições caipiras que estão em constante interação com os modos e costumes da cidade. Dessa forma, envolto no processo de “hibridismo cultural”, permanece representado o legado caipira. O urbano desperta o interesse do homem da zona rural, ele habita e interage tanto no campo quanto na cidade, assimila tradições, as adapta mas não despreza as origens do campo, as maneiras do sítio e o gosto peculiar pelas coisas da natureza.

Palavras-chave: homem do campo, cotidiano rural, tradições, cultura Caipira, Zona rural e urbana

CARDOSO, Cristina. Estudos das tradições caipiras em Itapetininga. Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós-Graduados em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil, 2016, 125p.

ABSTRACT

This research aims to analyze the ways of being, acting and thinking of the heirs of traditions hillbillies that live in the rural area of Itapetininga, a municipality located in the southwest of the State of São Paulo. The contact with these guys, the story of stories, religious practices and to music party, own this every day, manifested individually and collectively, discussed in interviews and analysis of literary productions of authors from the region, show the continuities and changes in hillbillies traditions that are in constant interaction with the manners and customs of the city. Thus, wrapped in the process of "cultural hybridity", remains represented the rustic legacy. The city arouses the interest of man from the countryside, he inhabits and interacts both in the field and in the city, assimilates traditions, fits but does not despise the origins of the field, the ways of the site and the peculiar taste for things of nature.

Keywords: Human rural field, rural daily, traditions Grit, Culture, rural area and urban.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I	20
1 O MUNICÍPIO DE ITAPETININGA	20
1.1 A CULTURA CAIPIRA.....	29
1.2 O COTIDIANO.....	35
CAPÍTULO II	39
2 O HOMEM DA ZONA RURAL, O CAIPIRA.....	39
2.1 A CARACTERIZAÇÃO DO CAIPIRA E A SUA REPRESENTAÇÃO	46
2.1.1 O Jeca.....	46
2.1.2 O Tropeiro	50
2.1.3 O Sitiante.....	53
2.2 MODOS DE VIVER	56
2.2.1 Trabalhar	56
2.2.2 Festejar	62
CAPÍTULO III	72
3 A FALA DOS SUJEITOS.....	72
3.1 UMA EXPERIÊNCIA DOCENTE GRATIFICANTE E A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA	74
3.2 A MANUTENÇÃO DAS TRADIÇÕES	78
3.2.1 A infância e o trabalho.....	78
3.2.2 Os velhos e a lembrança.....	81
3.2.3 Os costumes e a religiosidade	84
CONCLUSÃO	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95
ANEXOS	104
A – ENTREVISTA 1	105
B – ENTREVISTA 2	110
C – ENTREVISTA 3	114
D – ENTREVISTA 4	118
E – ENTREVISTA 5	124

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como tema central os sujeitos da zona rural, o cotidiano e as conjunturas sociais que contribuem com a manutenção das tradições caipiras do município de Itapetininga, localizado no Sudoeste do Estado de São Paulo, região também chamada de Paulistânia.¹ Essas tradições permanecem vivas nos modos de ser e fazer próprios das pessoas do interior e estão presentes não necessariamente no cotidiano rural, elas também se manifestam nos centros urbanos e nas grandes cidades através dos hábitos e costumes desses sujeitos que têm suas origens no campo.

Foi no fértil chão da sala de aula que germinou a curiosidade própria dos pesquisadores, aguçada pelo contato com diferentes sujeitos num cotidiano repleto de tradições. Pesquisar as tradições caipiras numa cidade do interior paulista, apesar de habitar a zona urbana do município, só foi possível graças ao exercício do magistério público estadual em uma escola da zona rural no início da carreira de professora de história². O ingresso aconteceu na escola estadual Evônio Marques, no distrito da Varginha, distante 30 quilômetros do centro da cidade. A escola é um polo comunitário, atende alunos oriundos de 18 bairros. No ano 2000, para a maioria dos alunos dessa escola, ir ao centro da cidade mais próxima tinha o teor de uma viagem à um cotidiano diferente do seu. As casas estão distantes da escola, o acesso dos alunos precário e complexo, é garantido pela secretaria de transporte público municipal. Alguns deles enfrentavam duras caminhadas, pé no chão de terra, para chegar ao ponto de partida. O ônibus frequentemente encalha e, quando isso acontece, chegar à escola ou em casa fica à crédito dos moradores das comunidades que cedem tratores e boa vontade para o auxílio no desenralhe.

¹ A Paulistânia é a região que compreendia São Paulo, grande parte de Minas, Goiás, Mato Grosso, Paraná, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Antonio Candido e Darcy Ribeiro, em suas obras abordadas nessa pesquisa, mencionam a região como própria desse sujeito caipira aqui tratado.

² Pesquisar a cidade aonde vivo foi um desafio que só foi possível quando delinee o pessoal e o histórico e considere as relações enquanto “experiências” e “problemas”. “Antes de ter lido qualquer descrição ou interpretação das mudanças e variações das comunidades e formas de vida, eu as vi concretamente, em ação, com uma clareza incrível.” WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.13.

O contato com o cotidiano rural estimulou a curiosidade de entender melhor as vivências estabelecidas, comparar os modos de viver no campo e na cidade do interior, apesar das influências que a urbanidade emana. Salta aos olhos o cuidado que os mais jovens dispensam às tradições aprendidas e vivenciadas por seus pais e avós e a maneira como elas se espalham na cidade grande sem perder as características “A ruptura da cadeia da tradição não significa a gênese de outra corrente, mas a dispersão dos elos – este é o estigma da modernidade”.³

O homem do campo busca na zona-urbana, oportunidades de sucesso intelectual, profissional e financeiro. É nos centros urbanos que se localizam as instituições; também nesses centros, está presente a competitividade e a homogeneidade que padroniza os sujeitos. Mesmo assim, os jovens atribuem a esses locais modernidade e, quando há oportunidade, é para esses centros que vão em busca de uma vida melhor.⁴ Mesmo estando distante das zonas rurais, mesmo que estejam num grande centro urbano, alguns sujeitos caipiras mantêm as tradições e preservam a identidade cultural rural. Eles assimilam, adaptam e transformam modos e costumes diferentes dos praticados no cotidiano de origem e, mesmo assim, as tradições permanecem vivas.

Como esses herdeiros mantêm vivas por tanto tempo essas tradições caipiras foi a frequente indagação que norteou a pesquisa. Outra constante inquietação era com a maneira como o termo caipira⁵ está frequentemente relacionado ao atrasado, ao ignorante, ao sujeito alheio às “grandes necessidades”. O caipira é um dos tipos do homem da zona rural do interior do Brasil, ele tem características próprias que definem o seu comportamento, a maneira de falar, de festejar, rezar e trabalhar, entre tantas outras características. “Caipira” é um termo idealizado, portanto só

³ SEVCENKO, Nicolau. Perfis urbanos terríveis em Edgar Allan Poe. *Cultura & Cidades. Revista Brasileira de História* 8-9. São Paulo: Anpuh; Marco Zero, 1985, p. 79.

⁴ Essas dicotomias: campo/bucolismo, cidade/violência, campo/atraso, cidade/progresso, etc, caracterizam o modo capitalista aonde o trabalho, o lucro e a padronização das tradições confrontam-se com o modo de ser do sujeito caipira que habita os cotidianos rurais, no passado esses sujeitos praticavam agricultura de subsistência, atualmente no campo a individualidade dos sujeitos ainda permanece, essas ideias de dicotomia são imaginárias, a vida no campo não é tão bucólica quanto parece, a violência também chegou a zona rural, enfim, não há um parâmetro exato para limitar ou estigmatizar campo e cidade.

⁵ Nessa pesquisa, o caipira, é constituído historicamente como o morador da zona rural do interior do Estado de São Paulo, esse sujeito pratica economia de subsistência, vive em aglomerados dispersos, constitui códigos sociais religiosos e festivos entre os seus pares, elementos esses que o caracterizam. Durante a pesquisa e a elaboração dessa dissertação, o conceito de caipira foi entendido sob diversas conjunturas, a maioria delas o conceitua de maneira pejorativa, diferente do conceito proposto aqui.

compreendemos o que é ser caipira, ou quem é o caipira, a partir do modo como a caipirice se manifesta. Essa maneira própria de ser do homem do interior, é manifestada não só na zona rural ou nas cidades do interior, ela é representada em todo lugar, ela influencia e é influenciada por outras culturas e devido a essa adaptação, os herdeiros das tradições a renovam.⁶

São muitos os autores que abordam o sujeito da zona rural; o principal referencial utilizado nessa pesquisa foi Antonio Candido, que em 1948, aos 29 anos inicia a sua pesquisa sobre a poesia popular, manifestada no Cururu (dança cantada do caipira paulista), na cidade de Bofete, que deu origem a sua obra, *Os Parceiros do Rio Bonito. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus modos de vida*. A distância entre Bofete e Itapetininga é de cerca de 90 km. Antonio Candido nos apresenta o sujeito rústico, o bandeirante atrofiado, o habitante da boca do sertão que tinha os campos para o isolamento e refúgio à submissão imposta pelo colonizador. Esse sujeito ficou à margem da economia capitalista, desenvolveu a economia de subsistência, foi agregado nas fazendas (Lei de Terras-1850) e, mais tarde, foi o boia-fria e o sem-terra. Antonio Candido também menciona em sua obra o cotidiano rural. É no bairro, núcleo econômico e social da zona rural, que a coletividade agrícola acontece. Esse isolamento, essa vivência rural, possibilitou a manutenção das tradições.

Na mesma década de 40, Oracy Nogueira escreveu sobre a sociedade itapetiningana, em sua obra *Preconceito de Marca. As relações raciais em Itapetininga*, além das discussões acerca do preconceito, o autor também referencia o caipira, no século XVIII como o sujeito que se desloca a grandes distâncias para conduzir ou buscar tropas, são agregados que se alojam nas terras dos senhores, recrutáveis para serviços gerais inclusive militares e vivem em condições miseráveis entre os brancos e os escravos.

No cotidiano caipira, convivendo com os sujeitos, percebia a riqueza cultural e a importância destinada às tradições, elementos que faziam questionar o que realmente eram as “grandes necessidades” impostas pela cultura urbana. Para aqueles sujeitos, o modo de viver há muito tempo praticado pelos seus ancestrais supria as necessidades. Morar na cidade representa oportunidade de estudo e

⁶ Nota-se aí o contato entre culturas, o hibridismo cultural, que trata dos sujeitos diferentes que deixam sua terra e encontram-se com outros sujeitos com tradições diferentes das suas. As tradições não morrem, elas fundem-se e adaptam-se.

trabalho, possibilita o contato social e a interação com diferentes culturas. Muitos sujeitos aderem ao apelo da “modernidade” e adotam o modo de vida disseminado nos centros urbanos sem perder de vista a manutenção das tradições rurais.

Para desenvolver essa pesquisa, busquei narrativas de moradores da zona rural ou de sujeitos que já não habitam esse cotidiano, porém frequentam e mantêm laços afetivos, geralmente fortalecidos pelo parentesco ou pelo contato frequente com o campo, busquei também sujeitos que tivessem com o meio rural vínculo profissional. O recorte temporal dessa pesquisa abrange os anos 2000 à 2005, período em que lecionava na zona-rural e pude apreciar com intensidade as tradições. Hoje, 10 anos depois, tenho a oportunidade e necessidade “*de olhar para frente e para trás, no espaço e no tempo, conhecendo e tentando esta relação enquanto experiência e enquanto problema*”⁷. Alguns desses sujeitos são os senhores e senhoras: a senhora Gilda Aparecida de Camargo, moradora hoje, no bairro da Chapadinha, limite entre a zona urbana e rural de Itapetininga; senhor Luiz Antonio Silva, morador do sítio São Salvador, no bairro das Antas, zona rural do município de Itapetininga; o senhor Osiel de Proença, atualmente residente em Sorocaba que tem forte vínculo com a zona rural devido a sua grande vivência no campo e ao afeto pelos parentes e amigos que ainda residem no bairro aonde viveu; no Turvo dos Rodrigues, o senhor Maurício Frutuoso de Siqueira, professor que, por conta da profissão, hoje reside na zona urbana de Itapetininga, também tem vínculo com a zona rural, proprietário de um sítio no bairro da Várzea, Tatiana Maria Siqueira Campos, manicure, residente em Itapetininga e, por último, o senhor Luiz Antonio Vieira, o Bob Vieira, músico e artista da região, nascido em São Miguel Arcanjo, município vizinho. Em seu trabalho, valoriza a tradição caipira, sendo o principal difusor da tradição local na atualidade. Outros sujeitos que contribuíram aparecem citados nas referências.

Durante a pesquisa, havia a intenção de agrupar e analisar um grande número de produções locais que mencionam as tradições, o cotidiano e os sujeitos da localidade. Analisei as poesias de Abílio Victor⁸, um poeta da região que expressou a maneira de ser, viver e pensar do homem do interior, até hoje lembrado por sua

⁷ WILLIAMS, 1989, p.13.

⁸ Magro, franzino, com uma barba rala e uma tosca bengala assim era Nhô Benticó, pseudônimo de Abílio Victor, o poeta sertanejo que marcou época na cidade e deixou uma obra que retrata traços da vida cabocla. Nascido em Itapetininga em 1899, foi carpinteiro, tipógrafo, trabalhou em importantes jornais da cidade, em São Miguel Arcanjo foi gerente de cinema e radialista.

maneira de comunicar com lirismo o universo caipira. Recentemente, a professora Maria Nunes da Costa Menck e sua sobrinha Luciane Camargo, publicaram um livro com uma coletânea de lendas da região. Foi um trabalho que consistiu na organização dos relatos dos moradores da cidade conhecedores das histórias de seu cotidiano. Algumas dessas histórias também serviram como fonte, evidenciando a maneira como esses sujeitos vivem e quão latente permanecem e difundem-se os causos.

A presente pesquisa constitui-se em 3 capítulos. Não podemos falar de sujeito e tradições sem tratar do cotidiano aonde as ações humanas acontecem, como elas modificam esse espaço e como o espaço influencia essas ações. Esse espaço, que é a zona-rural de Itapetininga, está repleto de memórias, lembranças (coletivas e individuais) e significados. Quais são os grupos sociais que se apropriaram desse espaço? Que significados eles imprimiram nesse espaço? O espaço determina o modo de vida dos sujeitos e partindo desses pressupostos, no capítulo I, primeiramente apresento a cidade e suas memórias, o local em questão. É importante salientar que essa pesquisa trata das tradições de uma cidade que compreende zona-rural e urbana. Seria impossível, não recorrer a obra de Oracy Nogueira *“Preconceito de Marca: As relações raciais em Itapetininga”* para identificar, as transformações sociais pelas quais Itapetininga passou e as participações dos sujeitos da zona rural no processo histórico. A primeira vista o leitor de *Preconceito de Marca*, pode não fazer ideia da importância que a população rural desempenha na conjuntura analisada por Oracy Nogueira. Outra intenção nesse capítulo é levantar questões sobre o encanto que a cidade desperta no homem do campo, as razões pelas quais ele migra. A interação permanente entre campo e cidade não perde a vitalidade por razões econômicas e culturais. A cidade é, para o homem do campo, o convite à novidade; ele aceita, frequenta, interage, participa, mas, sempre que pode, volta ao bairro, ao sítio, a casa, o seu lar; núcleo social que o define. Essa essência, esse legado de tradições é a cultura caipira, os modos-de-ser e fazer que definem o homem do campo, o jeito de falar, o tocar viola, o dançar música gaúcha, a romaria, as visitas aos parentes e vizinhos entre outras particularidades. A cultura caipira, por um tempo, foi tida como menos importante por referir-se ao popular, no entanto, com as novas

concepções sobre cultura, esse ranking estabelecido pelas “culturas hegemônicas” cai por terra; o que prevalece hoje são as hibridizações culturais.⁹

No capítulo II, o sujeito rústico¹⁰ do interior, o caipira da boca do sertão¹¹, é definido à luz dos autores que fundamentam essa pesquisa, Antonio Candido, Oracy Nogueira e Darcy Ribeiro. Cada autor trata o sujeito de maneira específica, Antonio Candido e Darcy Ribeiro, definem o sujeito mais especificamente, sob o prisma econômico, definem o seu modo de ser e viver, as relações e a conjuntura em que ele vive. Já Oracy Nogueira, privilegia a visão social sob esse sujeito, qual o seu papel nos períodos tratados na obra. Tratamos aí as representações aplicadas a esse sujeito em Itapetininga: o Jeca, o Tropeiro e o Sitiente. O Jeca, é a representação mais comum, embora seja a mais caricata, é combatida pelos moradores locais, pois vem carregada de preconceitos (caipira sujo, miserável, feio, burro, preguiçoso). O tropeiro, por seu ofício comerciante, é um dos tipos do bandeirante atrofiado¹² sua atividade foi tida como desprestigiada; mesmo assim, os sujeitos pesquisados apreciam a associação a esse trabalhador dos campos que manjava, comercializava animais e teve contato com os gaúchos do sul do Brasil, assimilando e propagando cultura. O sitiente, talvez seja a representação que mais caracterize o sujeito caipira de Itapetininga. Esse tipo é o trabalhador do campo, ele obteve da natureza o seu sustento desde o seu ancestral indígena (caçador, coletor e agricultor); com a lei de terras a maioria não conseguiu tornar-se proprietário, foi agregado por muito tempo, alguns tornaram-se bóia-fria ou sem-terra, outros são pequenos produtores rurais. Nesse capítulo também é tratado os modos de viver do caipira. Dividi em 2 itens: trabalhar e festejar. O trabalhar, aborda a importância da coletividade para esse sujeito, o bairro é essencial para a economia caipira, é lá que as relações de organização da produção e da comercialização acontecem. Nos bairros também temos as relações sociais, nas escolas, igrejas, campos de futebol e centros comunitários. O festejar aborda principalmente as tradições relacionadas à

⁹ CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*; tradução Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

¹⁰ CANDIDO, Antonio, *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos meios de vida*. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.

¹¹ NOGUEIRA, Oracy, *Preconceito de marca: As relações raciais em Itapetininga*. São Paulo: Edusp, 1998.

¹² O bandeirante atrofiado é a definição usada por Antonio Candido, para o sujeito que não teve sucesso nas atividades econômicas desenvolvidas nas cidades (São Paulo, Itu, Taubaté, Sorocaba). CANDIDO, 2010.

religiosidade, à música dos sujeitos da zona rural e à celebração dos rituais sempre de maneira coletiva.

O capítulo III é o relato da experiência docente que tive e sem a qual não poderia desenvolver essa pesquisa. Foram mais de 5 anos, vivendo com esses sujeitos e participando do cotidiano. A docência na zona-rural foi sem dúvida surpreendente devido à excelente qualidade do público discente, que respeitava os professores e trazia de casa uma educação exemplar. Os sujeitos entrevistados foram alunos na escola em que lecionei, exceto o senhor Bob Vieira, um artista da região nascido e criado na zona-rural que, através de seu trabalho, divulga e valoriza a cultura caipira. Luis Antonio, Gilda, Maurício, Osiel e Tatiana, foram meus alunos no período compreendido entre 2000 e 2005 e ainda mantém vínculo com o campo. Em todas as entrevistas, o que mais chama a atenção é a saudade da infância, período que eles identificam como essencial para a formação da identidade caipira, o respeito dispensado aos velhos, os portadores do legado caipira, conhecedores das tradições e sábios nos ensinamentos, mesmo sem nunca, ou, muito pouco, desfrutar da educação institucional; por último, a definição dos próprios sujeitos da identidade caipira, a essência rural que os caracteriza.

Darcy Ribeiro, aborda a origem do sujeito caipira e salienta a miscigenação indígena. Sua obra trata da povoação da Paulistânia, do cotidiano “quase” selvagem encontrado pelos colonizadores e da dependência que o português tinha com relação ao indígena, era o habitante da terra que provia o sustento do colonizador. *Os núcleos paulistas mais importantes eram arraiais de casebres de taipa ou abobe cobertos de palha*¹³, os homens bons que integravam a Câmara, governavam e organizavam as atividades bandeirantes de desbravamento dos sertões, eram servidos pelos índios que plantavam mandioca, milho, feijão, abóbora, caçavam e pescavam. O modo de vida paulista era rude e dependente do indígena, resultado do processo deculturativo¹⁴, isso é, o paulista foi aos poucos perdendo os modos-de-vida português - vida nas vilas, convívio familiar, disciplina patriarcal, o arado, a alimentação (trigo, vinho, azeite) e do indígena – autonomia, proveniência de

¹³ RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: A formação e o sentido de Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

¹⁴ Darcy Ribeiro (2006, p. 331) usa o termo “deculturativo”, para designar o processo pelo qual o sujeito passa quando perde os modos de vida assimilados, adapta e adequa outros modos de vida, de acordo com as conjunturas em que vivem determinadas pelo ambiente e pelo contato com outras tradições.

subsistência, igualdade social, solidariedade familiar e artesanato virtuoso. O paulista foi o desbravador do sertão, o bandeirante, os homens de guerra e também os deserdados do Brasil, Darcy Ribeiro os compara aos corsários, eles aprisionam índios, e negros foragidos, além de desbravar, não nos mares, mas no sertão. Com o tempo, esse grande território, caracteriza-se como área cultural, habitada pelo sujeito fruto da fusão entre o índio e o português. Quando a mineração escasseia, e o bandeirantismo perde a importância, a Paulistânia fica abandonada ao desleixo da existência caipira¹⁵. Os povoadores mais abonados conseguem enormes sesmarias e os mais pobres transformam-se em posseiros. Em 1850, com a lei de terras, ao caipira cabe o colonato e a parceria. Ele transfere-se para áreas mais remotas aonde o proprietário não tem condições de explorar novos cultivos. O caipira, para Darcy Ribeiro, esteve nos patamares econômicos menos favorecidos, continuou fundindo-se culturalmente principalmente com os negros e atualmente com os sujeitos vindos do nordeste e norte do país.

Em *Os Parceiros do Rio Bonito*, Antonio Candido, caracteriza o caipira morador do município de Bofete, Estado de São Paulo nos anos 40. Ele também salienta a origem indígena desse sujeito morador da zona rural e diz que o caipira herdou muitas tradições do português. No século XVIII, momento crucial, a sedentarização impõem-se ao paulista e este precisa abandonar o nomadismo indígena e reorganizar seus hábitos. Quando, nas fazendas, o trabalho agrícola passa a ser desempenhado por escravos e depois por colonos, aqueles caipiras que não se tornaram citadinos, tornou-se agregado, ia buscar sertão novo, aonde tudo recomeçaria¹⁶. O caipira é o sujeito rústico, morador da zona-rural, praticante de agricultura de subsistência, fortemente ligado às tradições. Para esse sujeito, o bairro¹⁷ era o núcleo da sua economia, nos bairros os caipiras organizavam a produção dos alimentos, base do seu sustento, também nos bairros acontecia o contato social, base para a coletividade, sem a qual o modo de vida rural, praticado pelo homem do campo, não existiria. Em

¹⁵ Na obra estudada, a vida rural caipira, no período que antecede a Lei de Terras, preenche condições mínimas de sobrevivência, o caipira extrai da natureza o seu sustento e dessa forma, o sujeito é condicionado a um ambiente culturalmente limitado de aspirações que faz parecer desambicioso e imprevidente, ocioso e vadio (RIBEIRO, Darcy, 2006, p. 348).

¹⁶ CANDIDO, 2010, p. 97.

¹⁷ Antonio Candido (2010, p. 79) comenta que, certa vez perguntou a um caipira velho o que era o bairro e esse disse que o bairro era uma “naçãozinha”, *porção de terra que os moradores tem consciência de pertencer, formando uma certa unidade diferente das outras*.

1948, ocasião em que Antonio Candido pesquisou esse cotidiano rural, a vida na localidade era bem pouco confortável, não havia carros, a energia elétrica datava de 2 ou 3 anos (zona urbana), nada de geladeiras ou rádios, nada de adubação ou produtos veterinários, nenhuma máquina agrícola e a maior parte do transporte acontecia via carroça ou lombo de animal¹⁸.

Na mesma década de 40, Oracy Nogueira, pesquisa relações raciais no município de Itapetininga, região que constituía a “boca do sertão”¹⁹. O autor faz uma análise histórica e social da localidade, dentre os tipos pesquisados está o caipira, identificado por Oracy como o homem pobre, livre, sem ocupação especializada, esse sujeito esquia-se das tarefas da escravidão e da disciplina, retrai-se como trabalhador e acanha-se como consumidor e, enquanto pôde, esteve à margem do sistema econômico, até que a camada dominante o recrutou como destinado a percorrer grandes distâncias na condução e busca das tropas, foram agregados e tidos como elementos recrutáveis de confiança (século XVIII e XIX).²⁰

Para compor essa pesquisa, foi necessário conhecer outros estudos acadêmicos recentes, que reverenciam o sujeito, o cotidiano e a cultura caipira do Estado de São Paulo. Dessa forma, somou-se à prática da pesquisa, o diálogo bibliográfico, que propiciou a análise profunda das tradições, das diversas representações do sujeito da zona-rural e dos diferentes aspectos culturais que caracterizam o universo caipira; desses a música, talvez seja o mais pesquisado atualmente. O historiador Elton Bruno Ferreira²¹, analisou a produção de Cornélio Pires e, além de pormenorizar a obra do importante animador, poeta e escritor²², apresenta-nos a cultura caipira e a maneira como ela foi representada na capital

¹⁸ CANDIDO, 2010, p. 119.

¹⁹ Segundo Oracy Nogueira (1998, p. 39) “Boca do sertão”, no primeiro quartel do século XVIII ao primeiro do seguinte, era a região distante da fronteira econômica por aqui, muitos índios foram dizimados e preados até que o trabalho indígena foi totalmente substituído pelo escravo africano e depois pelo sistema de trabalho servil.

²⁰ NOGUEIRA, 1998, p. 66.

²¹ FERREIRA, Elton Bruno. Sonoridades caipiras na cidade: a produção de Cornélio Pires (1929-1930). Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

²² MATOS, Maria Izilda Santos de; FERREIRA, Elton Bruno. Entre causos e canções: Cornélio Pires e a cultura caipira (São Paulo, 1920-1950). Hist. Crit., n. 57 · jul./set. · p. 37-54, · ISSN 0121-1617, · eISSN 1900-6152 DOI. Disponível em: <dx.doi.org/10.7440/histcrit57.2015.03>. Acesso em: 10 ago. 2015.

paulista nos anos 20 e 30. Marcelo Simon Manzatti²³, em sua pesquisa, trata das tradições rurais paulistas, de aspectos sonoros e poéticos, além de contar com um bom acervo de narrativas. Conhecer essa pesquisa ajudou a desenvolver este trabalho. Outro importante estudo foi o artigo de Filipe Alгатão²⁴ que trata do tropeiro, sujeito típico paulista também representado aqui. O autor apresenta a figura do tropeiro como um importante agente participante do processo econômico brasileiro do século XIX e propagador da cultura caipira. Muitos outros trabalhos que mencionam aspectos referentes, por exemplo, a maneira de falar própria do sujeito caipira, a representação dos tipos relacionados ao homem do campo, ao conceito de cultura, modernidade, cotidiano, contribuíram com essa pesquisa.

Sobre a cidade pesquisada e os sujeitos caipiras, recentemente pouco se tem pesquisado. O que existe são publicações memorialistas, que enaltecem figuras vultuosas ou fatos ocorridos relacionados geralmente ao período em que Júlio Prestes²⁵ foi eleito presidente da República. O tratamento dispensado ao homem do campo ou ao cotidiano rural local está relacionado à economia agrícola do município. Comprovando a vocação rural, Itapetininga desponta como o primeiro lugar no ranking do PIB agropecuário do Estado de São Paulo²⁶ e oitavo no ranking nacional; a região destaca-se pela diversidade de sua produção com relevância na produção florestal, citricultura, bovinocultura de corte e leite, avicultura, suinocultura, produção de milho, soja, cana-de-açúcar e fruticultura de clima temperado. Um dado relevante da economia rural de Itapetininga refere-se ao fato de aproximadamente 82% das UPAs possuírem área igual ou inferior à dois módulos fiscais²⁷ (44 ha), esse dado indica que a grande maioria das propriedades classificam-se na categoria de agricultura familiar

²³ MANZATTI, Marcelo Simon. *Samba Paulista, do centro cafeeiro à periferia do centro: estudo sobre o Samba de Bumbo ou Samba Rural Paulista*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. São Paulo, 2005.

²⁴ ALGATÃO, Filipe Cordeiro de Souza. O tropeiro como propagador cultural e mola mestra da cultura cafeeira no século XIX, *Histórica Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, n. 41, abr. 2010.

²⁵ Júlio Prestes, itapetiningano, foi eleito Presidente da República em 1930, fato este, pouco mencionado na região. Entre os mais idosos ainda há quem comente as conjunturas políticas do passado e a bipolaridade representada por Getúlio Vargas e Júlio Prestes. Infelizmente, a maioria dos jovens itapetininganos desconhecem o fato de termos um filho da terra eleito Presidente da República.

²⁶ PERSON, Luis Carlos. Arranjo produtivo local da pecuária de corte – microrregião de Itapetininga; análise sistêmica e influência nas cadeias do agronegócio regional. 2008. 85p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Tecnologia em Agronegócios). Faculdade de Tecnologia de Itapetininga. Itapetininga, SP, 2008.

²⁷ No Estado de São Paulo, um módulo fiscal é igual à 22ha.

e/ou de subsistência. Esses dados agrícolas atuais remetem à cultura caipira da região. Desconheço trabalho acadêmico, nas ciências sociais recente que tenha como tema o sujeito, o cotidiano ou as tradições caipiras do município. A intenção desse trabalho é enfatizar que essa cultura própria da zona rural, mesmo imersa na “modernidade”, que impõem padrões, generaliza e homogeneiza os costumes, dita aos sujeitos regras de produção e consumo que garantem as necessidades básicas para se viver nos centros urbanos, permanece viva e forte, graças ao cuidado das novas gerações que valorizam e reproduzem o legado de tradições caipiras.

CAPÍTULO I

1 O MUNICÍPIO DE ITAPETININGA

Assim ao fundar-se a vila, em 1770, cerca de uma légua distante do rio e do antigo povoado, já os três tipos humanos aí se encontram: portugueses, descendentes na condição de dominadores; índios, negros e mestiços, seja na condição de escravos, seja na de míseros homens livres²⁸.

Itapetininga está localizada na rota da Estrada Real do Sul, foi fundada em consequência do pouso de tropeiros às margens do rio que leva seu nome - Rio Itapetininga. Os tropeiros enfrentavam muitas dificuldades nas suas idas e vindas pelo sertão, do litoral ao interior e vice-versa, em cima de mulas por rotas precárias, sinuosas, estreitas e perigosas. A cada 20 ou 25 quilômetros era necessário apejar e foi nesses pousos que muitas cidades da região foram fundadas a partir de uma capela, de um povoado que evoluía para um arraial, uma freguesia, uma vila até transformar-se em cidade. Assim também foi com Itapetininga.

O primeiro núcleo de tropeiros que levaria à fundação da cidade surgiu em 1724 por conta do bom pasto, da terra fértil e das poucas 12 léguas que a distanciavam da vila de Sorocaba, isso facilitava o manejo da tropa. O português Domingos José Vieira e seus homens, em 1760, deixaram o Bairro do Porto e fundaram mais um pouso, este circundado por dois ribeirões, Ribeirão do Chá e Ribeirão dos Cavalos, aonde em 05 de novembro de 1770 Simão Barbosa Franco fundou e administrou a nova vila de Nossa Senhora dos Prazeres de Itapetininga. Em 1855 a vila tornou-se cidade.

Itapetininga é um vocábulo tupi-guarani que significa pedra seca, ou caminho de pedras secas. A história oral contada pelo antigo comerciante Francisco Weiss, sugere que o nome da cidade deveria ser Tapetininga que significa caminho seco. Dizia isso baseado em documentos de 1700, segundo os quais o governador da época determinou a abertura de um caminho novo para o Sul, que permanecesse sempre seco, em substituição ao antigo, que era constantemente encharcado²⁹.

²⁸ NOGUEIRA, 1998, p. 39.

²⁹ Essas referências são facilmente encontradas em sites que contam a história de Itapetininga. O senhor Francisco Weiss foi um antigo comerciante, proprietário da Casa Weiss. Moradores antigos

Tropeiros, índios e portugueses foram os principais responsáveis pela gente dessa terra. A região era chamada de “boca do sertão” durante o período escravocrata, devido a pouca população, à zona de campos naturais, à criação e ao comércio de animais, características que tornaram a região de Itapetininga procurada por escravos em fuga de São Paulo, Itu, Sorocaba, Porto Feliz, Tietê e de todo sul do país³⁰. O quilombo Água Fria localizava-se bem próximo de Itapetininga aonde hoje está localizado o município de Guareí.³¹ A “boca do sertão”, estava distante da fronteira econômica aonde desde o século XVIII até meados do XIX, povoadores, bandeirantes e, ou tropeiros lutaram e dizimaram indígenas até a mão de obra ser substituída pela escravidão negra e posteriormente pelo trabalho servil.

As únicas atividades econômicas desenvolvidas no tempo da fundação da vila eram a pecuária, a lavoura de subsistência e o comércio de animais - cavalares, muares e bovinos e, a mão de obra utilizada era, predominantemente a de descendentes de índios já domesticados. Em uma região economicamente pobre, onde a procura de mão de obra era modesta, a proporção de escravos negros valiosos era quase reduzida.

Uma das ações mais praticadas no sertão itapetiningano no início da fundação da cidade era a matança consentida de índios pelos fazendeiros fundadores. Com requintes e táticas de guerra, chegaram a receber 50 índios da região central do Brasil a fim de combater os da região. Os índios não incomodavam os moradores da vila, mas atacavam e pilhavam as duas maiores e importantes fazendas da região. Nada fácil era capturar e matar os índios, conhecedores do sertão, eles viviam escondidos.

Ao longo do século XVIII, os negros, índios e brancos descendentes dos colonizadores foram dando corpo ao caldo populacional, onde os mais brancos já nasciam privilegiados em relação aos que não tiveram a mesma sorte. Esses “quase brancos” quando livres, conseguiam ocupações privilegiadas em relação aos “quase negros”.

também contam essas histórias quando abordados.
<http://portal.itapetininga.sp.gov.br/sobre/1204/historia-de-itapetininga>

³⁰ A “boca-do-sertão”. In: NOGUEIRA, 1998, p. 74.

³¹ Os moradores antigos da região comentam o fato da existência de um quilombo em Guareí. Na obra pesquisada de Oracy Nogueira (1998, p. 79) existe a menção ao quilombo e a referência às publicações contidas no jornal *O Município*, em 1874.

Em 1799, a paróquia da vila de Nossa Senhora dos Prazeres de Itapetininga, registrava o total de 2860 indivíduos, o grosso da população era constituído por sujeitos híbridos. Dentre esses estavam os designados pardos, que eram o produto da mistura entre índio e negro, negro e branco e toda a gama de cores produzida pela miscigenação.

Em 1830 e 1850, Itapetininga viveu um apogeu econômico, primeiro com a mineração das lavras no rio Paranapanema, depois veio o apogeu do comércio de animais e por último com as lavouras de algodão herbáceo. Esse também foi o período em que a mão de obra escrava negra foi mais utilizada. Mesmo assim, raro era o fazendeiro que possuía mais de uma dezena de escravos.

Para o proprietário, representa o escravo o mais eficiente e extraordinário instrumento de produção, a máquina mais perfeita que, uma vez orientada, conduz por si própria. O escravo é, pois, tão importante, ao seu sucesso econômico, há um abismo tão grande entre quem tem e quem não tem escravo que, ao senhor, é inconcebível abrir mão espontaneamente, de tal privilégio. O escravo é a segurança econômica sua e da família, sua poupança, seu lucro, seu capital invertido, a isenção de trabalho manual, a projeção social e política³².

O “grosso” da fortuna dos fazendeiros locais era os escravos. Mesmo nos últimos anos que antecederam a abolição, os proprietários eram declaradamente contra os abolicionistas, pois o movimento afetava diretamente o seu patrimônio visto que os escravos representavam o capital de maior valor. Em 1874, um escravo em Itapetininga valia o equivalente a três ou quatro cavalos ou 56 cadeiras no circo.³³

Mas, havia uma brecha social entre os proprietários e os escravos. No século XVIII essa brecha correspondia a 90 % da população. Os homens da camada superior (5%) administravam seus bens, exerciam cargos públicos e comercializavam mercadorias. Os outros homens (90%) competiam pela vida. A brancura da pele garantia vantagem. Os ofícios desenvolvidos por essa gente eram os de: ferreiros, carpinteiros, curtidores etc. Havia também os lavradores, os mineradores, os viajantes os soldados rasos e os mendigos; entre as mulheres, havia as costureiras. Essa parcela da sociedade não conseguia galgar cargos nas companhias de ordenanças ou nas milícias, não podiam ser negociantes, sacerdotes ou tabeliões. Abaixo destes

³² NOGUEIRA, 1998.

³³ NOGUEIRA, 1998, p. 49; 48.

estava os escravos que faziam todo o trabalho manual. Isso explicava a repulsa dos homens livres a esse tipo de ocupação. Um homem livre que ansiava pela ascensão jamais poderia fazer um trabalho manual. Essa concepção foi verificada na localidade até a década de 40 do século passado.

Durante todo o século XVIII e XIX a sociedade itapetiningana esteve assim dividida. A massa híbrida era o grande contingente populacional que caracterizava a cultura local através das relações entre proprietários e escravos, realçando a identidade indígena, portuguesa e negra. Os proprietários mesmo em vésperas da abolição prezavam seu maior bem, o escravo, cuidando para que não fugisse e, quando fugas aconteciam, ofereciam grandes recompensas a quem os encontrasse. Ter um escravo era garantia de conforto e bem-estar econômico, social e pessoal. Já o caipira não tinha valor econômico a não ser a força de trabalho que oferecia na maioria das vezes em troca de gratidão e dum mísero agrado.

Em julho de 1835, a Câmara da Vila de Itapetininga institui, a fim de regular o comportamento da população de cor que não estava se comportando devidamente como esperava o grupo dominante, três artigos de posturas. O primeiro determinava que o negro que fosse à missa deveria ficar sob o coro; se descumprisse o artigo, ficaria preso por 3 dias e deveria pagar 500 a 1.500 réis ou seria açoitado 50 vezes em público. O segundo determinava que, se mais de cinco pretos se agrupassem na vila sem estar a serviço dos senhores, seriam açoitados 20 a 25 vezes em público. Finalmente o terceiro artigo determinava que todo preto que fosse encontrado sem bilhete do senhor, depois do toque de recolhida seria preso e o seu dono deveria dar-lhe 20 a 50 açoites em público.³⁴

Neste período, pré-abolição, havia em Itapetininga abolicionistas, que eram, na maioria comerciantes e professores, mas um advogado advindo de uma família de proprietários escravocratas destacou-se no empenho pela causa abolicionista, Venâncio de Oliveira Aires. Foi eleito deputado pelo partido Conservador em 1868, mas logo percebeu que o partido e a bancada não representavam seus ideais. Declarou-se, então, republicano e voltou a terra natal para dedicar-se à república e à abolição.

³⁴ NOGUEIRA, 1998, p. 75.

No dia 17 de abril de 1873, dia da inauguração da Estrada de Ferro Ituana e véspera da Convenção de Itu, justamente à hora da solenidade, teria Venâncio Aires chegado, a cavalo, todo empoeirado, de lenço ao pescoço e pala às costas e, reconhecido por alguém dentre a multidão, aceitou a solicitação e proferiu em discurso, um “tremendo libelo” contra a monarquia³⁵.

Venâncio Aires, publicamente manifestava a sua posição abolicionista não apenas nas causas judiciais, mas, sobretudo nas atitudes. São alguns exemplos: em ocasião de seu estudo e estadia no Recife, foi-lhe dado três escravos que deveriam servi-lo e trabalhar para custear suas despesas; estando locado no destino estudantil, libertou-os publicamente numa festa de estudantes. Outro fato interessante ocorreu em Itapetininga em 1873, o advogado abolicionista promoveu e custeou a festa de casamento em honra de uma de suas escravas, serviu os noivos por suas próprias mãos e declarou a nubente liberta. Outros fatos tocantes e dignos de nota ficaram na memória dos moradores. Em 1873, Venâncio Aires partiu para o Rio Grande do Sul, em decorrência do desgosto que a militância abolicionista causava à sua família; em terras gaúchas tornou-se um dos mais populares propagandistas da abolição e da mudança do regime político.

Na mesma época, em 1873, foi fundado o jornal “O Município”, tendo como um dos seus mentores, Venâncio de Oliveira Aires. A imprensa local do período caracterizava-se pelo republicanismo e abolicionismo sempre dando ênfase às conquistas, denunciando as atrocidades, comentando e sugerindo condições dignas para a população livre. Uma dessas sugestões era o sistema de trabalho de parceria que visava arrebanhar a massa de libertos decorrente da abolição da escravatura. A parceria sugerida era preferível ao trabalho assalariado, pois esse deixaria o trabalhador acomodado com a garantia de renda; ao contrário da parceria, era a forma de educar o trabalhador a lutar pelo lucro através do esforço.

Nessa época surge uma nova classe, a dos “ingênuos”, são os descendentes dos escravos livres (Lei do Ventre Livre -1871) que continuam marginalizados. Essa nova massa desqualificada inspira constante preocupação da alta sociedade que alega que estes sujeitos encheriam as instituições penais e que, por falta de formação adequada, eram impedidos de desempenhar os deveres eleitorais. Esses “ingênuos” vão engrossar e temperar o caldo caipira na zona rural do município e são os sujeitos

³⁵ NOGUEIRA, 1998, p. 95.

que desempenharão a parceria trabalhando duro para os senhores em troca de um pedaço de terra e eterna fidelidade e gratidão.

No final do século XIX, chega ao cotidiano da zona rural de Itapetininga, imigrantes advindos do Líbano, os genericamente chamados “turcos”. Esses turcos dedicaram-se principalmente ao comércio e abasteciam os sítios em seus simplórios estabelecimentos comerciais com gêneros alimentícios como açúcar, café, trigo, arroz e aguardente, traziam da cidade fazendas simples para a confecção de roupas ou adornos decorativos para as casas e utensílios domésticos (bacias, panelas, ratoeiras, lamparinas, velas, botinas) que começaram a incrementar a vida doméstica do morador do interior do Estado.

Nesse mesmo período, Itapetininga teve certo apogeu decorrente do cultivo do algodão e do avanço urbanístico propiciado pela construção da Escola Peixoto Gomide, fundada em 1888, importante e pioneiro centro de formação de professores. Devido ao apogeu cultural, Itapetininga foi chamada de Atenas do Sul. Também nessa época, Itapetininga contava, além da Escola Normal Peixoto Gomide, com faculdade de farmácia e odontologia, e uma bem sucedida urbanização consequente das lavouras de algodão e das benfeitorias públicas concedidas na época pelo governador do Estado Fernando Prestes, natural da cidade vizinha Angatuba, e, mais tarde, por seu filho Júlio Prestes, itapetiningano que em 1930 foi eleito presidente da república.

Itapetininga teve uma representação histórica significativa, a região foi palco de batalhas da Revolta Paulista de 24, também chamada de Revolta Tenentista e na Revolução Constitucionalista de 32, por conta da localização próxima ao estado do Paraná. Durante essa revolta, as imediações entre Itapetininga e Capão Bonito sediaram sangrentas batalhas lembradas até hoje nas narrativas dos idosos da região, nos nomes dos riachos “Rio das Almas”, “Rio das Mortes” e nos vestígios físicos como trincheiras e projéteis encontrados em sítios da região.

A locomotiva e a malha ferroviária, estandartes do progresso econômico, também chegam ao interior e puseram fim ao ofício do tropeiro. Esse deixa a atividade nômade e firma residência nas pequenas cidades ou nos sítios espalhados pelas zonas rurais aonde geralmente monta um pequeno armazém, venda de secos e molhados e adere à cultura caipira.

A região pesquisada, também foi chamada de Ramal da Fome. O trem que ia em direção ao sul do país, era composto pelo vagão restaurante até a estação de Sorocaba, a partir das próximas estações, que incluíam Itapetininga, o trem seguia

viagem sem o restaurante e os passageiros ficavam famintos. Os antigos itapetininganos contam sempre esse fato.

Oracy Nogueira, nos anos 40, encontrou em Itapetininga uma sociedade dividida em três classes. A “classe alta”, assim denominada pelos próprios integrantes era composta por indivíduos e famílias cuja subsistência e padrão de vida não dependiam do trabalho manual próprio ou trabalho que implicasse a sua subordinação à iniciativa alheia. As “famílias tradicionais” que representavam essa classe preocupavam-se com a genealogia, valorizavam os bens e os meios de obtenção para que a acumulação de capital os mantivesse e garantisse estabilidade social nessa classe, eram profissionais liberais que se preocupavam com a educação dos filhos a fim de garantir oportunidade profissional privilegiada. Os comerciantes ocupavam lugar de destaque na “classe alta” que correspondia a cerca de 5% do total. Eram descendentes dos proprietários de terras e fundadores da vila no século XVIII.

A “classe média” era constituída principalmente por professores, pequenos funcionários públicos, empregados do comércio, pequenos comerciantes e pequenos artífices possuidores de suas próprias oficinas. Esses sujeitos embora não tivessem a posição privilegiada da “classe alta” preocupavam-se em alcançá-la e imitá-la, no trajar, no falar e em outras maneiras que a caracterizavam, esquivando-se dos trabalhos “impróprios”, trabalhos manuais, considerados pesados e sujos. Esses membros viviam de ordenados ou pequenos lucros que impunham moderação e disciplina nos gastos. O emprego, que nessa época já oferecia pensão alimentícia, aposentadoria e licença remunerada, garantia estabilidade e segurança econômica aos membros dessa classe. Além da preocupação em eximir-se do trabalho manual, preocupavam-se com a educação e oportunidade para os descendentes pois seria através delas que se alcançaria a tão sonhada “classe alta”. A classe média abrangia menos que 20% da população local na década de 40 do século XX.

A terceira classe era a mais numerosa, caracterizava provavelmente 75% da população do município. Os membros dessa classe não tinham outra forma de garantir a sobrevivência além de alugar o próprio trabalho às classes dominantes. Na zona rural eram agricultores sem-terra, nas cidades eram empregados de fábricas e oficinas, trabalhadores de rua, empregados domésticos, engraxates, pedreiros etc. Eram sujeitos que não dispunham de segurança econômica, dependiam da boa saúde física, isso garantia o trabalho, não gozavam de nenhum conforto ou assistência, comiam alimentos simples. Eram notados pelo modo de vestir, falar, o trato pessoal,

a atitude e a pouca instrução. A roupa era rústica e barata, calçavam sapatos velhos ou pés no chão; não usavam regras na linguagem, “falavam errado” denotando a falta de escolaridade; o trato pessoal era precário, dentes estragados, barbados, cabeludos, mãos calejadas, não se envergonhavam do trabalho manual, não tinham medo de sujeira, aceitavam as doenças com fatalismo e quanto à instrução, eram analfabetos ou tinham instrução rudimentar.

Esse era o caipira de Itapetininga até a metade do século XX e até hoje, muitas pessoas, preconceituosas veem o homem simples do interior travestido de mazelas. A pobreza aparente referia-se às condições precárias de uma parcela da população, a maior delas na época, mas, nem por isso, os moradores da zona rural trajam-se mal ou ignoram hábitos de higiene, essa era uma condição social que limitava os integrantes dessa classe ao cuidado pessoal. Também a maneira como se expressavam não significa que sejam ignorantes ou pouco escolarizados; o que acontecia era que por muito tempo a educação no Brasil, não era democrática, somente as pessoas abastadas frequentavam as escolas que geralmente se localizavam nos centros urbanos; nas zonas-rurais eram poucas e precárias as instalações. O modo como esses sujeitos encaravam o trabalho braçal caracteriza as práticas agrícolas que muitas vezes requeriam força e destreza, não era necessariamente rusticidade. A maneira de encarar a morte e a doença com fatalismo, também não vale para o tempo atual, nem todos os homens do campo pensam dessa forma, o que acontecia era que, no período em questão, a saúde pública era quase inexistente, a locomoção era complexa, não havia meios de transporte como hoje em dia e também havia a questão religiosa que de certa forma, consolava a dor da impossibilidade de cuidados adequados para determinadas moléstias que muitas vezes levavam à morte. .

Itapetininga foi fundada no auge da escravidão. Desde a fundação do arraial no século XVIII que evoluiu à vila e, em 1855, passa à condição de cidade. Em Itapetininga a população era composta em sua maioria por sujeitos híbridos e a maior parte da massa populacional residia e trabalhava na zona rural. Bem mais tarde, os dados do recenseamento de 1940, época em que Oracy Nogueira dedicou-se a pesquisa local, apresenta uma população de 34.437 indivíduos. A maioria era constituída por indivíduos brancos (89,77 %), pretos (5,21%), pardos (3,99%), amarelos (1,11%) e de cor não declarada (0,02%).

População residente amarela	1.510 habitantes
População residente branca	112.401 habitantes
População residente indígena	96 habitantes
População residente parda	26.860 habitantes
População residente preta	3.510 habitantes
Total	144.377 habitantes
Moradores da zona rural	13.327 habitantes
Moradores da zona urbana	131.050 habitantes ³⁶

Os dados do último censo indicam que a maioria da população Itapetiningana é branca, seguida dos pardos, pretos, amarelos e indígenas. É impressionante como, em 60 anos, a “cor” da cidade mudou e como a ideologia da mestiçagem repercutiu e embranqueceu a população. Lamentável também é a presença ínfima de indígenas que ainda resistem, creio eu, serem advindos de outras regiões. Particularmente, desconheço a presença de indígenas na cidade.

³⁶ Itapetininga, SP. Censo IBGE 2010. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=352230&idtema=90&search=sao-paulo|itapetininga|censo-demografico-2010:-resultados-da-amostra-caracteristicas-da-populacao-Dados IBGE censo 2010>>. Acesso em: 03 out. 2015.

1.1 A CULTURA CAIPIRA

A mula-sem-cabeça da Varginha

Conta-se que em determinada noite de sexta-feira, um jovem solteirão morador de um sítio no Bairro da Vázea, dirigiu-se ao Bairro da Varginha para fazer compras em uma venda de secos e molhados lá existente.

Como não era tempo de safra, sua família estava sem dinheiro, e ele foi até aquele estabelecimento comercial com o propósito de comprar fiado, ou seja, fazer uma compra a prazo e pagar depois.

Era um rapaz muito tímido, pobre, envergonhado, medroso, inquieto, mas muito honesto. Morava em uma humilde casinha de pau a pique. Para sua surpresa, a venda estava cheia de fregueses quando ele chegou.

Ele pensou consigo mesmo:

– Como vou pedir fiado? Que vergonha!

Então, sentou-se em um rústico banco de madeira e ali ficou quietinho até que o último freguês fosse embora. Hora levantava, hora sentava. Saía para olhar o tempo e voltava para a venda. Assim que se viu só com o comerciante, ele fez sua compra como havia planejado.

Era tarde da noite, mais ou menos meia-noite e ele voltava para casa. Não caminhou muito pela trilha de chão batido quando, em uma encruzilhada, ao lado do rio Capivari, ele deparou com uma surpresa completamente inesperada. Deu de encontro com a Mula-sem-cabeça soltando fogo pelo pescoço e relinchando. Ele não titubeou. Agarrou firmemente a mala de pano, dentro da qual estava sua compra e saiu correndo sem olhar para trás e nem para os lados. Não enxergava nem os buracos da trilha. Parecia estar voando.

Ao chegar deu um chute na porta derrubando-a e entrou como um doido, tremendo e chorando de tanto medo.

Sua mãe disse:

– O que é isso meu filho? O que aconteceu?

Ele respondeu tremendo, horrorizado:

– Eu vi a Mula-sem-cabeça!

Como é de costume dos antigos, sua mãe lhe deu água com açúcar para acalmar os nervos.³⁷

Considerando que a cultura está localizada na alma e no coração dos homens, é própria dos sujeitos e manifestada nos cotidianos aos quais eles pertencem, algo que eu não adquiero, mas que caracteriza as pessoas de um determinado local, não pode ser inventada mas, ao mesmo tempo, é um complexo de ideias que só ganham sentido quando de fato conhecemos as histórias, as conjunturas e entendemos as relações que se manifestam nos modos de ser e viver. Eu não posso querer ser caipira ou querer ser quilombola, por exemplo, eu preciso estar imerso, inserido e fazer parte daquele cotidiano aonde as coisas próprias do local acontecem e aonde os sujeitos daquele lugar desenvolvem com particularidades as suas expressões no falar, no pensar, no rezar, no festejar, no cantar, etc.³⁸,

Para compor essa pesquisa e entender de fato o modo de ser caipira, tomei como fontes, os causos e as lendas que foram narrados de geração em geração. As narrativas permitiram mergulhar no imaginário dos sujeitos e nos labirintos do cotidiano rural. Foi nos “causos” que percebi a manifestação explícita das formas de ser e fazer.

Metade da arte narrativa está em evitar explicações. (...) O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação.³⁹

O cotidiano caipira é marcado pela tradição e pelo apego às coisas da natureza. No modo de vida caipira as relações e os fazeres acontecem de acordo com o que

³⁷ “A mula-sem-cabeça da Varginha”. Lenda contada por Cezarina de Oliveira Delgado. O distrito da Varginha faz parte do cotidiano caipira pesquisado. É nesse bairro que está localizada a Escola Evônio Marques aonde a maioria dos entrevistados estudou.

³⁸ GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

³⁹ BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas. Rua de Mão Única. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 203.

está estabelecido há muitos anos e perpetua-se no dia-a-dia dos homens do campo. Como as tradições estão incutidas no imaginário popular, para quem vive nesse cotidiano, os causos fazem sentido, são narrativas do imaginário da zona-rural.

Contos e lendas parecem ter o mesmo papel. Eles se desdobram, como o jogo, num espaço executado e isolado das competições cotidianas, o do maravilhoso, do passado, das origens. Ali podem então expor-se, vestidos como deuses ou heróis, os modelos dos gestos bons ou maus utilizáveis a cada dia. Aí se narram lances, golpes, não verdades⁴⁰.

Ainda hoje, quando menciono o termo “caipira”, a maioria das pessoas ouve com chacota, pois o termo geralmente é usado para identificar os sujeitos de maneira jocosa⁴¹. O próprio caipira fica constrangido com a denominação. O termo se refere à pessoa rústica⁴², aos moradores das zonas rurais dos estados do Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro e Espírito Santo do Brasil. Esse enorme território que no passado foi sertão de toda sorte de pessoas que viviam como Deus mandasse e a natureza provesse. O enorme sertão brasileiro foi explorado pelos bandeirantes e, do campo, fez-se a cidade “Para designar os aspectos culturais, usa-se aqui caipira, que tem a vantagem de não ser ambíguo (exprimindo desde sempre um modo de ser, um tipo de vida, nunca um tipo racial)”.⁴³

O caipira pode ser branco, negro, oriental ou indígena, o que o define é o modo de vida geralmente ligado à natureza, o respeito à maneira como os antepassados viviam, a manutenção das tradições e a fusão cultural, principalmente indígena e portuguesa que caracterizaram esse tipo humano mestiçado. Embora, em sua gênese, o paulista tenha se isolado no sertão, ele era nômade e foi graças a esse nomadismo e isolamento que o controle da região foi garantido, o fortalecimento das tradições foi mantido.

⁴⁰ CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano 1. Artes de fazer. 14. ed.; tradução Efraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 84.

⁴¹No vídeo: “O caipira de Antonio Candido”, o autor de “Os parceiros do Rio Bonito, faz uma explanação sobre o caipira, o sujeito rústico e a maneira como ele tem sido representado. Disponível em: O caipira, entrevista com Antonio Candido. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zm3Pz8qxqNA>>. Acesso em: 30 dez. 2015.

⁴² CANDIDO, 2010.

⁴³ Id.

O caipira não precisa estar fixado na zona rural, ele frequenta a cidade, interage na urbanidade sem perder as suas tradições. Muito embora, para algumas pessoas, principalmente aquelas que perderam as raízes agrícolas, ser caipira é desvantajoso, pois parece significar a recusa ao progresso e ao sucesso social instituído pela cultura de massa. Esse equívoco acontece, por que, muitas vezes, o caipira foi visto e pensado por uma gente letrada e urbana, gente que não vive o que ele viveu, que não habita o seu lugar e que não se relaciona com a natureza como ele. Como qualquer conceito, o “caipira” também é uma invenção e, para inventá-lo, foi comparado com o que ele não é, foi visto como o contrário do homem da cidade, do civilizado e do moderno, por isso foi representado como o ignorante ou o sem trato, a pior das gentes do caminho por onde o viajante passa⁴⁴ “Homem ou mulher que não mora na povoação, que não tem instrução ou trato social, que não sabe vestir-se ou apresentar-se em público [...] Habitante do interior, canhestro e tímido, desajeitado mas sonso”.⁴⁵

Caipira também expressa o modo de ser e comportar-se típico do morador do campo. Na lenda contada por Dona Cezarina, a personagem do moço é caracterizado como muito tímido, pobre, vergonhoso, medroso, inquieto, muito honesto, morador de humilde residência feita de pau-a-pique. Percebe-se na narrativa que apesar da rusticidade do ambiente em que vive, o rapaz é honesto, educado e simples, qualidades próprias dos moradores do campo que, para quem não conhece esse universo, vê como mero expectador e depara com a humildade do rapaz, a narrativa pode não fazer sentido, ou a personagem pode ser percebida como um alienado, ignorante. A dicotomia campo/cidade⁴⁶, humildade/esperteza, ignorância/sabedoria, não se aplica quando queremos de fato conhecer as tradições do cotidiano caipira. É claro que esse ser imaginário, a mula-sem-cabeça, é apenas um dos tantos mitos criados nesse universo caipira.

⁴⁴ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os caipiras de São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 12

⁴⁵ *Ibid.*: p.10.

⁴⁶ WILLIAMS, 2011.

Quando nas décadas de 40 e 50, do século passado, Antonio Candido, na elaboração da sua pesquisa, *Os Parceiros do Rio Bonito*, contribuiu para os estudos sociais brasileiros, pesquisando em Bofete, também no interior do Estado de São Paulo e bem perto de Itapetininga, nessa pesquisa, quase um tratado sobre o modo de vida caipira, ele definiu a “cultura caipira” como cultura rústica, uma das tantas culturas tradicionais brasileiras, resultado da fusão entre a cultura do colonizador europeu e a cultura dos povos nativos, mais tarde miscigenada com a cultura africana.

Pretende exprimir um tipo social e cultural, indicando o que é, no Brasil, o universo das culturas tradicionais do homem do campo; as que resultam do ajustamento do colonizador português ao Novo Mundo, seja por transferência e modificação dos traços da cultura original, seja em virtude do contato com o aborígine.⁴⁷

Definir o termo cultura é um tanto complexo. Pensando no cotidiano onde tenho pesquisado⁴⁸, no modo de vida das pessoas da zona rural do município de Itapetininga, com todas as suas características que, segundo Antonio Candido, compreende o universo caipira, pude perceber, elementos que identificam o modo de vida caipira ou as culturas rústicas. Nós só sabemos o que significa ser “caipira” devido ao modo como a “caipirice” veio a ser representada – como um conjunto de significados – pela cultura nacional brasileira.⁴⁹ A cultura caipira é portanto uma representação cultural. Da mesma maneira dicotômica como campo e cidade foi representado, a cultura caipira, também é associada aos estereótipos pejorativos referentes à zona rural. Peter Burke, diz que o termo “cultura” é muito problemático devido a sua abrangência e as modificações conceituais que o termo vem sofrendo ao longo da história. Um bom exemplo disso é a cultura alta e a baixa, isto é, cultura ou cultura popular. A cultura do homem do campo, por essa ótica que ranqueia as culturas, encaixa-se em cultura popular.⁵⁰ Recentemente o termo tem sido usado para

⁴⁷ CANDIDO, 2010.

⁴⁸ A Cultura Caipira que refiro está localizada na zona rural do município de Itapetininga e arredores.

⁴⁹ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*; tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2011, p. 49.

⁵⁰ “Com as novas modalidades de organização da cultura, de hibridização das tradições de classes, etnias e nações requerem outros instrumentos conceituais”. CANCLINI, 2003.

designar as produções populares, e assim o “popular” ganhou importância, passou a ser visto como produção dos povos.

O termo cultura costumava se referir às artes e às ciências. Depois foi empregado para descrever seus equivalentes populares – música folclórica, medicina popular e assim por diante. Na última geração, a palavra passou a se referir a uma ampla gama de artefatos (imagens, ferramentas, casas e assim por diante) e práticas (conversar, ler, jogar)⁵¹.

No cotidiano pesquisado, para os sujeitos aqui mencionados, a cultura caipira, está diretamente ligada aos hábitos que eles reproduzem no dia-a-dia.

Ela está no gesto da avó fazendo bolo de fubá, no chá de ervas, no arroz com frango, bolinho de frango, está no “xé”⁵², no jeitão de falar o R. Considero-me um caipira, pois nasci e cresci no interior, mantendo as características das comunidades rurais. Gosto de todos os aspectos da cultura caipira, das manifestações folclóricas, músicas, danças.⁵³

Durante as abordagens e as entrevistas, tive muito cuidado com a abordagem do tema “caipira” e observava como eles sentiam-se, conforme as “conversas” evoluíam, notava a importância que esses sujeitos dão ao termo que os caracteriza. Nenhum dos entrevistados, sentiu-se menosprezado ou constrangido, a definição própria partia sempre deles mesmos.

⁵¹ BURKE, Peter. O que é história cultural? Tradução Sérgio Goes de Paula. 2. ed. ver. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008, p. 43.

⁵² O “xé” é uma expressão utilizada na linguagem local que significa dúvida, sarcasmo ou ironia.

⁵³ Bob Vieira, em entrevista sobre o que é ser caipira.

1.2 O COTIDIANO

Sempre relegado ao terreno das rotinas obscuras, o cotidiano tem se revelado na história social como área de improvisação de papéis informais, novos e de potencialidade de conflitos e confrontos, em que se multiplicam formas peculiares de resistência e luta.⁵⁴

No cotidiano da zona rural, a sobrevivência só é possível através do entrecruzamento da natureza com a cultura. Os meios de subsistência presentes no campo devem ser vistos simultaneamente às realizações culturais desenvolvidas sob o estímulo das necessidades básicas. Para a obtenção do alimento, o sujeito da zona rural depende dos recursos da natureza e da cultura desenvolvida pelo grupo, dessa forma ele garante o meio produção agrícola. A junção entre o modo de viver e o modo de produzir caracterizam a cultura caipira, sem essa relação a cultura rústica não teria sobrevivido. Portanto, no cotidiano das zonas-rurais, a coletividade e a reciprocidade são imprescindíveis.

As tradições próprias do homem do campo estão manifestadas no dia-a-dia dos sujeitos, apreciadas na observância das vivências cotidianas perpetuadas através das narrativas, das rezas, das festas, das músicas, das danças, das maneiras de convivência e dos hábitos individuais. Essas práticas culturais são saberes do legado deixado pelos mais velhos, sujeitos que habitam esse cotidiano e contribuem para que a cultura caipira permaneça viva e pulsante através das tradições. Esse homem do campo, é consciente de sua condição quase que dependente da terra, mas não fez disso um entrave. Utilizou o que trouxe consigo e, mesmo quando está na cidade, não perde a identidade, adapta-se a urbanidade sem abandonar as origens. A cidade, isto é a zona urbana, é para o caipira o convite à novidade, ele aceita, frequenta, interage, participa, mas volta sempre para o bairro, o sítio, a casa, o lar; núcleo social que o define. Embora as tradições caipiras sejam para as gerações jovens da zona rural motivo de orgulho, pois evidencia as virtudes do legado híbrido tão característico e próprio desse povo, ainda assim, as luzes da modernidade urbana os atraem “A

⁵⁴ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX; prefácio de Ecléa Bosi. 2. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 14.

cidade pra nós é o lugar perfeito aonde sempre quisemos viver e ser feliz”⁵⁵ “A cidade é para mim um lugar de melhores oportunidades com relação a estudo e emprego”.⁵⁶

Para os sujeitos oriundos da zona rural, a zona-urbana é a provedora da modernidade, para eles caracterizada pela educação escolar, principalmente a educação especializada que pode proporcionar melhores condições de trabalho. Na zona rural de Itapetininga e região, as escolas municipais atendem aos alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I, garante também a merenda escolar e o transporte, a Secretaria do Estado da Educação, garante o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio. Muitos jovens optam por cursos técnicos (ETEC e FATEC) na área agrícola ou da área da saúde. A zona-urbana também oferece cursos de licenciatura e muitos optam pelo magistério. O comércio também atrai um grande percentual de jovens, alguns deles enquanto se especializam, buscam-no comércio renda para custear as despesas.

Acho que se eu tivesse ido estudar na cidade teria conseguido convencê-lo a me deixar fazer uma faculdade e com isso teria uma vida diferente. Sou formado em dois cursos técnicos: pela ETEC de Itapetininga em Gestão da Empresa Rural, e, pelo Colégio Tableau de Sorocaba em Técnico em Veterinária.⁵⁷

Luis Antonio, evidencia em seu depoimento, a posição do pai, morador e proprietário de sítio na zona rural, oposta ao ideal do filho. Para o pai foi melhor que ele ficasse na zona rural mas, para o filho, a cidade (zona-urbana) oportuniza educação e trabalho. Mesmo não tendo ido morar definitivamente na zona-urbana, ele estudou em respeitadas instituições, mas optou pela vida no campo.

Na região de Itapetininga, o sítio é hoje, o lugar aonde habitam os ancestrais e a tradição. Hoje não é mais o *locus* ideal, para o jovem. Toda oportunidade de contato com a urbanidade é atraente, dessa forma ele frequenta e protagoniza na cidade sem perder os laços com o campo “Uma comunidade caipira que conserva as formas

⁵⁵ Luiz Antonio Silva em entrevista sobre a zona urbana do município.

⁵⁶ Osiel Proença em entrevista também sobre a zona urbana do município.

⁵⁷ Luiz Antônio Silva, entrevistado sobre a sua formação acadêmica e a importância dos recursos e oportunidades presentes na zona urbana do município.

tradicionais de sociabilidade é, hoje, uma sobrevivência rara, confinada as áreas mais remotas e menos integradas no sistema produtivo”.⁵⁸

A escolha pelas atividades relacionadas ao campo, de certa forma, implica uma escolha pessoal e profissional que mantém as tradições mas, por muitos, é encarada como uma limitação profissional e/ou ausência de ambição. Morar na zona rural, ainda hoje, para muitos, significa a renúncia à modernidade. A educação formal, aquela oferecida pelas instituições escolares, é encarada como característica de modernidade e progresso pelos sujeitos pesquisados “Poucos se mantiveram na zona rural. A maioria habita nas cidades, sendo profissionais em várias áreas. São pedreiros, carroceiros, funcionários públicos [...] A cidade oferece mais condições de trabalho.”⁵⁹

Esse é o cotidiano rural pesquisado, aonde os moradores dos sítios nos bairros das zonas rurais do município de Itapetininga, no Estado de São Paulo, parte da antiga Paulistânia, boca do sertão, mantém vivas as tradições, nos festejos e costumes que garantem graça e sofisticação à identidade paulista. Esses sujeitos são os herdeiros das tradições caipiras, são pessoas comuns que trabalham, consomem, lutam, amam, rezam, vivem, morrem e fazem questão de preservar as tradições e rituais religiosos, nos rituais fúnebres, nas festividades, nas músicas, nas danças, no cozer e no fazer.

Nasci, cresci e trabalho com meu pai, na propriedade dele, na criação de aves e gado de corte. Construí minha casa aqui, minha esposa trabalha na escola no bairro vizinho, então tenho todos os motivos para permanecer na zona rural e nenhum motivo para sair daqui, aqui minha vida é muito tranquila. Tenho muitos amigos, conheço todas as pessoas residentes no bairro e muitas pessoas de bairros vizinhos. Tenho espaço para andar a cavalo, conversar com vizinhos, jogar bola no bairro próximo, ouvir música na varanda da minha casa. Aqui tenho paz, ar puro e sossego para descansar, sem barulho de carros, motos e caminhões. Minha segurança aqui é bem melhor que na cidade então não troco o sítio pela cidade.⁶⁰

A vida nas cidades grandes tende a homogeneizar os sujeitos, padronizando os comportamentos e adequando-os à urbanidade. Nas grandes cidades as tradições tendem a ser apagadas e a descaracterização da cultura caipira pode acontecer, ela

⁵⁸ RIBEIRO, Darcy, 2006.

⁵⁹ Bob Vieira, em entrevista, sobre os violeiros. A maioria deles já não habitam a zona rural, foram para as cidades em busca de melhores empregos. O modo de vida “moderno” contribui com o êxodo rural.

⁶⁰ Luis Antonio, narrando sobre o seu viver no cotidiano rural do município.

não desaparece, mas não está em evidência como no campo, ela compete com a cultura urbana e há uma fusão entre as outras culturas que garante a troca e a assimilação cultural.

CAPÍTULO II

2 O HOMEM DA ZONA RURAL, O CAIPIRA

Considero-me um caipira, pois nasci e cresci no interior, mantendo as características das comunidades rurais. Gosto de todos os aspectos da cultura caipira, das manifestações folclóricas, músicas, danças.⁶¹

Tenho orgulho de ser caipira. Cada um de nós desde o mais rico ao mais pobre, do caipira ao mais culto e do branco ao negro tem uma importância fundamental na sociedade, é como se o mundo fosse um motor e cada um de nós, fôssemos uma peça que às vezes para muitos parece insignificante, mas, o motor não funcionaria sem ela. Por isso tenho orgulho das minhas raízes. Se tivesse outra chance de nascer e pudesse escolher, não trocaria jamais minha origem caipira e simples por um berço de ouro... A gente que é caipira, muitas vezes em roda de amigos mais cultos, somos deixados de lado por não saber nos expressar direito e no dia a dia, no trabalho as vezes as pessoas tiram sarro da maneira de falarmos.⁶²

A zona rural paulista corresponde à região que antigamente foi chamada de Paulistânia⁶³. Esse grande espaço territorial compreende os estados do sudeste, parte do centro e do sul do Brasil. Todo esse espaço já foi sertão explorado pelos bandeirantes que tinham por objetivo ocupar o território e capturar índios. Vilões ou mocinhos, esses sujeitos foram importantes para a formação territorial e cultural brasileira.

O termo caipira originou-se do tupi Ka'apir ou Kaa-pira que significa cortador de mato, nome dado aos colonizadores bandeirantes pelos índios guaianás. Também refere-se aos homens que ainda não assimilaram as “maneiras da cidade”, mantendo-se envergonhado, tímido.⁶⁴ Os primeiros bandeirantes foram forasteiros portugueses

⁶¹ Bob Vieira, narrando sobre o que é ser caipira.

⁶² Osiel, narrando também sobre o que é ser caipira.

⁶³ O Povo Brasileiro de Darcy Ribeiro, capítulo 7 – O Brasil Caipira. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-boRNxulANE>>. Acesso em: 30 dez. 2015.

⁶⁴ SANCHES, Durce Gonçalves. O modo de vida do caipira em obras de Almeida Júnior. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura). Universidade de Sorocaba. Sorocaba, SP, 2010.

que exterminavam índios e desbravavam o sertão. Desse contato surgiu um tipo humano que deu origem ao caipira.

Como já mencionado no capítulo I, na região de Itapetininga a presença africana é pouco notada devido à ausência de monoculturas agrícolas como a cana-de-açúcar ou o café. Por aqui, até o século XX, não havia muitas lavouras dispendiosas de mão de obra escrava, o que havia eram povoados economicamente pobres, que sobreviviam do comércio simplório desempenhado pelos próprios moradores que vendiam na feira ou em rudimentares estabelecimentos a própria produção e raramente artigos da metrópole ou da capital fornecidos por caixeiros viajantes. Nas pequenas roças que garantiam a sobrevivência dos caipiras, eram os próprios entes que desenvolviam o preparo, o plantio, o cuidado, a colheita dos alimentos, o compartilhamento com os parentes e a venda do ocasional excedente, tudo de forma familiar.

Oracy Nogueira não designa “caipira”, mas, menciona em sua obra referente à sociedade itapetiningana, justamente na parcela social dos não proprietários e não escravos do século XVII, um sujeito que bem se enquadra ao que já caracterizou Antonio Candido como “caipira”. São os sujeitos que estão à margem do sistema econômico, retraídos como trabalhadores e amesquinados como consumidores. A camada dominante os mantinha através do recrutamento para a execução de tarefas que não convinha dar ao escravo e que não interessava à parcela de homens livres mais próxima a eles, aqueles que se esquivavam dos trabalhos manuais.

[...] são os camaradas destinados à se deslocar à grandes distâncias na busca e na condução de tropas, são os agregados que se alojam nas terras dos senhores, como elementos de confiança, prontos a lhes defender os interesses e lhes prestar serviços ocasionais; são os elementos recrutáveis para as atividades militares; são ainda aqueles cujo concurso se torna decisivo, nas competições interclasse a que os senhores estão sujeitos.⁶⁵

Esses sujeitos habitavam a zona rural, as terras dos senhores proprietários e criaram com esses laços de parentesco e gratidão pela mísera condição que lhes cabia de “não escravos”, porém incapazes de mobilidade social. Eram caipiras, na grande maioria sujeitos híbridos, portanto, Itapetininga é uma terra aonde o hibridismo cultural se fez presente desde a sua gênese.

⁶⁵ NOGUEIRA, 1998, p. 66.

Para Antonio Candido, o caipira é o bandeirante atrofiado⁶⁶, isto é, o sujeito que não se radicou na cidade desenvolvendo atividades ligadas ao comércio, às finanças ou a manufaturas, ele continuou e desenvolveu-se no sertão, perpetuando as tradições ancestrais. O caipira é um dos tipos do homem rural do Brasil e, conforme a região, há uma denominação, há tendência para chamar qualquer pessoa de cultura rústica do interior de caipira, mas o caipira é o morador do campo que vive numa sociedade relativamente homogênea com valores tradicionais muito marcados, fruto da evolução histórica do grupo social radicado em São Paulo, fruto de uma sedimentação histórica cultural que lhe atribuiu características próprias. Não podemos perder de vista a identidade portuguesa do caipira, ele é um tipo humano híbrido, fruto da fusão da cultura portuguesa com as culturas indígenas locais, é difícil diferenciar o que é português do que é indígena.

O paulista controlava uma grande área, era nômade, andou por quase todo o Brasil, conferindo elementos próprios que caracterizam o caipira, o isolamento e nomadismo. O bandeirantismo foi uma atividade econômica que se baseava no aprisionamento e comércio de índios como trabalhadores para os engenhos do nordeste, ou de onde houvesse necessidade; isso gerou no bandeirante uma sede de território que perdura até quando ele deixa de fornecer mão de obra para o mercado e sedentariza-se, aí esse bandeirante se torna caipira, uns tornaram-se fazendeiros, exportadores, gente que ganhou dinheiro nas cidades (São Paulo, Sorocaba, Itu, Parnaíba, Taubaté), outros ficaram perdidos na imensidão do território, o homem rural, que deixou de ser protagonista na economia de mercado e se transformou num produtor para si mesmo, o bandeirante atrofiado.⁶⁷

Esse homem da zona rural, possui uma características peculiar, o modo de falar. Os nativos dessa terra, falavam inúmeras línguas autóctones oriundas de diversos troncos linguísticos. Por conta da chegada dos europeus e dos impactos da colonização, os indígenas catequisados, aprenderam a falar o idioma português, este já marcado por outras línguas advindas do contato com outras culturas que deixaram marcas impressas no idioma português. A língua que falamos é um mix desses

⁶⁶ O caipira com Antonio Candido. Neste vídeo Antonio Candido faz excelente explanação sobre o homem rural que ficou perdido na imensidão de território, deixou de ser o protagonista da economia de mercado, tornou-se um produtor para si mesmo, um bandeirante atrofiado. O caipira, entrevista com Antonio Candido. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zm3Pz8qxqNA>>. Acesso em: 30 dez. 2015.

⁶⁷ Id.

inúmeros idiomas que vieram carregados de impressões. Se não fosse a pressão do colonialismo, podíamos hoje ser bilíngues. A Língua Geral Paulista é uma mistura temperada pelas marcas de contato. O paulista antigo falava a língua geral, que era uma variante do idioma dos índios Tupi de toda costa⁶⁸. Se olharmos para os nomes próprios do século XVII e XVIII, vamos logo perceber a forte influência indígena (Anhanguera, Itapetininga, Ubatuba) “A língua oti, do tronco Jê, possuía sons que os grupos de língua tupi não tinham, como o r retroflexo. Ele permanece até hoje no r paulista, conhecido como o r caipira”.⁶⁹

Esse jeito próprio de falar, praticado por muito tempo por pessoas com pouca ou nenhuma escolaridade foi amplamente estigmatizado. Estudos recentes, no entanto, apontam que certos aspectos linguísticos presentes no chamado dialeto caipira e apontados como sendo errados pela gramática normativa, podem ser encontrados nos textos pré-clássicos, anterior à presença da língua portuguesa no Brasil. Algumas palavras usadas pelos sujeitos do interior, muitas vezes consideradas erradas ou feias pela forma padrão atual, em épocas passadas eram as únicas formas consideradas corretas. Um bom exemplo é o “vosso” tão usado no cotidiano rural e estranho aos ouvidos dos sujeitos urbanos.

Vem de lá das rodas de conversa entre os parentes, no tear das tradições que os caipiras velhos tramam perpetuamente, as prosas e os causos, manifestados concretamente em forma de costumes, crendices, modos de ser, pensar e fazer. Vez ou outra agradecem a todos nós em forma de arte pensada e manifestada nos artesanatos, nas melodias, nas cantigas e nas poesias.

“Era dumingo de mês
e dia de Santa Inês: —
tinha festa no arraiá.
Minha mãe, as criança da
tudo de rôpa trocada,
na capela foi rezá;
fugino por ôtra estrada

⁶⁸ RIBEIRO, Darcy, 2006.

⁶⁹ FREIRE, Bessa José R. Índio falou, tá falado. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, ano 9, n. 100, janeiro 2014, p. 46.

c'o Pitoco fui caçá.”⁷⁰

Além do utilizar a maneira de falar peculiar dos moradores da região em seus poemas, Nhô Bentico soube expressar a maneira de ser dos sujeitos do interior. Utilizou as palavras da nossa terra manifestando o modo caipira de ver e entender a vida. João Guimarães Rosa, em *Grande Sertão: Veredas*, afirma que o dialeto caipira não é apenas uma língua, é também um modo de pensar e definir o mundo⁷¹. Nhô Bentico usou com maestria a simplicidade caipira em seus poemas.

A poesia “Pitoco” expressa bem o sujeito caipira com todo sentimentalismo e a ligação com a natureza. O cotidiano descrito nos remete aos matagais repletos de perigo e aventura aonde a criançada de antigamente e, ainda hoje, brinca de faz-de-conta em total harmonia com a natureza. O apego ao cão demonstra o modo de ser sentimental do caipira que tanto se apega aos animais.

Em Itapetininga, as pessoas usam em seu linguajar termos interessantes, por exemplo, quando chove mansamente dizemos: está “chuviscandinho” ou “choveninho”. Se um cidadão duvidar de algo que você conte, vai logo dizendo um comprido: “xé”. Existem muitas outras palavras, frases e provérbios que exprimem o jeito simples e, ao mesmo tempo sensível do caipira. Usarei as lendas da nossa gente, as poesias de Nhô Bentico e relatos dos sujeitos caipiras e o rap do artista Márcio Dabliueme, “Eu falo xé”⁷², para tratar do assunto.

Se tomarmos o sujeito caipira paulista, percebemos duas representações: o caipira do Vale do Paraíba immortalizado por José Bento Monteiro Lobato na literatura e por Amácio Mazzaropi no cinema, e o caipira do sudoeste paulista bem representado por Antonio Candido em *Os parceiros do Rio Bonito* e tratado nessa pesquisa. A primeira representação foi construída sob um estereótipo negativo, esse sujeito caipira é ignorante, insolente, preguiçoso e sujo, características que deveriam ser

⁷⁰ VICTOR, Abílio – Pitoco

⁷¹ JACQUES Alfredo – Revista Eletrônica - <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/fale/article/view/20776/1303> JACQUES, Alfredo. Grande sertão: veredas. Revista Letras de Hoje, v. 6, n. 1, 1971, p. 57-64. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/fale/article/view/20776/13034>>. Acesso em: 23 abr. 2015.

⁷² Conheça o jeito como os itapetininganos falam o “xé”, ouvindo o rap, “Itapetininga – Eu falo xé”, de Marcio Dabliueme e vendo algumas imagens da cidade. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4leYH36JCwc>>.

exterminadas na primeira metade do século XX quando o que se pretendia era um Brasil industrial, urbano e a construção de um cotidiano propício para o progresso simbolizado pela indústria e pelo desapego ao campo e às atividades agrícolas e pecuárias praticadas no cotidiano rural, ofícios principais do sujeito caipira; o êxodo rural ganhava dimensões nesse período.

Essa construção negativa do sujeito caipira do Vale do Paraíba é fruto da mentalidade ideológica brasileira do início do século XX que tinha como objetivo nacional a industrialização, o progresso e o consequente avanço econômico. José Bento Monteiro Lobato criou um personagem com o intuito de provocar o governo e fazer que as atenções e políticas públicas se voltassem para o campo; também a agricultura merecia cuidado na perspectiva de Lobato nesse cenário nacional. É criado, então, o “Jeca Tatu”, que representou muito bem o estereotipado homem rural.⁷³

Mazzaropi, o ator e cineasta que dotou de ternura o Jeca, como Monteiro Lobato, também viveu grande parte de sua vida entre Taubaté e Tremembé, cidades importantes do Vale do Paraíba. Em ambas as obras, o caipira representado é o caipira do norte do estado de São Paulo. Não há muita diferença entre eles, talvez a mais acentuada seja a econômica, o norte do estado sempre foi mais desenvolvido economicamente, mais escravocrata que o sul, menos progressista e desprovido de sucesso nos grandes ciclos econômicos agrícolas. A segunda representação compreende o sujeito caipira do sudoeste paulista. Esse sujeito renunciou ao estigma do Jeca, embora ornamentado dessa vestimenta estereotipada, o sujeito da zona-rural é astuto e trabalhador. Tanto Lobato como Mazzaropi, vivificaram ambos em sua arte o caipira, suas obras até hoje permanecem atuais quando se trata de representar o homem rural. Mazzaropi deu ao Jeca doçura e mostrou ao Brasil o cotidiano rural do estado de São Paulo. Outros filmes que identificam esse sujeito brasileiro são, a “Marvada Carne⁷⁴” de Cláudio Kanhs (1985) e “Tapete Vermelho⁷⁵” de Luiz Alberto Pereira (2006). O caipira aí representado não é ignorante, preguiçoso, insolente ou

⁷³ LAJOLO, Marisa. Monteiro Lobato. São Paulo: Brasiliense, 1985.

⁷⁴ “A Marvada Carne” (1985) é uma comédia caipira que conta a saga de uma moça disposta a tudo para realizar seu grande sonho, casar-se.

⁷⁵ “Tapete Vermelho” (2006) também é uma comédia caipira em que um pai tenta incansavelmente cumprir a promessa que fez ao filho, levar o menino ao cinema para assistir um filme de Mazzaropi. A família passa por percalços para enfim conseguir realizar a promessa.

sujo; ao contrário, o sujeito caipira é virtuoso, trabalhador, honesto, asseado e extremamente ligado às tradições próprias do cotidiano rural. Esta polêmica entre homem do campo e homem da cidade grande é muito explorada nos filmes. A falsa ingenuidade do caipira que sempre encontra uma saída quando os problemas aparecem, bem como o enfrentamento às injustiças que sofre.⁷⁶ As narrativas, a literatura e o cinema são algumas representações da história, muito embora, representações são apenas um recorte da realidade.

Outro bom representante do sujeito caipira é a personagem de Maurício de Souza “Chico Bento”. Em 1963, Maurício de Sousa, inspirado no imortal Jeca Tatu de Monteiro Lobato, apresenta ao público leitor brasileiro o menino caipira, travesso e esperto que vive na roça, convive com seus amigos e familiares, desfruta dos prazeres rurais concedidos pela paisagem bucólica e vai à escola aprender os saberes instituídos pela cultura escolar universal. Esse menino Chico Bento, não gosta dos rigores instituídos pela escola e sempre arruma uma maneira sutil e sagaz de burlar o sistema imposto pela professora.

Com o tempo, Chico Bento foi ganhando personalidade mesclando a tradição às aspirações de modernidade; o matuto, simples e maltrapilho não é limitado ou inerte a simplicidade, a escola é o passaporte para a um futuro promissor⁷⁷. Inicialmente a personagem foi criada para encantar o público infanto-juvenil, mas logo conquistou o gosto dos adultos encantados com a sagacidade do menino caipira. Chico Bento é um bom representante, o homem rural é esperto, otimista, hospitaleiro, adaptado à vida urbana, praticante das regras sociais e traz a essência das tradições dos antepassados como estandarte que lhe garante o progresso e a evolução social “Chico Bento representa um povo que precisa mostrar seu valor, mas se orgulha das características inatas ligadas ao bem-viver e de não desistir nunca de seus objetivos”.⁷⁸

⁷⁶ Sobre a representação cinematográfica do caipira: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/A%20contribuicao%20dos%20filmes%20de%20Mazzaropi%20na%20construcao%20da%20identidade%20imagetica.pdf>>.

⁷⁷ Luis Antonio, em sua narrativa, comenta que a cidade é o lugar para onde o homem do campo vai em busca de um “ futuro promissor”.

⁷⁸ FERNANDES, Geisa. Um imenso hospital caipira. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, ano 6, Edição n. 75, dezembro 2011.

Chico Bento nasceu num período de renascimento cultural para o homem do campo. Apesar dos apelos sucessivos da urbanização que contribuíram com o êxodo rural e com o desprivilegio das tradições presentes no modo de vida do campo, a cultura caipira resistiu e, na década de 70, o caipira aparece com uma nova roupagem, “o sertanejo”. O homem do campo agora reaparece no cenário cultural com uma nova roupagem e atitudes positivas de quem não perdeu a sua identidade, um sujeito humilde, simples, trabalhador e emotivo. A urbanização, agora volta-se para os modos de vida rurais.

Diz-se que em 1969, ao voltar para Londres depois de passar 5 semanas em férias escondidos em uma fazenda em Matão, no interior de São Paulo, em contato com os violeiros da região, os Rolling Stones lançaram o compacto com a canção “Honky Tonk Women”, composta nas férias, e com a guitarra afinada em cebolão em sol. O sertão paulista influenciando na história do rock mundial”⁷⁹

2.1 A CARACTERIZAÇÃO DO CAIPIRA E A SUA REPRESENTAÇÃO

2.1.1 O Jeca

Jeca Tatu era um pobre caboclo que morava no mato, numa casinha de sapé. Vivia na maior pobreza, em companhia da mulher, muito magra e feia e de vários filhinhos pálidos e tristes.

Jeca Tatu passava os dias de cócoras, pitando enormes cigarrões de palha, sem ânimo de fazer coisa nenhuma. Ia ao mato caçar, tirar palmitos, cortar cachos de brejaúva, mas não tinha ideia de plantar um pé de couve atrás da casa. Perto um ribeirão, onde ele pescava de vez em quando uns lambaris e um ou outro bagre. E assim ia vivendo⁸⁰.

⁷⁹ PEREIRA, Arley. *Inezita Barroso: a história de uma brasileira*. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 142.

⁸⁰ LOBATO, Monteiro. *Urupês*. 15 ed. São Paulo: Brasiliense, 1959. (Obras Completas, v. 1).

Por muito tempo Jeca Tatu representou o estereótipo caipira. A palavra “jeca” significa caipira. Ser caipira ou praticar alguma atividade corriqueira como a fala, a música, as danças, as rezas e outros modos de ser correspondentes a esse sujeito foi e é motivo de crítica e preconceito no Brasil. A História do Brasil, foi por muito tempo contada sob o prisma das oligarquias latifundiárias. O caipira, diferente do fazendeiro, não representa a elite do Brasil, suas características culturais se referem à simplicidade.

No início do século XX, já temos um sujeito morador da zona rural paulista miscigenado pelos povos dos três continentes, América, Europa e África. A imigração japonesa inicia-se nesse período e logo o caipira também orientalizar-se-á. O caipira, é hoje, uma incorporação do índio, do europeu, do negro e do asiático. Cornélio Pires descreve em um de seus livros, “Conversas ao pé do fogo⁸¹”, o “caipira branco”, o “caipira caboclo”, o “caipira preto”, o “caipira mulato”. Para Antônio Cândido esta é a justa maneira de usar os termos, pois “sugere a acentuada incorporação dos diversos tipos étnicos ao universo da cultura rústica de São Paulo – processo a que se poderia chamar acaipiramento ou acaipiração e que os integrou de fato num conjunto bastante homogêneo”⁸². Portanto, são inúmeros os sujeitos caipiras.

O progresso também chegou ao campo. O homem rural, vestido da indumentária caipira não ficou desconectado do mundo moderno.

Ainda no início do século XX, o progresso era a ordem nacional e a vida no campo representava o atraso e o passado escuro; era na cidade que habitava o futuro iluminado pela esperança do progresso. Campo e cidade não devem ser vistos como coisas antagônicas, um depende do outro. É comum as pessoas associarem à cidade aos modos de vida agitada e o campo à tranquilidade, esquecem, ou não percebem que campo e cidade estão atrelados, o que acontece no campo também acontece na cidade e vice-versa, o que muda são as conjunturas, mas o campo não está desatrelado, não é um aporte, são parte de um todo, a cidade.⁸³

O homem do campo também é revestido de muitas representações ideológicas. O caipira é uma invenção, caricata representada por muitos tipos. Na região de

⁸¹ PIRES, Cornélio. *Conversas ao pé-do-fogo*. Itui: Ottoni, 2002.

⁸² CANDIDO, 2010, p. 27.

⁸³ WILLIAMS, 2011.

Itapetininga, os tipos mais frequentes são o Jeca, pela figura jocosa e estereotipada do caipira desleixado e engraçado, o tropeiro, “ancestral nobre”, por seu ofício desbravador e o sitiante, o morador trabalhador da zona rural que preserva as tradições.

A caricatura caipira manifestada no Jeca Tatu representava o sujeito atrasado que ficou descolado da ideia de progresso por um motivo que o confinava ao atraso o traumatismo cultural em que o Jeca vivia, marginalizado pelo despojo de suas terras, resistente ao engajamento no colonato e ao abandono compulsório de seu modo tradicional de vida.⁸⁴

O progresso era a ordem e o homem do campo agora é o matuto Jeca Tatu⁸⁵. Esse sujeito caipira, tão conhecido no Brasil, é ignorante, insolente, desleixado, preguiçoso, feio e sujo, caracteriza o que à ordem da época, deveria ser exterminado.

O modelo de desenvolvimento norte americano era o ideal e os ventos modernos também sopraram por aqui. O que se pretendia era um Brasil industrial, urbano e progressista e, para isso, era urgente e necessário a construção de um cotidiano propício para o progresso simbolizado pelo avanço industrial urbano e pelo desapego ao campo e às atividades agrícolas e pecuárias praticadas no cotidiano rural. Eram as ideias capitalistas da burguesia progressista ganhando força no cenário nacional (fim-de-semana no campo, trabalho na cidade), o campo deve ser o espaço bucólico do descanso.

Nesse período o êxodo rural se instala e se dimensiona no Brasil. As cidades ganham indústria, o comércio se desenvolve e a urbanização atrai o homem rural que abandona os ofícios tradicionais como a agricultura, a caça, a pesca e a criação de pequenos animais. O novo cidadão oriundo do campo vai trabalhar na indústria e no comércio, ele deixa de ser produtor e passa a ser empregado assalariado, deve agora urbanizar-se. No campo fica o “servo”, o “empregado”, o “caseiro”. O pequeno proprietário, que tem suas origens agrárias é esquecido pelas políticas públicas, fato que contribui para o êxodo rural.

A vida na cidade é bem diferente da vida no campo. As tradições e as práticas culturais não fazem sentido no cotidiano urbano, o tempo da cidade não é o mesmo

⁸⁴ RIBEIRO, Darcy, O povo brasileiro.

⁸⁵ LOBATO, 1959.

tempo do campo, o isolamento do sítio, o modo de vida clânico, as relações de parentesco e a reciprocidade não estão tão presentes na cidade quanto no cotidiano caipira, é preciso adaptar-se à vida moderna.

O homem do campo adaptou-se à vida urbana sem perder a essência rural. Por muitos anos a adaptação à vida urbana propiciou o desapego ao modo de vida caipira, mas as tradições não morreram, permanecem adormecidas, guardado com os velhos caipiras que estão no sítio e que, a cada visita, em cada caso narrado aos jovens parentes que haviam migrado para as cidades, é revigorado nas práticas culturais do cotidiano rural “A cultura do caipira, como a do primitivo não foi feita para o progresso”.⁸⁶

E dessa forma, foi confeccionado o rótulo do Jeca, matuto, “capiar”, para caracterizar o morador da zona rural. Monteiro Lobato criou a personagem “Jeca Tatu”, em 1918 no texto “Velha Praga”, publicado no Jornal O Estado de São Paulo. Nesse texto, o Jeca é réu, incendiário de mato, prática agrícola de preparo do solo para plantio, comum no período, em que se sabe é prejudicial ao solo. A intenção de Lobato era chamar a atenção do governo para o incentivo agrícola. Mais tarde, o Jeca Tatu de Lobato, volta à cena, dessa vez associado aos ideais sanitaristas de erradicação de doenças que acometiam principalmente a população da zona rural. No final da vida de seu criador, Monteiro Lobato, em seu último texto, de 1947, faz ressurgir o homem do campo, aquele Jeca que agora, como “Zé Brasil”, aparece novamente como camponês sem-terra.⁸⁷

⁸⁶ CANDIDO, 2010, p. 97.

⁸⁷ LAJOLO, 1985, p. 76.

2.1.2 O Tropeiro

O toco de peroba

Até meados do século XIX os tropeiros foram os grandes responsáveis pelo abastecimento do Brasil. Como nesse tempo não havia ainda o transporte ferroviário, o transporte e o comércio de mercadorias era feito pelos tropeiros. Por longos e duros caminhos eles levavam ferro, trigo, algodão, aguardente, açúcar, remédios, sal, azeite, vinagre, vinho e café para os mais distantes povoados. Tudo era transportado no lombo dos burros ou das mulas.

No caminho de ida e vinda para o sul, os tropeiros criaram ranchos e arraiais para poderem pernoitar e, assim, muitas cidades da região, como Itapetininga, nasceram do cansaço dos tropeiros. Nem sempre o tropeiro dormia nos ranchos, muitas vezes dormia ao relento, debaixo de uma árvore se o tempo estava bom e em barracas de pano nas noites chuvosas e frias.

O pouso era um lugar especial mais conhecido pelos tropeiros velhos e experientes. À tardinha, quando o sol começava a descambar, era hora de encontrar um pouso. Tinha que ter boas pastagens, água e bom encosto, ou seja, um morro ou uma serra, um bosque fechado ou um rio para encostar a tropa, isso evitava fuga dos animais e facilitava o trabalho da ronda noturna.

Nas noites de lua cheia, os tropeiros se reuniam em volta de fogueiras, cantando, dançando e contando causos. Contam que foi em uma dessas pousadas que tudo sucedeu em um rancho velho coberto com sapé, que os tropeiros escolheram para passar aquela noite. Chegaram e apearam. Ao adentrar no rancho um dos tropeiros velhos exclamou:

– Olha que baita toco de peroba tem aqui!

Os outros tropeiros disseram:

– Vamos desarrear a tropa e colocar o arreio em cima desse toco.

E assim fizeram.

Depois de uma farta alimentação com feijão e arroz tropeiro, arrumaram o leito e se deitaram para dormir. Cansados, pegaram no sono rapidamente em sono profundo. Quando, de repente, acordaram por volta da meia-noite com um barulho muito alto. Uma coisa estranha e grande que eles não conseguiram identificar na hora, saiu estabanada pelo rancho derrubando tudo.

Os tropeiros então se perguntaram:

– O que é esse bicho feio que está derrubando os arreios dos animais no chão?

Já não havia o toco de peroba...

Um tropeiro disse ao outros:

– Isso não é coisa boa. Será que é uma sucuri?

Sem querer saber a resposta, amedrontados e arrepiados de tanto medo, os tropeiros juntaram os arreios, arriaram os animais e seguiram seu caminho temendo encontrar aquele ser assustador novamente⁸⁸.

A exemplo de muitas cidades da região, Itapetininga também se desenvolveu na esteira do tropeirismo. O local foi ponto de descanso dos tropeiros, que montavam ranchos e arraiais para o pouso, antes de seguirem em direção ao Sul. O primeiro núcleo de tropeiros na região de Itapetininga surgiu em 1724, quando descobriu-se que o pasto no local era abundante e a terra fértil para o plantio. A estes fatores somou-se a distância da vila de Sorocaba - doze léguas - que correspondia a uma jornada de tropa solta. Por volta de 1760, um grupo de portugueses, chefiado por Domingos José Vieira, deixou o primeiro núcleo (hoje, bairro do Porto) e formou outro, em um local alto e circundado por dois ribeirões, atualmente conhecidos como ribeirão do Chá e ribeirão dos Cavalos.

Nessa época houve uma disputa entre os dois núcleos que queriam ser elevados à condição de vila. Resultado: em 17 de abril, Simão Barbosa Franco foi

⁸⁸ O toco de peroba é uma das lendas da região e está descrita no livro “Lendas de Itapetininga e região”, foi contada por Maria de Medeiros Momberg. Essa lenda em especial demonstra hábitos e costumes do caipira tropeiro que por muito tempo desenvolveu atividades tropeiras ou teve contato com eles. In: MENCK, Maria Nunes da Costa; CAMARGO Luciane. *Lendas de Itapetininga e região: revivendo a riqueza da literatura oral do interior paulista*. Itapetininga, SP, Gráfica Regional, 2014, p. 46.

nomeado para fundar e administrar o novo povoado, cabendo a ele a escolha do núcleo principal. Conta-se que uma mula, forte e marchadeira, ofertada como presente a Simão Barbosa, garantiu a vitória de Domingos José Vieira. A vila de Nossa Senhora dos Prazeres de Itapetininga foi oficialmente criada no dia 5 de novembro de 1770, quando foi celebrada uma missa solene pelo vigário da nova paróquia, padre Inácio de Araújo Ferreira.

Existem muitos sujeitos caipiras no Brasil, em cada região ele apresenta particularidades. Em Itapetininga, gaúchos e caipiras conviveram durante o período colonial, na fundação da cidade, por conta das práticas tropeiristas, atividade econômica importante no período colonial brasileiro. O gaúcho, é o homem do campo que habita a região da Campanha, no Rio Grande do Sul, fronteira com a Argentina e o Uruguai, é representado pela figura do homem livre, errante que vagueia soberano em seu cavalo.⁸⁹

O tropeiro foi de fundamental importância no período, pois, em tempos de escravidão e de uma sociedade senhorial pautada pela moral católica de valorização do ócio, o transporte de mercadorias, visto como algo marginal ficou a cargo de homens livres, pobres, que desempenharam por ser uma forma de garantir sua subsistência⁹⁰.

A narrativa *O Toco de Peroba*, contada por uma moradora da cidade de Itapetininga, evidencia a presença e as marcas deixadas pelos tropeiros. Os tropeiros eram homens livres que dedicavam-se ao transporte e comércio de equinos, nomadismo⁹¹; sem eles a economia brasileira ficava estagnada, mesmo assim, eles não faziam parte da elite, eram marginalizados por seu As mulas eram arrebanhadas nos campos do Sul e conduzidas até a feira de muares que acontecia em Sorocaba, os animais ficavam pastando na região de Itapetininga, por aqui também eram domados. Nessa época, todo o transporte de pessoas e mercadorias era feito por muares.⁹² Existiram tropeiros paulistas e tropeiros de toda região Sul do Brasil. Desse contato intenso entre as tradições, percebe-se na zona-rural, a sua influência; quando

⁸⁹ OLIVEN, Ruben. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação*. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 97.

⁹⁰ ALGATÃO, 2010.

⁹¹ O nomadismo do tropeiro, é caracterizado também no sujeito caipira definido por Antônio Candido.

⁹² RIBEIRO, José Amilton. *Os tropeiros*. Diário da marcha. São Paulo: Globo, 2006.

indagados sobre os bailes que acontecem nos bairros, dizem que nessa ocasião a música e a dança é gaúcha, ritmo que eles apreciam.⁹³

2.1.3 O Sitiante

Em 18 de setembro de 1850, D. Pedro II, institui a “Lei de Terras” com o intuito de regularizar a posse das terras e novos critérios com relação aos direitos e deveres dos proprietários. Essa lei surgiu num momento oportuno, quando o tráfico negreiro foi proibido e a imigração ganhava força por conta do cultivo do café. A produção agrícola agora devia ser potencializada tendo em vista o trabalho assalariado dos camponeses imigrantes. No século XIX, a população da localidade, era basicamente composta por pequenos fazendeiros que desenvolviam agricultura rudimentar, alguns raros escravos e muitos agregados, os caipiras. Nas pequenas vilas que com o tempo viraram cidades desenvolveu-se tímido comércio. A estratificação social em Itapetininga (século XIX) pode ser representada dessa maneira: fazendeiros, comerciantes, caipiras e escravos.⁹⁴

A liberdade incidental dessa existência autárquica duraria pouco, porque logo surgiria outra forma de viabilização da economia de exportação através da grande lavoura e, com ela, proscrição legal (1850) do acesso à propriedade da terra pela simples ocupação e cultivo, através da obrigatoriedade da compra ou de formas de legitimação cartorial da posse, que eram inacessíveis ao caipira⁹⁵.

Por muito tempo para os caipiras, escravos libertos ou estrangeiros, a posse da terra era impraticável, então os caipiras brancos ou negros continuaram vivendo na zona rural como agregados nas grandes fazendas. As terras devolutas, que agora eram do Estado tinham valor elevado, só os abastados podiam comprar e legalizar a propriedade. A terra foi transformada em mercadoria e a posse foi garantida aos antigos latifundiários, fazendeiros que podiam pagar para legalizá-la “o sertão, a ele

⁹³ No capítulo 3, veremos narrada essa forte influência gaúcha na fala dos sujeitos entrevistados.

⁹⁴ NOGUEIRA, 1998.

⁹⁵ RIBEIRO, Darcy, 1996.

resta persistir como agregado do latifundiário ou buscar sertão novo onde tudo recomeçaria.”⁹⁶

Ao sertanejo dessas terras, restou a adesão ao trabalho submisso ao fazendeiro como agregado ou desbravar os campos na incerteza da sobrevivência. O fazendeiro que vinha da zona urbana, adaptou-se às tradições do campo através do caipira que continuou vivendo na propriedade legalizada como agregado, desempenhando a servidão em troca de moradia e de um pedaço de terra para cultivar uma pequena roça, vez ou outra praticar a caça e a pesca, também coletava frutas e palmitos nativos. Alguns caipiras mais abastados conseguiram legalizar a sua terra. Eram antigos moradores da zona rural, antigos bandeirantes que preferiram ficar isolados no sertão ou que não obtiveram sucesso nas atividades ligadas à urbanidade (bandeirante atrofiado⁹⁷).

O caipira, talvez por considerar-se “verdadeiro dono da terra” não se sentiu ou se comportou em momento algum como desfavorecido ou submisso. O sertão era a sua casa e para o homem do campo, a relação com a terra não é apenas material, é essencial, fonte de recursos. Alguns caipiras, por lealdade ou desempenho caprichoso de atividades simples de cuidado com a roça e com a casa-grande, receberam um pedacinho de terra aonde puderam estabelecer-se e manifestar os seus modos de vida. Nem sempre esse pedacinho de chão foi legalizado, mas muitos caipiras puderam ou tiveram através da benevolência de seus senhores, o registro legal de seu chão. A partir dessa concessão, o caipira também passou a ser denominado sitiante, o morador nativo da zona rural. Essa denominação remete à atividades herdadas dos ancestrais indígenas que praticavam a agricultura rudimentar, a coleta de frutos e palmitos, a criação de pequenos animais e a caça. A caça está intimamente ligada à identidade caipira, ao lazer e à dieta carnívora que conferia saúde ao caipira “como o sentimento de igualdade, que, mesmo, nos mais humildes e desfavorecidos, fez refugar a submissão e a obediência constantes.”⁹⁸

Assim como o indígena, o caipira também foi associado a um tipo de sujeito que repudia o trabalho e esquiva-se das obrigações impostas pelo senhor ou colonizador. Ambos conheciam o sertão, isso facilitava esconder-se nas matas e a

⁹⁶ CANDIDO, 2010.

⁹⁷ CANDIDO, 2010.

⁹⁸ Ibid.: 2010, p. 99.

resistência à submissão, acontecia porque eles já habitavam a terra antes do colonizador, o que lhes dava a sensação de “posseiros”. Em *Cidades Mortas*, Monteiro Lobato menciona esses caboclos que permaneceram agregados nas fazendas e passam a vida a esperar a providência divina: “caboclos opilados, de esclerótica biliosa, inermes, incapazes de fecundar a terra, incapazes de abandonar a querência, verdadeiros vegetais de carne que não florescem nem frutificam”.⁹⁹

No contexto social atual, o sujeito caipira é o morador do campo que vive numa sociedade relativamente homogênea. São pequenos proprietários, sitiantes, que desenvolvem a agricultura familiar. O sítio é o lar do caipira, é chão aonde ele pisa, planta e cria. No sítio está o sujeito e é lá que acontecem as relações do cotidiano. É no sítio também que as relações de parentesco garantem a perpetuação do modo de viver, das tradições caipiras.

Atualmente, o sítio é a propriedade legal do sujeito que habita a zona-rural e o sítio está localizado no bairro. No sítio produz-se o necessário para a sobrevivência, isso compreende uma roça e um pomar. Geralmente o sítio é composto por agregados, isto é, pessoas que por relação de parentesco vivem na mesma propriedade, na mesma casa ou em casas vizinhas, eles mesmos desempenham as atividades agrícolas de produção, não há empregados, embora haja uma hierarquia determinada pela propriedade legal da terra e pela idade, é o patriarcalismo rural. Essa organização familiar lembra os clãs. São grandes famílias que convivem juntas, rezam juntas, trabalham juntas, comem juntas, festejam juntas e assistem a morte juntas. As uniões consanguíneas são muito comuns levando à geração anomalias genéticas e a uma numerosa população de primos. Esse parentesco tão próximo faz brotar espontaneamente a fraternidade.

Nesse cotidiano caipira florescem as relações que caracterizam o modo de vida caipira. Os sujeitos das zonas rurais preservam hábitos que estão em desuso na vida urbana atual: visitar amigos, vizinhos e parentes; festejar casamentos, participar de velórios, quermesses, mutirões comunitários, missas, reuniões culinárias. Esses hábitos são muito antigos, têm origem na ancestralidade indígena, europeia e africana própria dos moradores da zona-rural, o caipira.

⁹⁹ LOBATO, Monteiro. *Cidades Mortas*. São Paulo: Globo, 2009, p. 23; 24.

‘– O que é bairro?’– perguntei certa vez a um velho caipira, cuja resposta pronta exprime numa frase o que se vem expondo aqui: ‘– Bairro é uma espécie de naçãozinha.’ – Entenda-se: a porção de terra a que os moradores têm consciência de pertencer, formando uma certa unidade diferente das outras.¹⁰⁰

Essa unidade cultural caracteriza o bairro. É no bairro também que o sitiante adquire produtos que garantem qualidade de vida. Inicialmente o triângulo básico da alimentação caipira era o feijão, a farinha e a mandioca, essa alimentação era complementada pela caça, pela pesca e pela coleta. A partir do século XX com a evolução dos aglomerados, os bairros tornam-se os principais pontos de comércio da zona-rural. O bairro é fundamental para a economia do caipira, é o primeiro e principal lugar aonde ele vende e compra produtos. O bairro também é o *locus* social por excelência, aonde acontecem atividades lúdico-religiosas.

Engana-se quem pensa que o sitiante vive social ou culturalmente isolado. Mesmo que as casas sejam distantes umas das outras, os bairros garantem a comunicabilidade necessária para a reprodução da vida material e cultural através do mutirão, da religiosidade, da escola e da vida familiar.

2.2 MODOS DE VIVER

2.2.1 Trabalhar

Assim como o indígena, o sujeito caipira também recusou a dominação imposta pelos colonizadores europeus. A recusa à dominação foi entendida e preconceituosamente caracterizada como preguiça. Essa preguiça, que os impedia de trabalhar, devia ser exorcizada através da evangelização e, para isso, foi preciso caçar e escravizar, a fim de livrar essa gente do pecado, oferecendo-lhes o mundo do trabalho.

¹⁰⁰ CANDIDO, 2010, p. 79.

A tentativa de implantação da cultura européia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em conseqüências. [...] Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas idéias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra. [...] Podemos construir obras excelentes, enriquecer nossa humanidade de aspectos novos e imprevistos, elevar à perfeição o tipo de civilização que representamos: o certo é que todo o fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem.¹⁰¹

O europeu sempre foi visto e entendido como superior em relação ao índio e ao negro. O modo de viver europeu, até bem pouco tempo atrás, foi o único aceitável. Estar perto ou longe do parâmetro que determinava o modo de vida europeu regido pela Igreja Católica, determinava o grau evolutivo, cultural e social dos povos.

Os indígenas e seus descendentes, não assimilaram facilmente a cultura europeia cristã imposta a ferro e fogo pelos colonizadores, bandeirantes e tropeiros. O traço evidente dessa recusa é a aversão ao trabalho forçado nas roças da colônia portuguesa, caracterizada pelo colonizador como algo ruim.

A posse, ou ocupação de fato da terra, pesou na definição da sua vida social e cultural, compelindo-o frequentemente, ao status de agregado, ou empurrando-o para as áreas despovoadas do sertão, onde o esperava o risco da destruição física ou da anomalia social. A respeito desta, invoca-se quase sempre como causa a preguiça, que seria um traço fundamental do caipira e responsável pelo baixo nível de vida¹⁰².

O morador da zona-rural é despojado, é conhecedor do sertão e dele usufrui, sem importar-se com o dia de amanhã. Isso permite o desapego ao ímpeto ganancioso de seu ancestral colonizador. A esse sujeito habitante da boca do sertão, restou os campos e a sorte, ele tinha a natureza como sua aliada, legado concedido pelos antepassados indígenas que lhe conferiram comunhão com a mãe terra. Conseguiram sobreviver, mas não obtiveram sucesso social, pois ficaram à margem do que, na época, era tido como modelo de sucesso, a capitalização e o saber institucional. Para esses sujeitos o trabalho não estava associado ao lucro e sim à produção e à garantia de sobrevivência.

¹⁰¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1971.

¹⁰² CANDIDO, 2010, p. 98.

Darcy Ribeiro ressalta em sua obra *O Povo Brasileiro*, que o regime de trabalho caipira é voltado para o sustento e não para o comércio, semelhante à aldeia tribal, hábitos descritos abaixo deram ao caipira reputação birrenta e preguiçosa.

Atribuía às mulheres as cansativas tarefas rotineiras de limpeza da casa, do plantio, da colheita e das roças, do preparo de alimentos, do cuidado das crianças, da lavagem das roupas e do transporte de cargas. E aos homens os trabalhos esporádicos que exigiam grandes dispêndios de energia como o roçado, a caça e a guerra, mas que permitiam depois de cada façanha largos períodos de repouso e lazer¹⁰³.

Na verdade essa audácia, liberdade natural e ecológica confundida com a preguiça foi salvação para o indígena e para o caipira. Essa recusa garantiu a preservação das tradições. O índio e o caboclo ao negarem a adequação às formas produtivas e exaustivas de trabalho impostas na produção agrícola colonial, optaram pelo sertão e pela miséria que garantiram independência a esses caçadores subnutridos que refugaram o enquadramento ao trabalho servil, ao salário e ao patrão, diferente do escravo que foi castigado e violentado, muitos o caboclos optaram pela servidão muito embora sem muitas possibilidades.

O trabalho é para os sujeitos da zona rural, motivo de orgulho e a força do trabalho uma grande virtude, o trabalho agrícola requer preparo físico. Para o homem do campo, não trabalhar é não produzir ou não ocupar-se de obrigações, portanto, produção e ocupação estão ligadas ao trabalho e à sobrevivência e o ócio não o representa.

A vida do morador da zona rural nunca foi fácil. O distrito ou o bairro aonde ele vive é distante dos centros comerciais, dos hospitais, das agências bancárias, do comércio e de todo conforto oferecido nas cidades. O coletivo e a comunidade à qual pertencem são primordiais e o sujeito que mora no campo sabe valorizar isso. As dificuldades enfrentadas são amenizadas coletivamente e, por essa razão, os mutirões são bem frequentes nas zonas rurais. Algumas modalidades comuns de mutirões são: mutirão de vacinação, mutirão de limpeza ou reparos em espaços comunitários (escola, igreja, posto de saúde, quadra esportiva, campo de futebol), mutirão de campanhas educativas (AIDS, DST, prevenção de gravidez, dengue etc).

¹⁰³ RIBEIRO, Darcy, 2006, p. 334.

É importante saber o que diz Darcy Ribeiro, a respeito dessa prática rural solidária que tem remota origem na necessidade imposta pelas práticas agrícolas e que se perpetuam até hoje quando os moradores da zona rural organizam-se para arar um chão ou colher uma cultura com implementos agrícolas modernos deles próprios ou oferecidos pelos programas de incentivo rural:

Para essas populações rarefeitas, que, via de regra, só contavam para o convívio diário com os membros da família, assumem importância crucial certas instituições solidárias que permitem dar e obter colaboração de outros núcleos nos empreendimentos que exigem maior concentração de esforços. A principal delas é o mutirão, que institucionaliza o auxílio mútuo e a ação conjugada pela reunião dos moradores de toda uma vizinhança para a execução das tarefas mais pesadas, que excediam das possibilidades dos grupos familiares. Assim os moradores de um bairro sucessivamente se juntam para ajudar a cada um deles na derrubada da mata para o roçado, para o plantio e a limpeza dos cultivos, bem como para a bateção das safras de arroz e de feijão e, eventualmente, para construir ou consertar uma casa, refazer uma ponte ou manter uma estrada. Sempre que a tarefa interessava imediatamente a um dos moradores, cumpria a este prover alimentação e, ao fim dos trabalhos, oferecer uma festa com música e pinga. Assim o mutirão se fez não só uma forma de associação para o trabalho, mas também uma oportunidade de lazer festivo, ensejando uma convivência amena¹⁰⁴.

Antônio Candido, em *Parceiros do Rio Bonito* também evidencia a importância da solidariedade caipira manifestada no mutirão, sem essa prática a vida na zona rural seria praticamente impossível e salienta o caráter social festivo do trabalho solidário que une as pessoas e identifica o bairro: “Em tais casos podemos ver a importância do mutirão e da festa, que, estes sim, mobilizam em geral toda a população do bairro e revelam a sua unidade”.¹⁰⁵

O alimento é sagrado para o caipira. A obtenção é complexa, exige esforço, cuidados e boa vontade da mãe natureza. O preparar, o plantar, o cultivar, o colher, o caçar, o pescar são atividades praticadas no coletivo. O bem-estar do caipira sempre esteve fortemente relacionado à comida e à fome saciada, então, se você estiver no cotidiano rural não se ofenda se um caipira elogiá-lo dizendo que você está gordo e viçoso, para eles, as formas rotundas são belas e representam saúde e felicidade, o alimento é uma graça divina e bem-aventurados são aqueles que o possuem em abundância.

¹⁰⁴ RIBEIRO, Darcy, 2006, p. 347.

¹⁰⁵ CANDIDO, 2010, p. 89.

De certa caipira velha, ouvi dizer há muitos anos que o seu maior desejo seria comer e fazer comer os seus filhos e netos de tal maneira que se esquecessem do que era fome. No limiar da morte, o seu papel de mãe lhe parecia falhado na medida em que dera à luz tanta gente que não podia comer à vontade¹⁰⁶.

O preparo de alguns alimentos, no cotidiano caipira, também é um ritual que demanda tradições e solidariedade. Observamos que nos bairros, a coletividade é constante. As comidas são preparadas por muitas pessoas e para muitas pessoas. Os caipiras velhos, as receitas passadas de geração à geração dão à culinária caipira, características próprias. Em sua análise, Antonio Cândido, observou que, “vida, meio e grupo se integram e unificam muitas vezes em função do alimento¹⁰⁷”.

Nas grandes cidades, mesmo as do interior, é difícil verificar esses rituais culinários, como por exemplo, o feitiço da pamonha que na região de que falo, é doce, feita com o puro milho verde temperado com açúcar e cozido na própria palha costurada ou dobrada. Desde a colheita do milho até o feitiço em muitas etapas de preparo a coletividade é constante. É assim também com o preparo do arroz com frango e com o bolinho de frango. Um fato interessante é o feitiço do rojão e da almôndega (essa é bem maior que a conhecida normalmente) são iguarias feitas à base de carne de boi e porco e geralmente são preparadas pelos homens talvez devido à matança do animal e ao manuseio das carnes.

Esses rituais culinários acontecem no coletivo. A coleta do milho, a matança ou a caça do animal, o preparo e a degustação é sempre coletiva. O trabalho requerido é tanto que merece ser partilhado com a comunidade onde cada ente desempenhou seu papel na obtenção ou no preparo.

Itapetininga conta até hoje com uma feira tradicional, rica e peculiar. É costume os moradores comprarem alimentos na feira livre que há mais de um século acontece na praça situada à Avenida Peixoto Gomide. Sitiantes feirantes, velhos caipiras, abastecem a cidade com alimentos frescos de procedência e qualidade conhecida. A feira livre já passou por várias adaptações que as exigências impostas pela modernidade e pela urbanização vêm exigindo e impondo ao longo do tempo, mas, mesmo assim, os hábitos da população garantem a tradição. Visitar Itapetininga e não ir à feira que acontece nas manhãs de domingo ou nas quintas-feiras é quase uma

¹⁰⁶ CANDIDO, 2010, p. 36.

¹⁰⁷ Ibid.: p.35.

ofensa ao morador local. Os produtos tradicionais mais vendidos são o queijo fresco, queijo porungo ou queijo de pescoço, o bolinho de frango, as cestarias e, aos domingos, ainda há venda de animais vivos para o abate (porcos e aves).

O ganha-pão da maioria dos sujeitos moradores da zona-rural, ainda provém da agricultura. Muitos deles são pequenos proprietários, beneficiários dos programas agrícolas dos governos estaduais ou federais e ainda há uma significativa parcela deles que é empregado rural, bóia-fria, turmeiro ou meeiro. Atualmente as lavouras de batata, cereais e frutas são as que mais contratam funcionários rurais.

Em alguns locais nota-se a crescente migração de pessoas advindas das grandes cidades em busca de trabalho nas roças. Geralmente esses migrantes não habitam a zona rural, vivem nas cidades e trabalham no campo. Algumas cidades são chamadas de “cidade dormitório”, pois a maioria dos moradores passa o dia trabalhando nas fazendas situadas na zona rural, é o caso de Angatuba e Paranapamena, na região pesquisada, entre outras.

O migrante assimila a cultura do campo principalmente através da música. Assim como ele contribui culturalmente trazendo ecos da cidade grande para o campo, ele leva o campo à cidade difundindo a cultura caipira no dia-a-dia das pequenas cidades.

Uma das características que diferencia o migrante da cidade para o morador do campo é a obtenção do alimento. O homem da zona-rural cultiva seus alimentos na roça e cria animais para o abate. Já o migrante que veio da zona urbana, mesmo que ele resida no campo com sua família, nas fazendas aonde há colônias de empregados, dificilmente veremos em sua casa uma horta ou um galinheiro. O cultivo da terra e a criação de animais são hábitos do homem do campo.

A cultura e a economia caipira não foram feitas para o capital, seus componentes fundamentais são o isolamento, a posse de terras, o trabalho doméstico, o auxílio vicinal, disponibilidade de terras e margem de lazer. A posse de terras foi o grande entrave para o caipira que não tinha meios econômicos para legalizar, então eles passam a ser agregados. O trabalho doméstico e o envolvimento tanto de entes como de vizinhos “compadres” caracterizam as relações de trabalho nessa economia baseada em mínimos e quase sempre sem excedentes. Essa organização dá margem ao lazer confundido com preguiça ou vadiagem, mas que, na verdade, nada tem a ver com isso, ao contrário do que parece, é a organização do tempo proveniente da economia baseada na sobrevivência e não no lucro.

2.2.2 Festejar

Sim, há uma festa especial, a de Nossa Senhora Aparecida. Sempre acontece no mês de outubro, num final de semana próximo ao dia da padroeira, com programa específico impresso em gráfica. Muitas pessoas vêm de bairros vizinhos e até de cidades vizinhas. Tem uma pessoa responsável, o festeiro, que organiza a festa e convida as pessoas. Nove dias antes do dia da festa as mulheres do bairro realizam as rezas tradicionais e celebrações com ou sem o padre, convidando as pessoas do próprio bairro e de outros bairros. Na sexta-feira que antecede a festa às seis horas da manhã o festeiro solta rojões avisando ao povo o início das festividades. Então começa a chegada dos presentes as prendas, animais (porcos, galinhas) que serão abatidos para o preparo dos assados. Isso dura o dia todo e noite à dentro, contando com um almoço especial para as pessoas que ajudam e convidados. Então no sábado após a missa começa o leilão de assados sempre animado por um grupo de música ao vivo, geralmente de música sertaneja e gaúcha, pois o povo gosta de dançar. Isso acontece em muitos outros bairros da região. E não tem idade desde os jovens até os mais idosos. Bom, no domingo acontece a cavalgada reunindo cavaleiros de muitos bairros vizinhos, também não tem idade pra participar, desde a criança até os mais experientes. Todos, cavaleiros e cavalos recebem as bênçãos do padre. Tem um almoço especial regado à boa música sertaneja e gaúcha. E o povo só vai embora quando a noite está chegando. Na segunda-feira ficam só as lembranças e a canseira de tanto trabalho na festa.¹⁰⁸

No cotidiano da zona rural, os sujeitos, embora vivam isolados, valorizam em demasia o convívio com seus pares, vizinhos, familiares ou não. Existe no universo rural uma diversidade intensa que determinam e caracterizam os modos de ser e fazer do homem do campo.

A presença portuguesa é evidente no universo rural quando se fala em religião. A grande maioria dos moradores da zona rural é adepto das religiões cristãs, atualmente representadas pelo catolicismo e pelas religiões evangélicas. A religiosidade é uma característica dos sujeitos desse cotidiano, seu modo de vida é voltado para o sagrado e o louvor é frequente. Nas igrejas ou templos eles dão vazão à criatividade cultural manifestada nos rituais religiosos que ganham características próprias da gente da terra.

Essa caracterização própria, a “feição caipira”, manifestada nos rituais está presente nas novenas, nas quermesses, nas ladainhas, nas danças e coreografias, nas representações teatrais e nas canções e melodias de louvor, não só nas igrejas ou templos, mas também nos lares, pois, nem sempre a igreja é próxima a eles. A religião representa o principal espaço de manifestação cultural caipira.

¹⁰⁸ Senhor Luiz Antonio, comentando sobre as festas na zona rural.

Essas manifestações que têm como base a fé cristã possibilitam não só a expressão da religiosidade, mas também o descontentamento com a repressão cultural imposta pelas culturas dominantes. Por meio da fé, é possível individualizar e caracterizar aqueles que a proferem, caracterizando o louvor e a benção de acordo com as tradições estabelecidas.

Os “crentes” rurais desfazem assim a fatalidade da ordem estabelecida. E o fazem utilizando um quadro de referencia que, também ele, vem de um poder externo (a religião imposta pelos missionários). Reempregam um sistema que, muito longe de lhes ser próprio, foi construído e propagado por outros, e marcam esse reemprego por “super-ações”, excrescências do miraculoso que as autoridades civis e religiosas sempre olharam com suspeita e com razão, de contestar as hierarquias do poder e do saber a sua “razão”.. Um uso (“popular”) da religião modifica-lhe o funcionamento. Uma maneira de falar essa linguagem recebida a transforma em um canto de resistência, sem que essa metamorfose interna comprometa a sinceridade com a qual ode ser acreditada, nem a lucidez com a qual, aliás se vêem as lutas e as desigualdades que se ocultam sob a ordem estabelecida¹⁰⁹.

Esse drible da cultura própria na cultura imposta geralmente pelo colonizador, Michel de Certeau chamou de “trampolinagem”. Foi essa forma de resistência manifestada na sabedoria, na astúcia, na esperteza e na trapaça que as culturas populares utilizaram para garantir a preservação da sua identidade. Para que toda essa artimanha seja eficaz, é preciso viver em comunidade e que haja interesse mútuo dos pares. Talvez a religiosidade e as tradições da Igreja Católica que coincidem com as práticas agrícolas seja o ponto português mais pertinente no caipira. Vemos a fé católica manifestada nos festejos e rituais, as festas de santos, do Divino Espírito Santo e as festas natalinas que são até hoje muito festejadas nos cotidianos caipiras. Nessas ocasiões, o que importa é o celebrar.

Nos bairros da zona-rural acontecem grandes festas, geralmente religiosas e elas são prestigiadas por toda comunidade e vizinhança. Essas festas são tradicionais e toda a família participa.

Meu bairro era bem pequeno, só tinha a fazenda. A gente se reunia mais nos outros bairros. Tinha a festa, o futebol. As festas da igreja com missa, leilão, depois show, coisas bem diferente da cidade...Aqui (na cidade) é mais balada. Lá não. Lá é mais família. Família mesmo. Desde pai a nenê de colo. Aqui na cidade só vê balada de molecada, não vê pai mãe filho tudo junto.

¹⁰⁹ CERTEAU, 2008, p. 78; 79.

Então eu acho que era bem diferente, as famílias se reuniam.... Essas festas continuam acontecendo, eu é que não vou muito, porque trabalho bastante. A minha irmã foi outro dia, teve almoço, dança, as mesmas coisas de antes.¹¹⁰

Há uma forte presença cristã até mesmo nos termos usados pelos moradores antigos principalmente os caipiras. Alguns exemplos são, o “credo em cruz”, seguido do movimento do pai nosso, quando há necessidade de auto-bênção, para espantar algo de mal; ou o “mal à morte”, usado quando um caipira “guarda rancor” de outro e não vê a possibilidade de perdão.

Conta-se que há pouco tempo, uma professora¹¹¹ atuante nos anos iniciais de uma escola municipal num bairro da zona rural de Itapetininga, compreendido na pesquisa, pediu às crianças para que criassem um vilão para uma história elaborada pela própria turma; qual não foi a surpresa da professora ao deparar com a criatividade da criança: eles criaram o “Mala Morte”, ser imaginário, que nunca perdoava ofensas.

A amizade, a reciprocidade e a fraternidade são valorizadas pelo sujeito caipira. Nos bairros e sítios, a visita é considerada um evento importante, é uma ação que envolve reciprocidade e gratidão, as famílias se envolvem nesse ritual. É uma prática comum, durante a visita, o visitando presentear o visitado com uma prenda do seu cultivo próprio, uma abóbora, algumas mandiocas, um leitão ou um adorno para a casa feito ou produzido no próprio sítio, pela própria família. Quem visita leva algo, quem recebe oferece, pode-se dizer, que essa prática caracteriza a reciprocidade caipira. As visitas geralmente acontecem, em feriados ou durante os fins de semana, períodos em que toda a família encontra-se reunida, pois, no cotidiano rural, assim como nas zonas urbanas, a rotina capitalista imposta pelo mundo do trabalho também estabelece hábitos ao sujeito, os universos rurais e urbanos tem a mesma cadência. Na ocasião, as mulheres se reúnem no interior das casas e os homens no exterior, as conversas não são as mesmas e nem os ambientes. Visitar é quase ritual para o caipira e os motivos comuns das visitas são: por ocasião de uma doença acometendo algum ente familiar, comemoração de noivado, nascimento, recém-casamento, recém-mudança ou após o falecimento de um ente da família. A celebração da

¹¹⁰ Gilda, comentando como eram e como são as festas na zona-rural do município.

¹¹¹ A professora Claudine Dacal Rodrigues, hoje atua como PCNP (Professora Coordenadora do Núcleo Pedagógico) na Diretoria de Ensino de Itapetininga.

coletividade, as conversas fiadas, as narrativas e as brincadeiras da criançada são o ponto alto “A viola tinha pais portugueses, o violão tinha pais espanhóis. Ambos eram netos de mouros e bisnetos de hebreus”.¹¹²

O cotidiano rural também está repleto de musicalidade. A viola, herança portuguesa está muito presente nas manifestações das tradições caipiras. Essa moça feita de madeira com nome de mulher “Viola”, foi companheira inseparável do tropeiro que ia e vinha do Rio Grande do Sul a São Paulo. Rudemente vestida num saco, carregada no lombo das mulas, as violas foram indispensáveis nas noites tropeiras de luar, iluminadas pelas estrelas e pelas fogueiras. Na companhia inseparável delas os violeiros tocavam, cantavam e dançavam alegrando as noites que precediam os dias de duras jornadas “era tida como um instrumento tosco dedilhado por caipiras sem nenhuma formação musical, algo sem importância para a cultura brasileira”.¹¹³

A viola de seis cordas, comum no interior de São Paulo, tem origem ibérica, é uma adaptação da viola braguesa (Braga-Portugal) e segundo estudos, pode ter sido trazida para a península Ibérica pelos mouros. A viola é um instrumento popular, diferente do piano considerado um instrumento de elite¹¹⁴. Os missionários dos tempos coloniais a introduziram nos ritos e ela ganhou sentido religioso nas manifestações de fé populares. Ela saiu das casas, entrou nas igrejas e percorreu ruas e estradas dos bairros nas procissões e nas danças religiosas. A Dança de São Gonçalo¹¹⁵, por exemplo, tem origem portuguesa, organizada geralmente em pagamento de promessa ou voto de devoção. Em frente ao altar com a imagem do santo, formam-se duas fileiras, podendo ser de mulheres, de homens ou de homens e mulheres, encabeçadas por dois violeiros - mestre e contramestre. A dança é dividida em partes ou jornadas. Os dançarinos se alternam cantando a uma só voz movimentando-se para a esquerda e para a direita. É uma longa dança, um ritual muito

¹¹² Gustavo Gomes Pinheiro Machado foi um violeiro e compositor itapetiningano, ele é pai da aviadora Anésia Pinheiro Machado.

¹¹³ PEREIRA, A., 2013, p.141.

¹¹⁴ LEITE, Samuel Ferreira; PRATES, Victor José. Cordas caipira: a viola como instrumento de resistência cultural. In: XIX CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 22 a 24/05/2014, Vila Velha, ES. Anais... INTERCOM. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/expocom/EX43-1752-1.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2015.

¹¹⁵ A Dança de São Gonçalo – Ribeirão Branco. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Krv7Yny7J2so>>.

Dança de São Gonçalo em Itapetininga – Bairro do Espigão. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=unWqTqRiyyI>>.

bonito e, no final, os dançarinos formam uma roda em que o promesseiro dança segurando a imagem do santo retirada do altar, ou, no caso de haver apenas uma imagem para vários promesseiros, o santo vai passando de mão em mão “A dança de São Gonçalo é praticada geralmente em junho nos bairros rurais da Varginha, São Roque e Várzea. Várias danças se extinguíram: Bugrada, Congada, Fandango, Catira, Folia de Reis, Cavalhada”.¹¹⁶

E foi em meio a esse cenário paulista, caboclo, expansionista, heterogêneo e miscigenado que os protagonistas, inicialmente o selvagem indígena com toda naturalidade caracterizada pela autoctonia; depois o violento colonizador português interessado em exterminar índios e explorar a terra *brasilis* e finalmente os africanos brutalmente escravizados e mesmo assim, difusores da cultura negra, que surge a música caipira com suas características mestiças e seu modo peculiar de entender o mundo sertanejo.

Todos sabem que no bojo da viola sempre está chacoalhando um rabo de cascavel para garantir proteção ao violeiro. E que a categoria tem até padroeiro: São Gonçalo de Amarante é visto nos altares sempre de viola em punho e invocado nos momentos precisos.¹¹⁷

As canções religiosas dos jesuítas e as modinhas trazidas pelos colonizadores misturadas à música e às danças dos índios deram origem à música caipira. Esse gênero musical brasileiro é reconhecido na década de 10. A música caipira expressa a realidade dos cotidianos rurais, as melodias remetem ao campo e as letras falam das tradições, dos valores e das relações entre os sujeitos e a natureza e entre os sujeitos e o espaço rural. Cornélio Pires, grande conhecedor, pesquisador e escritor do universo caipira, diz em seu livro “Conversas ao pé do fogo”, que a música caipira “se caracteriza por suas letras românticas, por um canto triste que comove e lembra as típicas histórias do sertão’, mas sua dança é alegre”.¹¹⁸

É a música que mantém as estruturas e o jeito de manifestar-se dos antepassados, nos remetendo à um tempo antigo, quando escutamos. É o alicerce para que se ergam novas vertentes musicais e floresçam as novas

¹¹⁶ Bob Vieira, indagado sobre as danças religiosas da região.

¹¹⁷ PEREIRA, A., 2013, p. 141.

¹¹⁸ PIRES, 2002.

estruturas [...] As músicas tradicionais de raiz têm fundamentos e se desenvolveram, evoluíram porque foram passadas de pai pra filho, de modo original e espontâneo. A chamadas músicas sertanejas modernas acrescentam influências variadas, direcionando para o mercado consumidor.¹¹⁹

Já mencionei que o sujeito caipira é o habitante da boca do sertão¹²⁰, território que caracteriza o povoado ocupado pelo homem branco, área não isenta de conflitos entre os primeiros povoadores brancos e os últimos remanescentes indígenas, um lugar de fronteira, dos sujeitos diferentes entre si.¹²¹ Essa fusão cultural deu origem aos gêneros musicais, na região pesquisada, são eles: a moda de viola, a música de raiz e a música sertaneja. O termo sertão tem duplo significado "zona pouco povoada do interior do país"¹²² e "a parte norte-ocidental [brasileira], mais seca do que a caatinga". Por essa razão a palavra designa aquele que é "do sertão, ou que o habita. [...] Rústico, agreste. [...] caipira".¹²³

No livro, Inezita Barroso, a história de uma brasileira, a musa da música sertaneja, em depoimento diz que foi na década de 50 que o público deixou de lado a imagem do caipira burro.¹²⁴ A modernidade estava nas grandes cidades e a música caipira soava antiquada. Foi só na década de 70, que a música sertaneja desprestigiada em consequência do sucesso do surgimento de outros gêneros musicais brasileiros como a Bossa Nova, a onda da Jovem Guarda e a vanguardista Tropicália, recomeça a fazer sucesso com a música "Romaria" de Renato Teixeira. A canção fazia parte de uma peça teatral escrita pelo crítico e diretor teatral Miroel Silveira e pela escritora e folclorista Ruth Guimarães foi apresentada por Inezita Barroso. Dois anos mais tarde, em 1977, Elis Regina grava novamente "Romaria" e consagra a prece do caipira distante de sua terra. "Era o caipira voltando ao centro da

¹¹⁹ Bob Vieira contando sobre música de raiz e as influências das tradições caipiras na música sertaneja atual.

¹²⁰ CANDIDO, 2010.

¹²¹ FERREIRA, Edson. *A escravidão na fronteira*. Um estudo da escravidão negra numa "boca de sertão" paulista. Lençóes, 1860-1887. Disponível em: <http://historia_demografica.tripod.com/bhds/bhd27/eds.pdf>. Acesso em: 15 set. 2015.

¹²² FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 467.

¹²³ Id.

¹²⁴ PEREIRA, A., 2013, p. 117.

cena”¹²⁵. O caipira nunca abandonou a viola, hoje ele acrescentou outros instrumentos e sofisticou as melodias. O que antes era simples modinha, hoje é o sertanejo sofisticado. Vale à pena lembrar que *“a cultura do caipira, bem como a do primitivo não foi feita para o progresso”*¹²⁶. Hoje a “modernidade” e o apelo capitalista fez com que a tradição virasse um produto e as produções “caipiras” deixam de ser espontâneas e acabam sendo comercializadas nos centros urbano, mesmo assim, a tradição violeira ainda permanece viva nos cotidianos rurais. Nas cidades do interior e nas capitais acontecem grandes shows sertanejos. Muitos violeiros e cantadores tornaram-se duplas sertanejas e o que antes era apresentado nas quermesses agora ganha um espaço muito mais pop, moderno e sofisticado. Mas, nos bairros e nas festas da zona rural, a tradição permanece viva, o tocar viola é quase um dom passado de geração a geração. Onde há gente reunida na roça, há um tocar de viola e um cantar sertanejo. A tradição violeira permanece viva nos cotidianos rurais.

[...] aprendi sozinho, tocar violão. Somente aos 20 anos tive um contato com a viola caipira, vendo um grande violeiro tocando, o Zé Martins. Abandonei o violão e assumi a tarefa de aprender esse instrumento de dez cordas presente nas manifestações culturais da região tropeira. A partir daí me interessei por tudo que se relaciona com a viola caipira. ¹²⁷

O casamento e a escolha de um parceiro são importantes para os sujeitos da zona rural. Eles valorizam a fraternidade e a coletividade, portanto, no campo, viver em família é muito importante, o divórcio, a solteirice e a viuvez nem sempre são ideais de vida. As influências cristãs também conferem tradicionalismo ao pensamento do núcleo familiar que deve ser composto de pai, mãe e filhos.

Durante essa pesquisa, enquanto entrevistava o senhor Luiz Antônio, no bairro das Antas, em Itapetininga, indaguei sobre a composição da sua família, e percebi a grande importância dada ao casamento, ao número de filhos e a maneira como uniões e filhos acontecem:

Em relação aos meus irmãos tenho cinco: quatro homens e uma mulher. O mais velho José mora com meus pais e é solteiro, porém tem uma filha que

¹²⁵ PEREIRA, A., 2013, p. 126.

¹²⁶ CANDIDO, 2010.

¹²⁷ Bob Vieira narrando sobre o tocar viola.

é a neta mais velha dos meus pais. O Sérgio mora na cidade e trabalha na prefeitura, é o rebelde da família, foi casado com uma professora de inglês, tem um filho com ela e depois se casou novamente e tem uma filha. O Simão casou-se com 17 anos. Naquela época o casamento foi um escândalo! Tem três filhos, dois do casamento e um fora. Mora no sítio, mas, trabalha na cidade, é mecânico. A Lisbeth mora no sítio é professora leciona para prefeitura, na escola do bairro, aqui no sítio mesmo. É casada, não tem filhos. Eu Luiz moro e trabalho no sítio – um pouco com meu pai outro pouco de pedreiro. O caçula André é casado, tem uma filha (minha afilhada – Maria Luiza) mora e trabalha em outra cidade, é mecânico – detalhe: mora num sítio também.¹²⁸

Mais adiante, Luiz Antonio e Maurício, falam sobre as cerimônias e festas de casamento dos sujeitos que residem a zona rural do município:

A cerimônia religiosa geralmente é realizada nas igrejas da cidade. Mas as festas sempre são aqui no sítio, com muita bebida e quase sempre com churrasco. Não tem lista de convidados, todos se conhecem e sempre tem muita gente e muitas vezes começam na quinta feira e terminam no domingo.¹²⁹

Costumam ser bem animadas. A festa é, na maioria das vezes, grande, sendo na casa da família do noivo ou da noiva. Há muita bebida e churrasco. As cerimônias religiosa e civil ocorrem na cidade.¹³⁰

Quando Oracy Nogueira, pesquisou a região, percebeu que eram comuns casamentos consanguíneos, ainda se percebe esse fato na zona rural de Itapetininga, é certo que atualmente numa escala menor.

São comuns os casamentos entre primos e primas, tios e sobrinhas. Laços matrimoniais ligam e tornam a ligar, desde o século XVIII, em gerações sucessivas, os membros do grupo branco dominante que, assim se desenvolve e se contém dentro de um mesmo círculo de parentesco¹³¹.

O casamento era a principal garantia da perpetuação do *status* e da boa condição econômica. A principal garantia almejada nessas relações era a segurança propiciada pela brancura da pele, passaporte para a representação social privilegiada.

¹²⁸ Senhor Luiz Antonio, indagado sobre a família.

¹²⁹ Id.: sobre as cerimônias e festas de casamento.

¹³⁰ Maurício Frutuoso de Siqueira, indagado sobre as festas e cerimônias de casamento.

¹³¹ NOGUEIRA, 1998, p. 68.

Mesmo com todo esse cuidado, às vésperas da abolição, a população itapetiningana mantinha-se híbrida.

Nota-se hoje em dia, que a principal opção por uniões consanguíneas, diz respeito a convivência nesse cotidiano restrito, as relações acabam acontecendo entre os pares, as pessoas tem os mesmos interesses e frequentam os mesmos lugares.

O morrer na zona rural é bem diferente do morrer na zona urbana. A morte é um ritual, um momento de celebração no cotidiano rural. O sujeito caipira tem um modo peculiar de lidar com a morte. Essa peculiaridade está ligada à religiosidade e às tradições transmitidas pelos antepassados. O caipira idoso é querido, tem papel importante nas comunidades, ele tem a função de difundir os saberes e, quando ele falece, é uma tristeza imensa na comunidade.

A morte é certa e, quando a “doença ruim” vem anunciá-la, o sujeito estará acompanhado por familiares, amigos e vizinhos através das visitas constantes e cuidados especiais até o momento do adeus. A despedida é celebrada pelas pessoas que estiveram no entorno e aquelas que fizeram parte do cotidiano do morto. O termo “sororoca” é muito utilizado na região, para denominar as horas precedentes ao momento da morte em que o sujeito em agonia emite sons característicos na respiração. A partir da percepção da sororoca através do som da respiração do moribundo, a família é avisada e a morte é esperada.

Até o ritual da morte requer preparativos para o caipira. Além dos familiares, a vizinhança se envolve no ato providenciando o funeral, escolhendo o caixão, a decoração, o preparo do corpo e a escolha da mortalha. Ainda existem pessoas encarregadas de preparar o corpo do morto fazendo o tamponamento. As exigências da vigilância sanitária e o sentido comercial das funerárias têm desprezado essa prática exercida por pessoas específicas, guardiãs e praticantes dessa prática antiga. Na maioria das vezes o funeral acontece na residência do morto, na igreja, ou no barracão da comunidade e costuma ser mais demorado do que nos centros urbanos, dura de acordo com a putrefação do corpo. Enquanto o corpo não estiver expelindo líquidos e odores ele fica exposto para a comunidade homenagear, mais uma vez, saliento a lembrança do progresso imposto pela vigilância sanitária e pelas funerárias que apressam o funeral, assim, o modo de vida “civilizado”, “urbanizado”, dentro dos padrões esperados pela “modernidade” vem padronizando os rituais.

Alguns são realizados na cidade outros na própria casa e alguns na igreja do bairro, quase sempre com muita gente. No sítio todo mundo conhece todo mundo e são muito solidários.¹³²

São cheios de pessoas. Na maioria das vezes, nas casas dos familiares, mas tem ocorrido também nas igrejas e capelas dos bairros.¹³³

Mesmo na dor há celebração e comunhão¹³⁴. Durante o funeral, os visitantes são servidos de comes e bebes, gentilmente providenciados e oferecidos pela comunidade. Esses comes são geralmente: café, leite, pão com mortadela e refrigerantes populares. É um ritual de festividade solene aonde a comunidade participa em peso. O morador do campo, no cotidiano rural preserva hábitos que estão em desuso na vida urbana atual. Todo esse modo de vida caracteriza a cultura caipira.

¹³² Senhor Luiz Antonio, sobre os funerais dos sujeitos da zona rural

¹³³ Senhor Maurício Frutuoso de Siqueira, idem.

¹³⁴ REIS, João José. *A morte é uma festa; ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CAPÍTULO III

3 A FALA DOS SUJEITOS

A historiografia das últimas décadas tem se voltado para a memória de grupos sociais marginalizados, à deriva de processos de acumulação de riqueza ou poder e da história política institucional. Essa restrição não os impede de simultaneamente vivenciarem processos históricos em diferentes conjunturas manifestados nos modos de vida dos sujeitos caipiras tratados aqui. Essas diferentes abordagens históricas e a utilização de novos métodos de pesquisa, possibilitaram o estudo da história microsocial dos cotidianos.¹³⁵

Foram 7 anos imersa no cotidiano pesquisado, espaço social em que os sujeitos muitas vezes marginalizados por sua maneira humilde de ser, e, de certa forma, à deriva do processo de modernização, por falta de acesso ou por opção, coisa que atualmente não acontece, pois, eles interagem facilmente e frequentemente com o moderno, no campo e nos centros urbanos, assimilam novos conceitos culturais, e assim mesmo, voltam para o cotidiano rural garantindo a perpetuação das tradições e a manutenção da cultura caipira. Esses “novos conceitos culturais”, referem-se ao modo de vida que os inspirou ou foram adquiridos nos centros urbanos, como por exemplo, a rotina de 8 horas de trabalho, o lazer do fim de semana, a imposição de produtividade e lucro, estabelecidos geralmente pelo sistema capitalista; na zona rural as rotinas não obedecem essa regra, no campo não é o horário que prevalece, mas, sim o tempo, tempo de trabalhar, tempo de esperar e tempo de compartilhar. Outros elementos urbanos importantes são os ritmos musicais assimilados de outros lugares também presentes no cotidiano rural; o modo de vestir-se mais adequado à vida urbana também mudou a maneira como eles se vestem hoje em dia, esse sujeito não se traja de maneira desleixada. O caipira aqui tratado, é adepto do estilo country americano, gaba-se de seu chapéu, fivela e bota de cowboy, adornos que os identifica na cidade grande. Mesmo com tantas influências dos cotidianos externos, as tradições permanecem, o sujeito caipira interage com o moderno e com o urbano de maneira

¹³⁵ DIAS, 1995.

mais branda, talvez um pouco mais restrita aos cotidianos rurais aonde a manutenção das tradições vivifica a cultura caipira da região.

Considerando essa imersão no cotidiano rural, o recorte temporal estabelecido, refere o período entre os anos 2000 e 2005. Embora cercada por tradições culturais caipiras, até os 28 anos, não havia tido contato direto e intenso com o cotidiano rural da região, exceto em excursões familiares a sítios de parentes. Foi após o ingresso no cargo de professora efetiva de história da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo que pude conhecer o cotidiano caipira. O ingresso aconteceu na escola Evônio Marques, no distrito da Varginha, distante 30 quilômetros do centro da cidade. A escola é um polo comunitário, atende alunos oriundos de 18 bairros; a localidade mais distante, o bairro da Pescaria, fica a cerca de 60 quilômetros do município. No ano 2000, para a maioria das crianças dessa escola, ir à cidade mais próxima tinha o teor de uma grande viagem à metrópole. A clientela era composta por crianças e jovens muito educados e comprometidos com o processo educativo “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores”.¹³⁶

Considerando a importância da maneira como as experiências são passadas, neste capítulo trataremos especificamente das fontes desta pesquisa, as narrativas de alguns desses sujeitos, ex-alunos, moradores e ex-moradores da zona-rural, vinculados seja afetivamente ou profissionalmente ao campo que elencaram características próprias do modo de vida rural, segundo eles, latentes na localidade pesquisada. Essas características referem-se aos costumes e tradições que definem a cultura caipira. Esses sujeitos são, Luis Antonio, morador do sítio São Salvador, no bairro das Antas, produtor rural; Maurício, morador do sítio Cachoeirinha, localizado na estrada vicinal que liga a zona-urbana ao bairro da Varginha, professor de Língua Portuguesa; Gilda, moradora do bairro da Chapadinha, limite entre a zona rural e urbana do município, gerente de um mercado; Bob Vieira, músico e educador musical, residente na zona urbana do município; Osiel, residente em Sorocaba, funcionário da ZF do Brasil e Tatiana Maria Siqueira Campos, manicure, também moradora da zona urbana do município. O modo de vida desses sujeitos que vivem ou viveram no campo e que ainda preservam laços com a zona-rural é um dos aspectos que identifica os sujeitos e mantém vivo o legado das tradições caipiras. Vou tratar dos aspectos mais lembrados por eles e que levam a crer, serem os mais importantes na determinação

¹³⁶ BENJAMIN, 1987, p. 198.

do “sujeito caipira”. Durante as conversas que serviram de fonte para essa pesquisa, percebe-se que a fala dos sujeitos é permeada por aspectos do cotidiano rural que reverenciam as relações familiares, o trabalho os costumes e a religiosidade. Para todos os sujeitos, são esses aspectos que caracterizam, em grande parte, a cultura caipira e garantem a manutenção das tradições.

3.1 UMA EXPERIÊNCIA DOCENTE GRATIFICANTE E A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA

Comecei a fazer o primário com nove anos, pois, a escola era longe, aproximadamente 5 km da minha casa e não tinha transporte na época, então, os meus pais esperaram os filhos do vizinho começar a estudar para eu ir junto com eles. Eu já sabia ler e escrever minha mãe que nunca foi à escola, aprendeu a ler e a escrever sozinha, já tinha me ensinado muitas coisas [...] Quando as aulas eram no período da manhã, eu ia para a roça a tarde, e, quando era à tarde, eu ia na parte da manhã ajudar meus pais...Não era fácil. Trabalhava de sol a sol na roça às vezes distante de casa e quando estudava a noite muitas vezes não dava tempo de jantar ou comer um lanche antes de ir à escola, não tinha tempo para estudar para as provas. Aos finais de semana ia à igreja e às vezes jogava futebol com os amigos, foi um período muito bom, valeu a pena todo o sacrifício e foi uma época que dá muitas saudades de lembrar.¹³⁷

Ir à escola, além da busca pelo conhecimento, para esses alunos, significava a possibilidade de viver em comunidade, de conhecer e interagir com pessoas que viviam experiências semelhantes, moradores dos inúmeros bairros, mas que, por conta da distância só se encontravam naquele local. Também era a instituição escolar que propiciava o contato com diferentes realidades, a escola era a porta para um mundo novo, o mundo “moderno” das instituições oficiais. Os alunos não chegavam sem conhecimento à escola, eles traziam de casa ensinamentos dos pais herdados de seus antepassados, trata-se do “*muitas coisas*” mencionado na fala de Osiel.

Estudar e trabalhar são considerados responsabilidades para esses sujeitos. O trabalho assim dividido: a lida no campo para os meninos e o serviço doméstico para as meninas, fazia parte das obrigações familiares, não pelo trabalho em si, mas pelo

¹³⁷ Osiel em entrevista sobre a sua vida na fase escolar (2000).

contato com os familiares e respeito às tradições. A coletividade estava presente desde o embarque para a escola, nada se fazia individualmente, o conhecimento era construído através das relações entre os sujeitos.

A escola além dos estudos, nos proporcionava momentos do lazer com festas, gincanas e torneio de futebol... Além de tudo para nós do sítio (escola de zona-rural) era muito bom, pois naquela época a gente não tinha oportunidade de ir para a capital.¹³⁸

Assim como trabalho e lazer são características da cultura caipira, lazer e estudo também estavam intimamente ligados, não significando que o lazer pudesse provocar a desorganização ou o repúdio ao estudo. Para o caipira o lazer está relacionado à produção e para esses alunos o lazer era uma estratégia de conhecimento “O lazer era parte integrante da cultura caipira; condição sem a qual não se caracterizava, não devendo portanto, ser *julgado* no terreno ético, isto é, ser *condenado* ou *desculpado*, segundo é costume”.¹³⁹

O que tornava essa clientela escolar tão diferente da maioria das outras era, sem dúvida, o comportamento dos alunos, a maneira respeitosa como eles tratavam a instituição e os professores. A educação que eles traziam de casa reproduziam no coletivo. A família era quem garantia a base da educação e as relações praticadas entre os entes se reproduziam nas relações escolares, o respeito e a admiração eram as bases das relações.

Lá a gente tinha as professoras como mãe. A gente chegava na escola e a gente respeitava o professor. Aqui a gente vê as pessoas tratando o professor como se fossem nada. A gente tinha eles como pais, hoje em dia ninguém respeita com educação. Os professores chamavam a atenção e a gente ficava quietinho. Hoje em dia não é assim na cidade. Meus pais ensinaram a respeitar a tratar professor com educação e hoje em dia as crianças falam que os professores estão maltratando quando eles chamam a atenção. Na cidade não sabem educar, se comunicar e explicar para as crianças.¹⁴⁰

¹³⁸ Osiel, sobre as ações educativas que aconteciam na escola, no entorno e viagens à outros municípios, especificamente à capital do Estado. A maioria dos alunos, só conheceu a capital, através dessas ações que geralmente eram visitas à museus e teatros.

¹³⁹ CANDIDO, 2010. p. 102; 103.

¹⁴⁰ Gilda, em entrevista comentando sobre como era o comportamento dos alunos na escola Evônio Marques e como é atualmente o comportamento dos alunos nas escolas da zona-urbana do município.

Dialogando com os sujeitos, percebi que essa educação diferenciada, que os caracteriza e envaidece, está fortemente relacionada ao modo de vida e aos costumes e tradições aprendidas com os pais e avós, trazida para a escola e para o universo urbano. Eles entendem que a educação que receberam os fez diferentes e associam o sucesso pessoal e profissional a esse modo de ser aprendido com os mais velhos. No cotidiano rural, as relações familiares são determinantes.

Meus pais eram pessoas simples mas não rígidas. Ensinavam a gente a respeitar as pessoas, respeitar desde idoso à criança. A escola, era diferente da escola da cidade, eu vejo que a gente tem uma educação diferente daqui (zona-urbana). O jeito de se comportar, de falar é bem diferente.¹⁴¹

Quando Gilda diz que seus pais eram pessoas simples mas não rígidas, ela está se referindo à educação que recebeu. Seus pais eram pessoas humildes da zona-rural, mas que tratavam os filhos com carinho e respeito, respeito que devia ser reproduzido em outros cotidianos. Independentemente da simplicidade do modo de ser da humildade do ambiente familiar, a educação foi primorosa.

Sem dúvida o que sou hoje devo muito ao período em que estudei na Evônio Marques. Através do ensino, estudo e força de vontade a gente conquista o que muitas vezes parece impossível. A prova é que já faz 10 anos que estou aqui trabalhando na segunda maior fabricante de autopeças do mundo. Há 15 anos eu morando lá no “fundão da roça”, como a gente fala, quem diria que hoje estaria onde estou?¹⁴²

Sair do “fundão da roça” e viver numa cidade grande foi o desafio enfrentado por Osiel, ele era consciente das diferenças entre o rural e o urbano, pode conhecer os dois universos e sabia que o modo de ser seria um fator diferencial nas relações. Sofreu preconceito por seu comportamento humilde, assimilou novos hábitos, ditos modernos e adaptou-se ao centro urbano de uma grande cidade. Hoje ele associa o sucesso profissional à educação que recebeu da família e da instituição.

Não existe um modelo escolar urbano ou rural. Atualmente, os programas de ensino são básicos e únicos. O que se impõe e reproduz é a cultura urbana, muito

¹⁴¹ Gilda também diferenciando a educação do campo e dizendo que o que aprendeu com os pais fez diferença em sua formação.

¹⁴² Osiel, falando sobre a importância da escola na sua vida pessoal e profissional.

mais ficcional do que real. A maioria dos professores valorizam essas ideias sobre a relevância do urbano sobre o rural. Devido às condições de trabalho, ou mesmo por opção pessoal, os professores que lecionam nesses cotidianos aqui tratados, desconhecem ou ignoram a cultura rural.

A ideologia do educador, no campo, é via de regra a ideologia que considera a cultura, os costumes, o saber da população que ele quer educar como cultura primitiva de povos ignorantes, formas incivilizadas de conhecer a vida e interpretar o mundo. Não raro, o educador é o grande responsável por abrir um amplo abismo cultural entre as gerações do mundo rural.¹⁴³

Com os Parâmetros Nacionais da Educação (PCN) houve um grande avanço no que tange à qualidade da educação e adequação de currículos, muito ainda há por fazer, infelizmente, ainda não há um cuidado especial, que demande pesquisa e atenção por parte dos programas educativos dos governos estaduais ou federais. Há recomendações para que as práticas pedagógicas privilegiem o protagonismo juvenil e a cultura local, mas nem sempre as equipes gestoras se comprometem de fato com a realidade escolar e acabam reproduzindo o que está nos documentos oficiais sem adaptá-los. O Projeto Político Pedagógico nem sempre privilegia as tradições locais e o diálogo entre as culturas.¹⁴⁴

Para esses sujeitos, ex-estudantes das escolas rurais, a cultura está relacionada ao modo de ser e manter as tradições e ao comportamento, fatores que estão intimamente ligados à vida familiar. Pensam também, que existe uma “bagagem cultural”, ideal de cultura, que é própria e caracteriza o sujeito “culto”; esse ideal só é alcançado através da educação institucional. Essa forma de educação, geralmente oferecida nas instituições escolares tem função redentora, é uma “cultura” assimilada que pode ser integrada às tradições que foram aprendidas com os familiares no cotidiano rural.

¹⁴³ Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/049/49cmartins.htm>>. MARTINS, de Souza José. Versão integral de entrevista publicada, com reduções, cortes e reordenações, em Fundescola, Boletim Técnico 53, Ano VI, Ministério da Educação/Fundo de Fortalecimento da Escola, Brasília, novembro 2001, p. 9-11. In: Revista USP, n. 64, Coordenadoria de Comunicação Social, Universidade de São Paulo, dezembro 2004-fevereiro 2005, p. 29-49.

¹⁴⁴ BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Introdução. Ensino Fundamental. Brasília: MEC; SEF, 1998.

A gente que é caipira, muitas vezes em roda de amigos mais cultos, somos deixados de lado por não saber nos expressar direito e no dia a dia, no trabalho as vezes as pessoas tiram sarro da maneira de falarmos.

Eu acho que pessoas cultas, são aquelas que nasceram nos grandes centros e, além disso, aprimoraram sua cultura já vinda de berço, com muito estudo, várias faculdades e pós-graduação. Ter contato com as coisas da cidade também é importante, teatro, museu, cinema.¹⁴⁵

O que infelizmente acontece é a hegemonia cultural das culturas urbanas, que estabelece como necessários os costumes impostos pelo sistema produtivo capitalista, moderno e contrário à essência da cultura caipira que não foi feita para o progresso¹⁴⁶ e, por bastante tempo, baseou-se na subsistência.

3.2 A MANUTENÇÃO DAS TRADIÇÕES

3.2.1 A infância e o trabalho

Segundo o historiador francês, Philippe Ariès¹⁴⁷, a ideia de infância é fruto de uma transformação social e histórica surgida apenas por volta do século XIII. O período que compreende os primeiros anos das pessoas, não era diferenciado e, foi só a partir do século XVIII, que as crianças foram vistas como diferentes dos adultos. Para os sujeitos entrevistados, a infância foi determinante para a sua identidade, essa fase da vida foi essencial para interagir com o ambiente rural e aprender as tradições com os mais velhos. Esse tempo, corresponde ao período em que eles brincavam, viviam com os pais e familiares e interagiam com outras crianças no cotidiano pesquisado. Todos os entrevistados salientam que esta vivência rural, o constante contato com os mais velhos e com os familiares, tornou suas infâncias ricas de experiências encantadoras, bem diferente do que é nas grandes cidades ou mesmo

¹⁴⁵ Osiel, em entrevista, indagado sobre cultura.

¹⁴⁶ CANDIDO, 2010, p. 97.

¹⁴⁷ ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*; tradução Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

na zona-urbana. Eles tinham acesso ao modo de vida de uma criança dos centros urbanos, mas o contato com a natureza e a liberdade que isso proporcionava supria as necessidades de lazer infantil. Mesmo distante dos centros urbanos, das convenções impostas pela sociedade consumista (shopping, aniversário, natal, páscoa etc) e da tecnologia. Para eles a infância no campo foi muito significativa e não trocariam por nada essa experiência. As crianças brincavam juntas e era uma farra deliciosa, pois é no sítio que as brincadeiras antigas ainda reinam, as crianças criam e a natureza é a fonte de inspiração para as brincadeiras; os games já estavam por lá, mas, o brincar coletivamente, interagindo com a natureza prevalecia.

Nunca tive festa de aniversário, ovos de Páscoa ou presente de natal, mas assim, vivendo na simplicidade, aprendi a conhecer as coisas boas da vida. Mesmo longe da tecnologia que hoje nos prendem e que precisamos para nos mantermos informados, tenho certeza que não queria outro tipo de infância. ¹⁴⁸

Outro aspecto importante, consiste no fato das crianças ajudarem os pais no trabalho. Os entrevistados têm esse hábito como um aprendizado e não como um castigo ou imposição. O ir trabalhar no campo com o pai, ou ajudar a mãe no serviço da casa é uma tradição e uma divisão de trabalho entre homens e mulheres. Já foi mencionado anteriormente que, às mulheres ainda cabe o serviço doméstico e aos homens o trabalho no campo, essa divisão sexista de trabalho é um dos vestígios do passado indígena e da influência portuguesa presente no cotidiano rural.

Minha infância foi simples e tranquila. Sempre acompanhei meus pais na lida do campo, criando gosto por essa área. Aprendi desde cedo cuidar do gado, a ordenhar vacas, a pastorear ovelhas e, acima de tudo, valorizar as coisas da natureza. Nunca tive muitos vizinhos, apenas alguns primos com quem passava algumas horas. Eu fazia do trabalho no campo uma diversão, nunca por obrigação. Mesmo assim, não deixava de pescar, brincar em riachos, subir em árvores e em cercas e até ver meus desenhos favoritos na TV. Além disso, sempre acompanhei meus pais em eventos religiosos. ¹⁴⁹

¹⁴⁸ Luis Antonio, contando como foi a sua infância.

¹⁴⁹ Maurício também narrado como foi a sua infância.

Na infância, era ir pra escola, ajudar a mãe no serviço, brincar muito, andar à cavalo, ir em festa de bairro, festa de escola, festa de igreja. Era gostoso, bem gostoso.¹⁵⁰

Diferente dos outros narradores, Tatiana morou quando criança numa cidade grande no Paraná, Ponta Grossa. Seus pais têm origem no campo, mas, ao unirem-se, foram tentar a vida no grande centro urbano, encantados com a modernidade. Com os 4 filhos ainda pequenos, voltaram para o Bairro Viracopos, na zona-rural de Itapetininga, aonde terminaram de criar os filhos e voltaram a praticar a agricultura. Para Tatiana, o trabalho é tão importante para os sujeitos da zona rural que faz parte da rotina familiar. Não é uma imposição, as crianças não deixam de ir à escola para trabalhar, nem são excluídas do processo educativo. Para os pais, estudar também é obrigação, os filhos devem ser ensinados a praticar o serviço que dará sustento aos entes e os fará sentirem-se importantes, responsáveis pelo processo produtivo da economia familiar.

Meu pai era agricultor, ele tinha estufa, plantava legumes. A gente acordava bem cedinho, cinco e meia da manhã, todo mundo já estava acordando. Meus irmãos iam de manhã pra escola e eu ia à noite. Era o dia inteiro colher legumes e embalar legumes. Era assim, todos os dias era a mesma coisa, a mesma rotina. Eu ajudava meu pai e minha mãe. Quando criança não, nós morávamos em Ponta Grossa. Quando eu fiquei maior meus pais voltaram pra cá, aí eu ajudava. Como aqui era sítio, todo mundo tinha uma coisinha pra fazer.¹⁵¹

Antonio Candido, em seus estudos sobre os sujeitos caipiras, na segunda metade do século passado, observou nesses cotidianos rurais a prática da agricultura de subsistência¹⁵². Hoje em dia, a produção agrícola desempenhada por esses sujeitos, no município pesquisado, já se adaptou aos modos “modernos” de produtividade. Itapetininga destaca-se na produção agrícola estadual, e, principalmente, na diversidade de sua produção. Um dado relevante da economia local, refere-se ao fato de aproximadamente 82% das propriedades rurais classificarem-se na categoria de agricultura familiar e/ou de subsistência. Esses dados agrícolas atuais remetem à cultura caipira da região, do homem que permaneceu na

¹⁵⁰ Gilda, lembrando dos tempos da sua infância.

¹⁵¹ Tatiana, em entrevista, sobre o trabalho familiar.

¹⁵² CANDIDO, 2010.

terra, muitas vezes como agregado, boia-fria ou sem-terra, até que uma grande parcela conseguiu progredir e produzir “Uma comunidade caipira que conserva as formas tradicionais de sociabilidade é, hoje, uma sobrevivência rara, confinada às áreas mais remotas e menos integradas no sistema produtivo”.¹⁵³

Para justificar, essa abordagem, a narrativa de Maurício, demonstra como se dá atualmente a sobrevivência desses sujeitos que vivem na zona-rural há muito tempo, produzindo renda de modo moderno, sem perder de vista a valorização da coletividade.

Meus avós paternos, já falecidos, tiveram um sítio no qual todos os sete filhos deles formaram suas famílias e vivem até hoje. Todos ainda mantêm suas terras herdadas e nelas vivem, colhendo seu sustento com atividades pecuárias e de avicultura. São bastante unidos, reunindo-se, geralmente, em finais de tarde e em ocasiões religiosas.¹⁵⁴

3.2.2 Os velhos e a lembrança

O narrador conta o que ele extrai da experiência - sua própria ou aquela contada por outros. E, de volta, ele a torna experiência daqueles que ouvem a sua história.¹⁵⁵

Os sujeitos da zona-rural, valorizam seus velhos. Eles sabem que são eles os conhecedores das tradições e, mesmo que não tenham tido a instrução oferecida nas instituições de ensino formais, os velhos são considerados importantes, pois suas narrativas são exemplos de sabedoria. Em sua narrativa, a respeito dos mais velhos, Luis Antonio explicita o carinho e o respeito que sente pelo pai, salienta que é o patriarca quem determina como as coisas devem ser, ele é consultado pelos mais jovens, respeitado pela sua experiência de vida e a convivência com os idosos proporciona sabedoria.

¹⁵³ RIBEIRO, Darcy, 2006, p. 392.

¹⁵⁴ Maurício, sobre o lugar aonde vive e seus ancestrais.

¹⁵⁵ BENJAMIN, 1987.

A pessoa mais velha da minha família é meu pai (pensativo/emocionado) Antonio Francisco, nasceu aqui no sítio no bairro das Antas e vive até hoje por aqui, mas em outro bairro, na Várzea. É um patriarca à moda antiga: ele manda e toma conta de tudo, gosta de ter a razão, anda o dia todo pelo sítio e pelas granjas que possui, tem quatro, três em funcionamento e uma em construção. Minha convivência com as pessoas mais idosas de minha família é muito boa, com aprendizados que levarei pra vida toda. ¹⁵⁶

Quando fui entrevistar a Gilda, tanta foi a emoção, que tivemos que parar a gravação. Com o consentimento dela, consegui registrar um pouco do carinho e respeito que ela sente pelo avô. Os avós e idosos em geral são para esses sujeitos, membros participantes, convivem, compartilham lembranças e ensinam tradições. Na menção ao avô, Gilda traz vários aspectos do modo de vida caipira: a apreciação pelo gênero musical, o hábito de tocar viola e violão, a culinária própria desses sujeitos, o jeito de falar - ‘friozinho’ – a distância entre os lares, a importância da visita, o trabalho como empregados na fazenda e a ligação com o imóvel rural dos pais.

Quando eu escuto “o menino da porteira” a primeira coisa que vem na minha cabeça é o meu vô, meu vô e minha vó. Ela tocava viola e ele violão. Eu não aprendi. Eu gostava muito de ficar com meu avô. Café da manhã era coisa simples: virado de feijão ou virado de ovo com café puro. Eu brigava com ele por que eu queria tomar o restinho que sobrava na chaleira, que já tava frioquinho, num tava quente...Era longe mais a gente conseguia ir todo fim de semana na casa deles. Vivemos muito tempo na fazenda aonde meus pais trabalharam, mas hoje, meus pais construíram no sítio do meu vô. ¹⁵⁷

A função do velho é lembrar, lembrar muito e lembrar bem. A ocupação que esses sujeitos exerceram durante a vida ocupa grande parte da memória dos velhos. A memória, na velhice, é uma construção do que já foi vivido. O que acontece hoje em dia é que a ideia de velhice vem adquirindo outras formas. O velho já não é mais aquele sujeito inerte limitado por sua condição física, a velhice atualmente, pode ser vista com boas perspectivas de futuro, isso deve-se à qualidade de vida alcançada graças a biociência, á fatores econômicos, sociais e comportamentais.¹⁵⁸ Na velhice, esses sujeitos adquirem uma nova função, tornam-se responsáveis pela memória da

¹⁵⁶ Luis Antonio, sobre os ensinamentos e o respeito ao pai, membro mais velho da família.

¹⁵⁷ Gilda narrando a lembrança do avô, os momentos ao seu lado e o que aprendeu com ele.

¹⁵⁸ BARROS, Regina Duarte Benevides; CASTRO, Adriana Miranda de. Terceira idade: o discurso dos experts e a produção do “novo velho”, *Estudos Interdisciplinares Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 4, p. 113-124, 2002.

família, do grupo, da sociedade. O sujeito jovem e ativo não tem tempo para se ocupar com lembranças, deles, a sociedade espera produção. Dos velhos, entre outras coisas, espera-se a lembrança. Os velhos têm uma memória social atual mais contextualizada e definida, pois são expectadores de um quadro já finalizado e bem delineado no tempo. Aos mais jovens, ainda absorvidos nas lutas e contradições de um presente que os solicita intensamente, falta experiência para lidar com as lembranças. Valorizar essa função dos velhos, a lembrança, contribui-se para o não esvaziamento de funções sociais e a consequente desvalorização dessa etapa da vida.

Enquanto os pais se entregam às atividades da idade madura, a criança recebe inúmeras noções dos avós ... conversam com elas de igual para igual, refletindo sobre acontecimentos políticos históricos, tal como chegam a eles através das deformações do imaginário popular.¹⁵⁹

É dos velhos a função de transmitir os ensinamentos. Eles são os exemplos vivos. Tatiana, em entrevista, salienta o cuidado com o tratamento respeitoso que aprendeu a dispensar aos idosos e a importância que esse hábito tem para os sujeitos da zona-rural. Foi repreendida quando criança e hoje preocupa-se em ensinar o costume do tratamento respeitoso ao seu filho. Ela lamenta que para algumas pessoas, geralmente moradoras há mais tempo no perímetro urbano, essa preocupação é uma bobagem, faz parte de um costume antigo que não deve ser reproduzido.

Meu pai me ensinou assim: quando fossemos falar com os mais velhos era senhor, senhora, muito obrigada, Deus abençoe e eu ensino assim o meu filho. Tem pessoas que falam, isso é coisa de velho, mas eu digo que foi assim que eu aprendi e é assim que eu quero que meu filho faça. Eu apanhava se não falasse senhor e senhora pra uma pessoa mais velha¹⁶⁰

¹⁵⁹ BOSI, Ecléa. *Lembrança de velhos: memória e sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979, p. 73.

¹⁶⁰ Tatiana comentando sobre o cuidado que aprendeu com seus pais, com o tratamento destinado aos velhos.

3.2.3 Os costumes e a religiosidade

Nos cotidianos rurais são os costumes praticados pelos sujeitos que propulsionam o modo de vida caipira e garantem a manutenção das tradições. Esses costumes, de acordo com as narrativas, caracterizam o modo de ser dos sujeitos, manifestados no trabalho, na faina aprendida com os mais velhos, no trabalho doméstico ensinado pelas mães e avós, no hábito de fazer e tomar café, de comer o virado, de tocar a viola, de pedir bênção e agradecer. Esses costumes foram aprendidos com os ancestrais e ainda são praticados, tanto nos cotidianos rurais como nos centros urbanos.

O “costume”, nas sociedades tradicionais, tem a dupla função de motor e volante. Não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente. Sua função é dar a qualquer mudança desejada (ou resistência à inovação) a sanção do precedente, continuidade histórica e direitos naturais conforme o exposto na história.¹⁶¹

As tradições, vigentes nas sociedades ditas “tradicionais”, como a tratada aqui, não se modificam. Elas não são inventadas ou assimiladas, fazem parte do cotidiano e são próprias dos sujeitos, referem-se a rituais, simbólicos ou não e permanecem vivas por serem repetidas ao longo da história. *O objetivo e a característica das “tradições”, inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição.*¹⁶²

Cristina: Em sua opinião, os homens da zona rural, que vivem e reproduzem a cultura caipira preocupam-se com a perpetuação das tradições? Você pode comentar?

Bob: Preocupam-se e as praticam, como forma de legítima defesa contra as influências externas, valorizando aquilo que lhes oferece felicidade, proporcionando autoestima. Percebem que a preservação enfrenta muitas

¹⁶¹ HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 10.

¹⁶² Id.

dificuldades, sofrem com o futuro anunciado e lamentam a falta de interesse dos cidadãos que deveriam amar suas tradições.¹⁶³

Bob Vieira, em sua fala, aponta para o perigo imposto pela modernidade, para o alastramento das tradições inventadas e para a falta de cuidado com a cultura caipira por parte dos órgãos públicos que deveriam atentar para o avivamento das tradições. Como já vimos, as tradições permanecem vivas quando são repetidas e, infelizmente, os apelos da cultura de massa, presente em toda parte, inclusive no universo rural, apontam um futuro promissor para as tradições assimiladas. Elas agem com intuito de padronizar os costumes dos sujeitos, as tradições e, se não forem praticadas e estimuladas podem estar com os dias contados. Os violeiros já não residem na zona-rural, o ritmo sertanejo atualmente é mais rentável que a música de raiz; os sujeitos entrevistados nessa pesquisa tiram seu ganha-pão no perímetro urbano do município e, dessa forma a cultura caipira vai sendo hibridizada e tradições inventadas estão sendo assimiladas com rapidez.

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado.¹⁶⁴

No capítulo 2, no item “festejar”, tratamos da religiosidade no cotidiano rural pesquisado e da forte influência portuguesa representada em inúmeras tradições, entre elas a Dança de São Gonçalo, as festas nos bairros, as novenas, os costumes aprendidos e ensinados que configuram e perpetuam a cultura caipira. O caráter “cordial” do brasileiro, definido por Sérgio Buarque de Holanda, no que refere à religiosidade do caipira aqui tratado, é bem caracterizado nas práticas observadas. Existe uma maneira peculiar de tratar o sagrado, a familiaridade com que o divino é tratado, de maneira muito mais fraternal do que paternal. A religiosidade é vertical, estabelecida muito mais entre os sujeitos do que com o sagrado, é evidente que existe o respeito com o sagrado, mas Deus ou os santos e santas são amigos ou irmãos dos sujeitos, o sagrado, para esses sujeitos, está relacionado ao sentimento.

¹⁶³ Bob Vieira, em narrativa, sobre a preservação das tradições caipiras.

¹⁶⁴ HOBBSAWM; RANGER (Orgs.), 1984, p. 9.

O catolicismo no Brasil terá um caráter adaptável às circunstâncias sociais de modo a não ter um princípio transcendental a ordenar a vida do crente em torno de um centro definido, apelando sempre para os sentimentos e os sentidos e quase nunca para a razão e a vontade.¹⁶⁵

Já tratamos das relações familiares e da importância dos velhos como determinantes para que os costumes e tradições da cultura caipira permaneçam. Com a religiosidade, importante elemento das tradições pesquisadas, não é diferente. Gilda menciona, de maneira emocionada, a relação estabelecida com os avós na apreensão dos ensinamentos religiosos e evidencia também a forma íntima de tratamento com o sagrado. Para esses sujeitos, Deus está próximo.

Minha avó era muito católica. Ela ensinava a gente a rezar, sempre estava rezando, ensinava a gente rezar pedindo as coisas e abençoava a gente. Eu chego na casa da minha mãe e a primeira coisa que eu digo é “bença mãe”, “bença pai”, na hora de dormir também, eu almoço e digo, “Deus abençoe”. Isso eu aprendi com a minha avó. Ela sempre fazia reza.¹⁶⁶

As práticas religiosas desenvolvidas por esses sujeitos são, sem dúvida, propulsoras importantes das tradições. São costumes praticados há muito tempo pelos sujeitos adaptando os aspectos culturais indígenas, portugueses e africanos. Sergio Buarque de Holanda, ao usar o termo “raízes”, refere-se justamente a esse enraizamento cultural e a essa maneira própria dos sujeitos adequaram os costumes à sua necessidade, buscando em si mesmos e não nos modelos estrangeiros, as formas de organização social. Utilizando a religiosidade como exemplo, para esses moradores da zona-rural pesquisada, é mais interessante a festa, a romaria, a matança, os leilões, as novenas, o estar junto, o celebrar e tudo o que refere à “pompa exterior” do que o sagrado, para muitos deles incompreensível.¹⁶⁷

¹⁶⁵ WEGNER, Robert. Religião, Cordialidade e Promessa. O catolicismo em Raízes do Brasil e Monções, de Sérgio Buarque de Holanda. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1-2, p. 169-186, jan/dez 1999, p. 175.

¹⁶⁶ Gilda, contando sobre a fé e as práticas religiosas percebidas e aprendidas com a vó.

¹⁶⁷ TORRÃO, Amílcar Filho. Um texto fundador e as raízes de uma interpretação: Sérgio Buarque de Holanda e a desordem pitoresca da cidade colonial. *Polítela: Hist e Soc.*, Vitória da Conquista, v. 3, n. 1, p.113-132, 2003.

Novamente o bairro aparece como palco principal da coletividade, motivada ou pela fé ou pelo trabalho. A comunidade católica, foi a que nas entrevistas, apareceu como principal agremiação de sujeitos. Nos rituais tradicionais, maior é o hábito da reunião e da celebração que a filiação à uma ou outra igreja. Nos eventos, é comum, evangélicos e espíritas participarem da programação, existe um respeito velado que acolhe a todos. Nesses cotidianos religiosos os costumes e as tradições estão fortemente presentes.

Eu sou católica. Todos os domingos tinha celebração com os ministros e uma vez ao mês o padre ia. Tinha mês de santo ou santa nos bairros, a gente se reunia e lá eram montadas barraquinhas, vendiam assados, faziam leilões de assados e animais vivos pra arrecadar dinheiro pra comunidade, arrumar dinheiro pra comprar banco, reformar a igreja, eram 3 dias de festa. Começava na sexta-feira com a matança, as comunidades recebiam os animais vivos e se reuniam pra matar porco, galinha, boi, carneiro... Toda a comunidade se reunia pra matar e assar os animais, um ajudava o outro e vinha gente de outras comunidades também. No sábado tinha bailes com grupos musicais gaúchos ou sertanejos. Dançava a noite inteira. O pessoal gosta mais da música gaúcha, essas coisas do sul, por que não fala só do corpo da mulher, mas fala das coisas da natureza e anima o baile, dá pra dançar gostoso. No domingo tinha a romaria, tem muito até hoje. As pessoas de cada bairro tinham uma comitiva, que fazia camiseta e se reuniam a cavalo até o local da festa, passavam de sítio em sítio, com bandeiras, vinha gente da cidade também, quando chegava no lugar da festa o padre abençoava com água os cavalos e os cavaleiros. É bem bonito, no final tem um almoço que é vendido pra arrecadar dinheiro para as comunidades. Acho que é antigo, vem dos tropeiros. Vamos sempre nas romarias.¹⁶⁸

Essas tradições tão comuns na zona rural, estão em desuso no centro urbano da localidade, embora, muitas pessoas procurem os cotidianos rurais estudados para seus momentos de lazer, são inúmeras chácaras e sítios cujos proprietários não exploram o potencial econômico agrícola, utilizando os espaços para lazer nos finais de semana. A região é bastante procurada por moradores da capital em busca de sossego e contato com a natureza. A ideia do bucolismo campestre e da cidade violenta reside ainda hoje também na mente dos sujeitos que nos contemplaram com as narrativas. É essa característica romantizada da vida no campo que faz com que eles definam-se como caipiras.

¹⁶⁸ Tatiana comentando sobre a sua religião e as tradições.



Foto: Um domingo de romaria: comitiva pronta para a cavalgada.

Fonte: Acervo de Luis Antonio

Há uma associação positiva à qualidade de vida que é idealizada para a zona-rural e difundida no mundo moderno. Pertencer a algo positivo faz com que os sujeitos orgulhem-se de sua origem, embora tenham consciência de que no campo a vida é mais rústica, isto é, o conforto que a vida moderna dos centros urbanos oferece não está disposto no campo com a mesma facilidade.

Saudade de levantar cedo tomar um cafezinho feito no fogão à lenha, tomar leite direto da mangueira, ir pegar o cavalo naquele sereno que não se enxerga nada para ir à roça, comer aquele frango caipira com arroz feito no fogão à lenha, dormir com a casa toda aberta sem se preocupar com bandido, correr no pasto atrás das codorninhas e perdizes...¹⁶⁹

Ser caipira para esses sujeitos é estar ligado à natureza e manter os costumes que aprenderam com os familiares, é apreciar as tradições perpetuadas por seus antepassados, orgulhar-se de suas origens, ensinar aos seus descendentes o que aprenderam e manifestar, na maneira de ser e agir, a simplicidade que caracteriza os sujeitos e a cultura caipira. Nos centros urbanos os sujeitos são parte de um todo

¹⁶⁹ Osiel sobre a saudade da roça e o que o faz caipira.

movido pelo trabalho e pelas obrigações da vida moderna, no campo não. No campo as pessoas se conhecem.

O que me caracteriza é a simplicidade, os laços com os costumes e familiares, bem como manter algum tipo de negócio rural.¹⁷⁰

O jeito de falar, a espontaneidade, dar risada, cumprimentar todo mundo: oi fulano, oi cicrano; oi comadre, oi compadre; por que não apareceu em casa? Na cidade grande ninguém conhece ninguém. Na zona rural tem aconchego, todo mundo se conhece.¹⁷¹

A visão idílica evidenciada nas narrativas, cai por terra, quando analisamos aos aspectos do modo de vida de cada um deles. Luis Antonio, talvez seja o mais vinculado às atividades do campo, reside no sítio e seu sustento provém do trabalho rural mas, em sua narrativa, evidencia que foi nos centros urbanos que adquiriu formação intelectual para sua atividade profissional. Maurício, embora, também resida no sítio, leciona numa das maiores escolas estaduais localizada no centro da cidade, interagindo com a urbanidade no seu dia-a-dia. Osiel, muito apegado aos costumes rurais, se envaidece ao dizer que mora numa grande cidade, Sorocaba, e trabalha numa multinacional, está totalmente inserido e adaptado ao mundo do trabalho imposto pela modernidade. Gilda, interage entre os dois mundo, o rural e o urbano, conhece as imposições da cultura capitalista predominante nas cidades grandes e utiliza, como gerente de um supermercado localizado no limítrofe urbano de Itapetininga, aspectos da modernidade, tais como, tecnologia, produtos industrializados, entre outros, que dão ao estabelecimento ares urbanos. Tatiana é manicure num elegante salão-de-beleza, no centro da cidade, habita esse centro e o contato com o meio rural, hoje se restringe ao lazer de esporádicos fins-de-semana. Bob Vieira, o artista da cidade, é nos eventos urbanos que ele apresenta-se, levando consigo a viola e a bagagem cultural caipira que trouxe de seu passado rural. Os modos de vida dos narradores apontam para a interação entre os cotidianos e para a necessária adaptação imposta pela modernidade. Não há como dissociar campo e cidade, assim como não podemos romper com a ideia temporal de passado, presente

¹⁷⁰ Maurício sobre o que caracteriza ser caipira.

¹⁷¹ Tatiana sobre o que é ser caipira.

e futuro, os cotidiano diferem, as conjunturas mudam, os sujeitos assimilam e adequam costumes, as tradições estão em frequente processo de transformação, hibridizando e garantindo a perpetuação da cultura caipira.

CONCLUSÃO

Os objetivos propostos nesta dissertação foram perseguidos ao longo dos três capítulos. No primeiro capítulo refletiu-se sobre o município de Itapetininga e em como se deu a formação histórica da cidade. Logo no início, deparou-se com a origem do nome que remete ao passado indígena e aos aspectos geográficos que influenciaram práticas econômicas no período, contribuindo dessa forma para a habitação da localidade. Na época, o tropeirismo envolveu uma gama de diferentes sujeitos, desde comerciantes a índios que viviam na região e acabaram inseridos no processo econômico. Índios, tropeiros e portugueses deram origem ao município que aos poucos foi ganhando forma, sem perder o vínculo com o rural.

Pesquisando a formação dos sujeitos, debruçamo-nos sobre a obra de Oracy Nogueira, notamos quão grande era a presença indígena na região, o extermínio consentido dos mesmos e as inúmeras possibilidades que a boca do sertão e os campos abertos propiciavam para esses sujeitos, tanto para os que investiam contra os índios, e negros fugitivos, como para os que esquivavam-se do trabalho escravo ou forçado. Percebemos a presença de um quilombo em Guareí, município bem próximo e, constatamos, na mesma obra de Nogueira, o registro de inúmeras fugas e apreensões de escravos. Infelizmente, não obtive sucesso nas pesquisas mais aprofundadas sobre maiores evidências que possibilitassem levantamento de dados históricos a respeito desse quilombo.

Constatamos também que a cidade foi composta por uma população miscigenada, durante os séculos XVIII e XIX. A massa híbrida (portugueses, negros e indígenas) compunha o grande contingente da população. Entre estes sujeitos híbridos também estava o caipira, sujeito que não tinha valor econômico, sua força de trabalho era oferecida na maioria das vezes em troca de gratidão e dum mísero agrado. A sociedade da década de 40, estava composta em sua maioria de sujeitos pobres e os caipiras estão aí representados e são notados pelo modo como se comportam e trajam-se despidos de instrução ou elegância.

Ainda no primeiro capítulo, pesquisando a história da localidade e da formação de seu povo, aprofundei os estudos sobre as definições de “cultura”, afim de definir as características da cultura caipira própria dos sujeitos da zona rural do município. O cotidiano rural da localidade não podia ser desprezado é lá que os sujeitos interagem,

é pra lá que eles voltam depois quando visitam ou residem nos centros urbanos, levando e trazendo costumes, mantendo assim as tradições. O cotidiano rural referido está repleto de conjunturas que identificam a cultura e o sujeito caipira.

Tomei como fontes as narrativas, causos, lendas e as impressões que esses sujeitos me apresentavam nas conversas. A partir dessas, pude perceber que a cultura está manifestada no modo de ser e viver característico desses sujeitos, ligados à natureza e às tradições herdadas de seus ancestrais. Durante esses encontros e conversas com os sujeitos em questão, tive um certo receio ao tratar o termo “caipira” sem filiá-los às características preconceituosas ou pejorativas, mas no fim de cada abordagem, percebi o quanto eles se orgulham da sua cultura característica. Caracterizar o sujeito caipira é a proposta do capítulo 2. A história e a literatura, ao longo do tempo criou inúmeros estereótipos para caracterizar esse sujeito, o habitante do campo, ligado à natureza que esquivou-se, enquanto foi possível, do processo de modernização. Durante a imersão no cotidiano rural, propiciada pela carreira no magistério público, no início dos anos 2000, observando os costumes do modo de vida desses sujeitos e através das narrativas aqui apresentadas, chamou a atenção 3 tipos humanos fundamentais para a composição da ideia do sobre quem é “o caipira” aqui abordado: o jeca, o tropeiro e o sitiante. O Jeca, representa o estereótipo que deve ser abolido do imaginário, é o caipira atrasado, foi muito utilizado para representar o homem do campo, quando o que se pretendia era modernizar o Brasil. No cotidiano pesquisado, percebe-se que poucas características desse tipo ainda permanecem, exceto a manifestação da simplicidade, ligada ao comportamento, as associações que remetem ao atraso, à preguiça e ao desleixo, são por eles abominadas. O tropeiro refere-se ao passado do sujeito em questão, ao vínculo com a terra e com os animais, ao trabalho importante para a economia da região, às tradições herdadas e manifestadas nos modos de vida, evidenciados por exemplo, no estilo musical preferido, na maneira como eles se vestem, nas danças e nos bailes do cotidiano, na culinária, enfim, no dia-a-dia dessas pessoas. O sitiante é o tipo que mais se assemelha a eles. É o trabalhador da zona rural que extrai da terra para o seu próprio sustento e o da comunidade rural na qual está inserido; exerce um papel importante não só para a suas necessidades básicas, mas para a manutenção da sua identidade.

Os modos de viver desses sujeitos, estão também abordados no capítulo 2. Desfrutando do convívio com essas pessoas no cotidiano em questão, evidenciamos as rotinas do dia-a-dia e elas se dividem em duas categorias, a obrigação e o lazer,

preferi classificá-los aqui, como “trabalhar” e “festejar”, são nessas ocasiões que podemos perceber e evidenciar as maneiras próprias dispensadas aos costumes, essas maneiras que os diferem dos sujeitos imersos na urbanidade. Embora a vida e o contato com os centros urbanos aconteça, é no cotidiano rural, espaço privilegiado para a manifestação cultural caipira que os costumes engrandecem as tradições. Está tratado aí a, importância da coletividade, representada principalmente pelo bairro, local agregador das tradições.

É no terceiro capítulo que as entrevistas aparecem para justificar a pesquisa. As falas dos sujeitos a respeito dos modos de vida que determinam a identidade caipira dos moradores, ou daqueles que desfrutaram do cotidiano da zona rural do município de Itapetininga, fundamentam a pesquisa e evidenciam as maneiras como as tradições são mantidas e perpetuadas. A experiência docente no magistério público estadual, determinou o recorte temporal, estabelecido no período que compreende os anos 2000 a 2005, foi a partir de então, que pude, lançar-me à observação dos sujeitos, à apreciação das tradições e, mais tarde, à pesquisa da cultura caipira manifestada.

No período abordado, escola e educação estavam atreladas para esses sujeitos. A escola foi o lugar privilegiado para o convívio e a manifestação das tradições, embora isso tenha acontecido de forma extra curricular, pois, a instituição não privilegiava oficialmente ações que contemplassem a valorização dos sujeitos e a cultura local; mas, apesar das dificuldades, a comunidade escolar, trazia para a instituição a sua identidade. Fator determinante para isso era o cotidiano rural propício para a integração comunidade/escola. Na época, os professores e toda equipe gestora, motivada pela qualidade do processo ensino-aprendizagem, assimilava a cultura local, tanto quanto estimulava nos alunos o interesse e a pesquisa de outras. Lecionar nesse cotidiano foi, sem dúvida, um grande aprendizado.

Para os sujeitos, a educação é fator determinante. Essa educação foi aprendida no núcleo familiar, através do convívio com os idosos e está atrelada aos costumes manifestados nos modos de viver dessas pessoas, vinculado à natureza. É no campo que se brinca, é no campo onde, desde pequenos, aprende-se a trabalhar. Nos bairros das zonas rurais, as pessoas convivem, rezando, celebrando, e divertindo-se. A vida no campo é tão relevante para os entrevistados que, em suas falas, percebemos uma certa idealização do “sujeito caipira” e da “cultura caipira”. Essa idealização é desconstruída, quando analisamos o impacto que a cultura urbana, as relações e

formas modernas de trabalho desenvolvidas nos centros urbanos influenciam a vida de cada um deles. O campo representa o passado, é o lugar das tradições.

É certo que há muito ainda a ser pesquisado a respeito desses sujeitos e desse cotidiano. O tema não foi exaurido, há uma riqueza de fatos presente nas narrativas dos sujeitos que vivem nesse cotidiano que certamente poderão ser abordados em pesquisas posteriores. A localidade tem inúmeros fatos e sujeitos interessantes, Júlio Prestes, Anésia Pinheiro Machado, dentre outros. Desde o início desse trabalho, optei pela história dos pouco lembrados, mas, que dão forma à maneira de ser dos sujeitos do interior. É uma grande massa de pessoas comuns, moradores do interior que dificilmente aparecerão na mídia ou nos livros por suas histórias pessoais, mas que fazem parte da história local, deles depende a manutenção das tradições e a assimilação de novos costumes que dinamizam o processo de hibridismo cultural, permitindo, dessa forma, identificarmos aspectos da cultura caipira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALGATÃO, Filipe Cordeiro de Souza. O tropeiro como propagador cultural e mola mestra da cultura cafeeira no século XIX, *Histórica Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, n. 41, abr. 2010.

ALVES, Antônio Tadeu de Miranda. *Retratos de caipira: construção de um estereótipo em Angelo Agostini (1866-1872)*. Dissertação (Mestrado em História), PUC-SP, São Paulo, 2007.

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*. 22. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986.

ARANTES, Antônio Augusto. *O que é cultura popular*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

ARIES, Philippe. *História Social da Criança e da Família*; tradução Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARROS, Regina Duarte Benevides; CASTRO, Adriana Miranda de. Terceira idade: o discurso dos *experts* e a produção do “novo velho”, *Estudos interdisciplinares Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 4, p. 113-124, 2002.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*. Rua de Mão Única. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENTO, Franciele. *Chico Bento: a representação do caipira nos desenhos animados*. In: IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE. III ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 26 a 29 de outubro de 2009, Paraná. Anais... PUC-PR, 2009. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2804_1264.pdf>. Acesso em: 20 set. 2015.

BOSI, Ecléa. *Lembrança de velhos: memória e sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os caipiras de São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

BRASIL, *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)*. Introdução. Ensino Fundamental. Brasília: MEC; SEF, 1998.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)*. História e Geografia. Ensino Fundamental. Brasília: MEC; SEF, 1998.

_____. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*. Volume 3. Ciências humanas e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica, 2006.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* tradução Sérgio Goes de Paula. 2. ed. ver. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*; tradução Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. 4. edição. São Paulo: Edusp, 2003.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos meios de vida*. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano 1. Artes de fazer*. 14. ed.; tradução Efraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*; prefácio de Ecléa Bosi. 2. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. *Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea*, Proj. História, São Paulo, (17), nov. 1998. p. 223-258. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11148>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

DINIZ, Mônica. *Olhares sobre a cidade: Termos de bem viver, Vadiagem e Política nas ruas de São Paulo (1870-1890)*. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo, 2012.

DOIN, José Evaldo de Mello et al. A Belle Époque caipira: problematizações e oportunidades interpretativas da modernidade e urbanização no Mundo do Café (1852-1930) a proposta do Cemumc1. *Revista Brasileira de História*, v. 27, n. 53, São Paulo, jan./jun., 2007, p. 91-122. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/28433/S0102-01882007000100005.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 22 fev. 2015.

FERNANDES, Geisa. Um imenso hospital caipira. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, ano 6, Edição n. 75, dezembro 2011.

FERREIRA, Antonio Celso. *A epopeia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)*. São Paulo: Unesp, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FERREIRA, Edson. *A escravidão na fronteira*. Um estudo da escravidão negra numa "boca de sertão" paulista. Lençóes, 1860-1887. Disponível em: <http://historia_demografica.tripod.com/bhds/bhd27/eds.pdf>. Acesso em: 15 set. 2015.

FERREIRA, Elton Bruno. *Sonoridades caipiras na cidade: a produção de Cornélio Pires (1929-1930)*. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2013.

FREIRE, Bessa José R. Índio falou, tá falado. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, ano 9, n. 100, janeiro 2014, p. 46.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias do moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GUSMÃO, Eduardo. Uma religião sem caráter. *Textos & Debates*, Revista de Ciências Humanas da Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, Roraima, p.15-20. Disponível em: <<http://revista.ufrr.br/index.php/textosedebates/article/viewFile/991/804>>. Acesso em: 24 maio 2015.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*; tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1971.

JACKSON, Luiz Carlos. *A Tradição esquecida*. Estudo sobre a sociologia de Antonio Candido. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Fapesp, 2002.

_____. A tradição esquecida: estudo sobre a sociologia de Antonio Candido. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 16, p. 82-98, 2001.

JACQUES, Alfredo. Grande sertão: veredas. *Revista Letras de Hoje*, v. 6, n. 1, 1971, p. 57-64. Disponível em:
<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/fale/article/view/20776/13034>>. Acesso em: 23 abr. 2015.

LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LEITE, Samuel Ferreira; PRATES, Victor José. Cordas caipira: a viola como instrumento de resistência cultural. In: XIX CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 22 a 24/05/2014, Vila Velha, ES. Anais... INTERCOM. Disponível em:
<<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/expocom/EX43-1752-1.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2015.

LEITE, Wellington César Martins. *A Representação do caipira na UNESP FM 2013*. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Estadual Paulista UNESP). Bauru, SP, 2013.

LODOVICI, Flaminia Manzano Moreira; MERCADANTE, Elisabeth Frohlich. Por uma linguagem florescente em torno da questão do envelhecimento. *Revista Kairós Gerontologia*, 15(3). Online ISSN 2176-901X - Print ISSN 1516-2567. São Paulo, junho, 2012, p. 1-4. Disponível em:
<<http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/download/13792/10179>>. Acesso em: 15 fev. 2015.

LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1956. 2 v. Organização de F. Cunha e Juliana Soledade Souza. Salvador: EDUFBA, 2009.

_____. *A onda verde e O presidente negro*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. (Obras Completas v. 5)

_____. *Cidades Mortas*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2009.

_____. *Urupês*. 15 ed. São Paulo: Brasiliense, 1959. (Obras Completas, v. 1).

MANZATTI, Marcelo Simon. *Samba Paulista, do centro cafeeiro à periferia do centro: estudo sobre o Samba de Bumbo ou Samba Rural Paulista*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. São Paulo, 2005.

MATOS, Maria Izilda Santos de; FERREIRA, Elton Bruno. Entre causos e canções: Cornélio Pires e a cultura caipira (São Paulo, 1920-1950). *Hist. Crit.*, n. 57 · jul./set. · p. 37-54, · ISSN 0121-1617, · eISSN 1900-6152 DOI. Disponível em: <dx.doi.org/10.7440/histcrit57.2015.03>. Acesso em: 10 ago. 2015.

MARTINS, José de Souza. Cultura e Educação na roça, encontros e desencontros. *REVISTA USP*, São Paulo, n. 64, p. 28-49, dezembro/fevereiro, 2004-2005.

MARTINS, de Souza José. Versão integral de entrevista publicada, com reduções, cortes e reordenações, em Fundescola, Boletim Técnico 53, Ano VI, Ministério da Educação/Fundo de Fortalecimento da Escola, Brasília, novembro 2001, p. 9-11. In: *Revista USP*, n. 64, Coordenadoria de Comunicação Social, Universidade de São Paulo, dezembro 2004-fevereiro 2005, p. 29-49.

MENCK, Maria Nunes da Costa; CAMARGO, Luciane. *Lendas de Itapetininga e Região: revivendo a riqueza da literatura oral do interior paulista*; ilustração Magno Almeida Cunha. Itapetininga, SP: Gráfica Regional, 2014.

NIGRI, André. Monteiro Lobato e o racismo. *Bravo!*, ed. 165, maio de 2011. Disponível em: <bravonline.abril.com.br/materia/monteiro-lobato-e-o-racismo#image=165-capa-racismo-1-g>. Acesso em: 21 jul. 2015.

NEPOMUCENO, Rosa, *Música Caipira: da roça ao rodeio*. São Paulo: Editora 34, 1999.

NOGUEIRA, Oracy. *Preconceito de marca: As relações raciais em Itapetininga*. São Paulo: Edusp, 1998.

OLIVEIRA, Kebson; SOUZA, Hirão F. Cunha; SOLEDADE, Juliana (Orgs). *Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2009.

OLIVEN, Ruben. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação*. Petrópolis: Vozes, 2006.

PEREIRA, Arley. *Inezita Barroso: a história de uma brasileira*. São Paulo: Editora 34, 2013.

PEREIRA, João Baptista Borges; QUEIROZ, Renato da Silva. Por onde anda o Jeca Tatu? Arcaísmo e modernidade no contexto agrário. *REVISTA USP*, São Paulo, n. 64, p. 6-13, dezembro/fevereiro 2004-2005.

PERSON, Luis Carlos. *Arranjo produtivo local da pecuária de corte – microrregião de Itapetininga; análise sistêmica e influência nas cadeias do agronegócio regional*. 2008. 85p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Tecnologia em Agronegócios). Faculdade de Tecnologia de Itapetininga. Itapetininga, SP, 2008.

PIRES, Cornélio, *Conversas ao pé-do-fogo*. Itu: Ottoni, 2002.

QUEIROZ, Renato da Silva, *Caipiras negros no Vale do Ribeira: um estudo de antropologia econômica*. São Paulo: Edusp, 2006.

REIS, João José. *A morte é uma festa; ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RIBEIRO, José Amilton. *Os tropeiros*. Diário da marcha. São Paulo: Globo, 2006.

ROCHA, Gilmar, Eternos vagabundos: malandros, palhaços e caipiras no mundo da chanchada. Música e Artes. *Projeto História* n. 43, dezembro 2011.

SANCHES, Durce Gonçalves. *O modo de vida do caipira em obras de Almeida Júnior*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura). Universidade de Sorocaba. Sorocaba, SP, 2010.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos. *Nem tudo era italiano*. São Paulo e Pobreza (1890-1915). São Paulo: Annablume; Fapesp, 2003.

SÃO PAULO. *Currículo do Estado de São Paulo, Ciências Humanas e suas Tecnologias*, SEE, 1. ed. atual., São Paulo: SE, 2012.

SEVCENKO, Nicolau. Perfis urbanos terríveis em Edgar Allan Poe. In: *Cultura & Cidades. Revista Brasileira de História* 8-9. São Paulo: Anpuh; Marco Zero, 1985.

SILVA, Robson Bastos da; FUSHIMI, Viviane. *A contribuição dos filmes de Mazzaropi na construção da identidade imagética do caipira do Vale do Paraíba Paulista*. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/A%20contribuicao%20dos%20filmes%20de%20Mazzaropi%20na%20construcao%20da%20identidade%20imagerica.pdf>>. Acesso em: 08 fev. 2015.

SIQUEIRA, Renata Lopes de; BOTELHO, Maria Izabel Vieira; COELHO, France Maria Gontijo. A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais. *Ciência & Saúde Coletiva*, 7 (4), p. 899-906, 2002.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TORRÃO, Amílcar Filho. Um texto fundador e as raízes de uma interpretação: Sérgio Buarque de Holanda e a desordem pitoresca da cidade colonial. *Polítela: Hist e Soc.*, Vitória da Conquista, v. 3, n. 1, p.113-132, 2003.

TOTA, Antônio Pedro. *O amigo americano*. Nelson Rockefeller e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. In: KL-ZERBO, J. (Editor). *História Geral da África: Metodologia e Pré-História da África*. Vol. I. Brasília: Unesco, 2010, p. 139-166.

VICTOR, Abílio. *Poemas Sertanejos*. Reedição dos livros: Folhas do mato -1938 e 1940, Favas de ingá -1950; revisão e coordenação Maria Nívea Guarnieri Machado. Itapetininga, SP: Gráfica Regional, 1984.

WEGNER, Robert. Religião, Cordialidade e Promessa. O catolicismo em Raízes do Brasil e Monções, de Sérgio Buarque de Holanda. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1-2, p. 169-186, jan./dez., 1999.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*; tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*; tradução Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Vídeos

O caipira, entrevista com Antonio Candido. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=zm3Pz8qxqNA>>. Acesso em: 30 dez. 2015.

O Povo Brasileiro de Darcy Ribeiro, capítulo 7 – O Brasil Caipira. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=-boRNxulANE>>. Acesso em: 30 dez. 2015.

Eu falo xé. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4leYH36JCwc>>.
Acesso em: 20 dez. 2015.

A Dança de São Gonçalo – Ribeirão Branco. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=Krv7Yny7J2so>>. Acesso em: 20 dez. 2015.

Dança de São Gonçalo em Itapetininga – Bairro do Espigão. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=unWqTqRiyyI>>. Acesso em: 20 dez. 2015.

A MARVADA carne. Direção: André Klotzel. Roteiro: André Klotzel e Carlos Alberto Soffredini. Produtor: Cláudio Kahns. ELENCO: Fernanda Torres, Dionísio Azevedo, Adilson Barros, Chiquinho Brandão, Regina Casé, Henrique Lisboa, Lucélia Maquiavelli, Geny Prado, Paco Sanches. Brasil: Tatu Filmes, 1985. 1 DVD (78 min).

AS AVENTURAS de Pedro Malazartes. Direção: Amácio Mazzaropi. Roteiro: Marcos César, Galileu Garcia. Elenco: Mazzaropi, Geny Prado, Genésio Arruda, Dorinha Duval, Nena Vianna. Brasil: Vera Cruz, 1960. 1DVD (95 min).

CANDINHO. Direção: Abílio Pereira de Almeida. Elenco: Mazzaropi, Ruth De Souza, Marisa Prado. Brasil: Vera Cruz, 1954. 1DVD (95 min).

NADANDO em dinheiro - Direção: Abílio Pereira de Almeida e Carlos Thiré. Elenco: Amácio Mazzaropi, Liana Duval, Ludy Veloso, Vicente Leporace, Xandó Batista. Brasil: Vera Cruz, 1952. 1 DVD (90 min).

JECA Tatu. Direção: Milton Amaral. Roteiro: Amaral e Mazzaropi. Elenco: Amácio Mazzaropi, Geny Prado, Roberto Duval, Marlene França, Francisco Di Franco. Brasil: Vera Cruz, 1959. 1 DVD (95 min).

SAI da frente. Direção: Abílio Pereira de Almeida. Elenco: Milton Ribeiro, Amácio Mazzaropi, Galileu Garcia. Brasil: Vera Cruz, 1952. 1 DVD (120 min).

TAPETE vermelho. Direção: Luiz Alberto Pereira. Roteiro: Luiz Alberto Pereira e Rosa Nepomuceno. Produtor: Ivan Teixeira e Vicente Miceli. Produção: Ivan Teixeira, Vicente Miceli. Fotografia: Ulrich Burtin. Trilha Sonora: Renato Teixeira. Elenco: Ailton Graça, Cacá Rosset, Cássia Kiss, Débora Duboc, Gorete Milagres, Jackson Antunes, Matheus Nachtergaele, Paulo Betti, Paulo Goulart, Rosi Campos, Vinícius Miranda. Brasil: Pandora Filmes, 2006. 1 DVD (100 min).

TRISTEZA do Jeca. Direção: Amácio Mazzaropi. Roteiro: Milton Amaral, Mazzaropi. Elenco: Mazzaropi, Geny Prado, Roberto Duval, Maracy Mello, Nicolau Guzzardi. Brasil: Vera Cruz, 1961. 1 DVD (90 min).

ANEXOS

A – ENTREVISTA 1

Entrevista concedida pelo S. Luiz Antonio Silva, no dia 25 de janeiro de 2015, em sua residência no sítio São Salvador, no Bairro das Antas. Estava presente também a sua esposa a Professora Maria Francisca Cleto Silva.

A família

A maioria vive sim na zona rural. Meus avós eu pouco conheci, mas sei que sempre viveram no sítio. Meus tios por parte de pai foram criados no sítio, mas logo que cresceram foram pra cidade, por parte de mãe só um mora no sítio, os outros foram também pra cidade.

Em relação aos meus irmãos tenho cinco: quatro homens e uma mulher. O mais velho, José, mora com meus pais e é solteiro, porem tem uma filha que é a neta mais velha dos meus pais; O Sérgio mora na cidade e trabalha na prefeitura, é o rebelde da família (risos). Foi casado com uma professora de inglês, tem um filho com ela e depois se casou novamente e tem uma filha. O Simão casou-se com 17 anos. Naquela época o casamento foi um escândalo! Tem três filhos, dois do casamento e um fora. Mora no sítio, mas trabalha na cidade, é mecânico. A Lisbeth mora no sítio, é professora, leciona para prefeitura, na escola do bairro, aqui no sítio mesmo. É casada, não tem filhos. Eu, Luiz, moro e trabalho no sítio – um pouco com meu pai outro pouco de pedreiro. O caçula André é casado, tem uma filha (minha afilhada – Maria Luiza) mora e trabalha em outra cidade, é mecânico – detalhe: mora num sítio também (risos).

Meu pai nunca deu muita oportunidade dos filhos trabalharem com ele, sempre tomou conta de tudo e ainda hoje é assim. Porém nossa convivência familiar é boa, sempre que podemos nos reunimos para um almoço na casa do meu pai.

A infância

Foi muito saudável, com amigos e brincadeiras de criança. Nunca tive festa de aniversário, ovos de Páscoa ou presente de natal, mas assim, vivendo na simplicidade aprendi a conhecer as coisas boas da vida. Mesmo longe da tecnologia que hoje nos prendem e que precisamos para nos mantermos informados, tenho certeza que não queria outro tipo de infância.

Os idosos

Minha convivência com as pessoas mais idosas de minha família é muito boa, com aprendizados que levarei pra vida toda. Sou uma pessoa que gosta de passear na casa de tios e primos sempre que possível, gosto de ouvir as histórias que eles contam e conversamos de tudo. É sempre uma alegria quando nos reunimos.

A pessoa mais velha da minha família é meu pai (pensativo/emocionado) Antonio Francisco, nasceu aqui no sítio no bairro das Antas e vive até hoje por aqui, mas em outro bairro, na Várzea. É um patriarca à moda antiga: ele manda e toma conta de tudo, gosta de ter a razão, anda o dia todo pelo sítio e pelas granjas que possui, tem quatro, três em funcionamento e uma em construção.

Educação escolar

Estudei de primeira à quarta série numa escolinha pequena aqui no bairro onde moro. Éramos 15 alunos mais ou menos, todo dia tinha merenda e correria no recreio. Lembro que a merendeira toda sexta feira dava para nós leite em pó molhadinho com água pra comer com colher e confesso gosto disso até hoje (risos e emoção). Depois comecei a frequentar a escola de outro bairro, da Varginha, onde fiquei até completar o ensino médio. Fiz muitos amigos importantes que mantenho contato até hoje. Em relação aos professores sou grato por me ensinarem tudo o que sei.

Se eu tivesse ido estudar na cidade, não teria conhecido os amigos que tenho e os professores que foram tão importantes pra mim (emocionado) em especial não teria conhecido minha esposa, que foi minha professora de Ciências e Matemática e, hoje, é minha companheira de todos os momentos. Sim, pois, gostaria de ter feito faculdade de Engenharia Mecânica, mas as condições e os conhecimentos que meu pai não deu não permitiram. Acho que se eu tivesse ido estudar na cidade teria conseguido convencê-lo a me deixar fazer uma faculdade e com isso teria uma vida diferente. Sou formado em dois cursos técnicos: pela ETEC de Itapetininga em Gestão da Empresa Rural, e, pelo Colégio Tableau de Sorocaba em Técnico em Veterinária.

A vida na zona-rural

Aqui minha vida é muito tranquila. Tenho muitos amigos, conheço todas as pessoas residentes no bairro e muitas pessoas de bairros vizinhos. Tenho espaço para andar a cavalo, conversar com vizinhos, jogar bola no bairro próximo, ouvir música na varanda da minha casa. Aqui tenho paz, ar puro e sossego para descansar, sem barulho de carros, motos e caminhões. Minha segurança aqui é bem melhor que na cidade então não troco o sítio pela cidade.

Nasci, cresci e trabalho com meu pai, na propriedade dele, na criação de aves e gado de corte. Construí minha casa aqui, minha esposa trabalha na escola no bairro vizinho, então tenho todos os motivos para permanecer na zona rural e nenhum motivo para sair daqui.

Oportunidade de morar no perímetro urbano

Tive, sim, quando comecei a namorar, minha atual esposa morava na cidade, num bairro bom, mas, muito barulhento, carros indo e vindo, buzinas e gritos, um vai e vem de pessoas onde cada um só vê seu interesse. Não consegui me acostumar, pois ninguém conhecia ninguém. Então convenci minha esposa a vir morar no sítio e hoje ela não troca o sítio pela cidade também.

Lazer no bairro: casamentos, funerais e festas

No bairro onde moro não tem muito lazer, tem uma igreja católica com uma praça que foi feita recentemente. Não tem campinho de futebol ou quadra para esportes. Para nos divertir, às vezes reunimos a família com primos e tios da cidade para um churrasco na casa do meu pai. Relembrando os velhos tempos e colocando o assunto em dia.

A cerimônia religiosa geralmente é realizada nas igrejas da cidade. Mas as festas sempre são aqui no sítio, com muita bebida e quase sempre com churrasco. Não tem lista de convidados, todos se conhecem e sempre tem muita gente e muitas vezes começam na quinta feira e terminam no domingo.

Alguns são realizados na cidade, outros na própria casa e alguns na igreja do bairro quase sempre com muita gente. No sítio todo mundo conhece todo mundo e são muito solidários.

Sim, há uma festa especial, de Nossa Senhora Aparecida. Sempre acontece no mês de outubro, num final de semana próximo ao dia da padroeira, com programa específico impresso em gráfica. Muitas pessoas vêm de bairros vizinhos e até de cidades vizinhas. Tem uma pessoa responsável, o festeiro, que organiza a festa e convida as pessoas. Nove dias antes do dia da festa as mulheres do bairro realizam as rezas tradicionais e celebrações com ou sem o padre, convidando as pessoas do próprio bairro e de outros bairros. Na sexta feira que antecede a festa às seis horas da manhã o festeiro solta rojões avisando ao povo o início das festividades. Então começa a chegada dos presentes as prendas, animais (porcos, galinhas) que serão abatidos para o preparo dos assados. Isso dura o dia todo e noite à dentro, contando com um almoço especial para as pessoas que ajudam e convidados. Então, no sábado, após a missa começa o leilão de assados sempre animado por um grupo de música ao vivo, geralmente de música sertaneja e gaúcha, pois o povo gosta de dançar. Isso acontece em muitos outros bairros da região. E não tem idade desde os jovens até os mais idosos. Bom, no domingo acontece a cavalgada reunindo cavaleiros de muitos bairros vizinhos, também não tem idade pra participar, desde a criançada até os mais experientes. Todos, cavaleiros e cavalos recebem as bênçãos do padre. Tem um almoço especial regado à boa música sertaneja e gaúcha. E o povo

só vai embora quando a noite está chegando. Na segunda feira ficam só as lembranças e a canseira de tanto trabalho na festa.

B – ENTREVISTA 2

Entrevista concedida pelo Sr. Osiel José de Proença, em Sorocaba, em 13 de fevereiro de 2015.

A infância

Eu nasci em Itapetininga em 28 de maio de 1976. Eu moro há 15 anos em Sorocaba.

Bom, como toda criança do sítio brincava com os meus primos e amigos de diversas brincadeiras mais do que eu mais gostava era andar de bicicleta e a cavalo. Bem cedo comecei a ajudar meus pais na lavoura.

A educação escolar

Comecei a fazer o primário com nove anos, pois, a escola era longe aproximadamente 5 km da minha casa e não tinha transporte na época, então, os meus pais esperaram os filhos do vizinho começar a estudar para eu ir junto com eles. Eu já sabia ler e escrever. Minha mãe que nunca foi a escola, aprendeu a ler e a escrever sozinha, já tinha me ensinado muitas coisas, por esse motivo a minha primeira professora foi ela, Maria de Lurdes ou “Lurdinha” como era conhecida. Minha mãe conversou na secretaria (diretoria) de ensino e eu fiz a primeira e a segunda série num ano só. Quando as aulas eram no período da manhã, eu ia para a roça à tarde e, quando era à tarde, eu ia na parte da manhã ajudar meus pais.

A vida no cotidiano rural

Eu morava no Bairro Turvo dos Rodrigues. Estudei sete anos na escola da Varginha. A vida não era fácil. Trabalhava de sol a sol na roça, às vezes distante de casa e quando estudava à noite, muitas vezes não dava tempo de jantar ou comer um lanche antes de ir à escola, não tinha tempo para estudar para as provas. Aos finais de semana ia à igreja e às vezes jogava futebol com os amigos, foi um período muito bom, valeu a pena todo o sacrifício e foi uma época que dá muitas saudades de lembrar.

A escola

Nossa era muito boa! Desde o primeiro dia fui muito bem recebido desde o diretor até as faxineiras. As aulas eram de ótima qualidade daquelas com sabor de quero mais, a gente nem via a hora passar! A escola além dos estudos nos proporcionava momentos do lazer com festas, gincanas e torneio de futebol. Nossa! Tudo de muito bom! Era como se todos ali fossem minha família.

Sem dúvida, o que sou hoje devo muito ao período em que estudei na Evônio Marques. Através do ensino, os professores nos levavam a acreditar que com Deus em primeiro lugar, estudo e força de vontade a gente conquista o que muitas vezes parece impossível. A prova é que já fazem 10 anos que estou aqui trabalhando na segunda maior fabricante de autopeças do mundo. Há 15 anos eu morando lá no “fundão da roça”, como a gente fala, quem diria que hoje estaria onde estou.

As aulas eram de excelente qualidade! As professoras eram muito qualificadas, exigiam bastante dos alunos, elas também eram muito amigas e se preocupavam muito com a gente, coisa essencial para nós alunos, pois, daquele pessoal da minha época saíram excelentes profissionais em diversas áreas. Os colegas eram pessoas maravilhosas. Criamos ali um grande laço de amizade que levaremos para sempre.

Interação com outros costumes, tradições e culturas: as excursões à São Paulo.

Era a roça na capital (risos). Tudo de bom! As exposições, os teatros, e os Lusíadas então? Fantástico! Para nós do sítio era muito bom, pois, naquela época a gente não tinha oportunidade de ir para a capital e ver como era a vida lá.

A vivência no cotidiano rural

Saudade de levantar cedo, tomar um cafezinho feito no fogão à lenha, tomar leite direto da mangueira, ir pegar o cavalo naquele sereno que não se enxerga nada para ir à roça, comer aquele frango caipira com arroz feito no fogão à lenha, dormir com a casa toda aberta, sem se preocupar com bandido, correr no pasto atrás das codorninhas e perdizes.

Saudades de quando acordava cedo e minha família estava completa, hoje não tenho mais o meu pai já faz quatro anos que ele morreu devido a um câncer no intestino nos deixando com apenas 54 anos de vida. Saudade, muita saudade.

Ser caipira

Tenho orgulho de ser caipira. Cada um de nós desde o mais rico ao mais pobre, do caipira ao mais culto e do branco ao negro tem uma importância fundamental na sociedade, é como se o mundo fosse um motor e cada um de nós, fosse uma peça que às vezes para muitos pode parecer insignificante mas o motor não funcionaria sem ela. Por isso tenho orgulho das minhas raízes. Se tivesse outra chance de nascer e pudesse escolher, não trocaria jamais minha origem caipira e simples por um berço de ouro.

A gente que é caipira, muitas vezes em roda de amigos mais cultos, somos deixados de lado por não saber nos expressar direito e no dia a dia, no trabalho as vezes as pessoas tiram sarro da maneira de falarmos.

Cultura adquirida

Eu acho que pessoas cultas, são aquelas que nasceram nos grandes centros e, além disso, aprimoraram sua cultura já vinda de berço, com muito estudo, várias faculdades e pós-graduação. Ter contato com as coisas da cidade também é importante, teatro, museu, cinema.

C – ENTREVISTA 3

Entrevista concedida por Gilda Aparecida de Camargo, em 21 de outubro de 2015, no bairro da Chapadinha, limite entre o perímetro urbano e rural de Itapetininga, no mercado aonde ela gerencia.

A infância

Fiquei 17 anos na zona rural, sempre morei no sítio, depois que eu vim pra cidade. Na infância, era ir pra escola, ajudar a mãe, brincar muito, andar a cavalo, ir em festa de bairro, festa de escola, festa de igreja. Era gostoso, bem gostoso.

Continuo indo pro sítio, a minha mãe ainda mora no sítio, então, eu sempre vou visitar ela e minhas tias.

O trabalho

É que a minha mãe tinha que trabalhar fora, então a gente ajudava, cuidar da casa, aí depois quando eu tinha uns 12 anos, eu ajudava no serviço dela, na casa dos patrões, limpar a casa, arrumar as coisas, lavar louça, coisas de casa que eu aprendi.

A família

Somos só em duas irmãs. Minha irmã cuidava mais da casa, cozinava, eu até então, quando ajudava minha mãe, não tinha muita prática na cozinha, só ajudava nas outras coisas.

As festas de bairro e as baladas da cidade

Meu bairro era bem pequeno, só a fazenda. A gente se reunia mais nos outros bairros. Tinha a festa, o futebol. As festas da igreja com missa, leilão, depois show, coisas bem diferente da cidade.

Aqui na cidade é mais balada. Lá não. Lá é mais família. Família mesmo. Desde pai a nenê de colo. Aqui na cidade só vê balada de molecada, não vê pai mãe filho tudo junto. Então eu acho que era bem diferente, as famílias se reuniam.

Essas festas continuam acontecendo, eu é que não vou muito, por que trabalho bastante. A minha irmã foi outro dia, teve almoço, dança, as mesmas coisas de antes.

As músicas que ouvem e dançam são desses grupos gaúchos, meio sertanejo meio gaúcho, é diferente da cidade. Dançam. É bem animado

A educação

Meus pais eram pessoas simples mas não rígidas. Ensinavam a gente a respeitar as pessoas, respeitar desde idoso à criança. Na escola, por ser diferente da escola da cidade, eu vejo que a gente tem uma educação diferente daqui. O jeito de se comportar de falar é bem diferente.

Lá na escola, nesse tempo, a gente tinha as professoras como mãe. A gente chegava na escola e a gente respeitava o professor. Aqui a gente vê as pessoas tratando o professor como se fossem nada. A gente tinha eles como pais, hoje em dia ninguém respeita com educação. Os professores chamavam a atenção a gente ficava quietinho, hoje em dia não é assim na cidade. Meus pais ensinaram a respeitar a tratar professor com educação e hoje em dia as crianças falam que os professores estão maltratando quando eles chamam a atenção. Na cidade não sabem educar, se comunicar e explicar para as crianças.

A religião

Eu sou católica. A fazenda que a gente morava era bem longe da igreja. De carro levava meia hora, a pé 2 horas. Eu vim frequentar a igreja e fazer catequese agora. Há 4 anos, eu fiz primeira comunhão e crisma, então na época de sítio eu quase não ia na igreja, só em casamentos, essas coisas, por que era longe. Minha avó e tias iam por que o bairro delas era pertinho da igreja, eu sabia que elas iam na missa, minhas primas fizeram catequese na infância, no bairro. Minha avó era muito católica. Ela ensinada a gente a rezar, sempre estava rezando, ensinava a gente rezar pedindo as coisas e abençoava a gente. Eu chego na casa da minha mãe e a primeira coisa que eu digo é “bença mãe”, “bença pai”, na hora de dormir também, eu almoço e digo, “Deus abençoe”. Isso eu aprendi com a minha avó. Ela sempre fazia reza.

Os costumes e tradições

Quando eu escuto o menino da porteira a primeira coisa que vem na minha cabeça é o meu vô, meu vô e minha vó. Ela tocava viola e ele violão. Eu não aprendi. Eu gostava muito de ficar com meu avô. Café da manhã era coisa simples: virado de feijão ou virado de ovo com café puro. Eu brigava com ele por que eu queria tomar o restinho que sobrava na chaleira que já estava friozinho, não estava quente, Eu era comilona e ele também. Gostava muito de ficar com meu vô na casa da minha vó. Tenho mais contato com meus avós paternos, os pais da minha mãe morreram antes de eu nascer. Era longe mais a gente conseguia ir todo fim de semana na casa deles. Vivemos muito tempo na fazenda aonde meus pais trabalharam, mas hoje, meus pais construíram no sítio do meu vô.

Morar no bairro

Eu era bem acostumada e gostava de ficar lá. Eu achava que a cidade, por mais que fosse pequena, era muito agitada, pensava que tinha muito crime, essas coisas, mas, na realidade não tinha, por que hoje em dia lá já tem essas coisas também.

Eu me sentia livre, brincar, correr andar a cavalo, brincar no rio, fazer arte, eu gostava bastante. É diferente, hoje em dia as crianças não sabem brincar só ficam na frente do computador, no celular. A gente não, o dia inteiro fuçando mato, mexendo com bicho era gostoso, sinto muita saudade do sítio.

D – ENTREVISTA 4

Entrevista concedida pelo Professor Maurício Frutuoso de Siqueira, em 20 de maio de 2015, em sua residência, no Sítio Cachoeirinha, Estrada Municipal João Isac, Km 7,5, zona rural de Itapetininga.

A família

Minhas famílias materna e paterna são da zona rural. Meus avós paternos, já falecidos, tiveram um sítio no qual todos os sete filhos deles formaram suas famílias e vivem até hoje. Todos ainda mantêm suas terras herdadas e nelas vivem, colhendo seus sustentos com atividades pecuárias e de avicultura. São bastante unidos, reunindo-se, geralmente, em finais de tarde e em ocasiões religiosas. Já meus familiares maternos, moraram por mais de quarenta anos numa fazenda, trabalhando como empregados. Atualmente, estão morando na zona urbana do município. Meus avós estão aposentados há anos e meus tios trabalham como caminhoneiros. Apenas uma tia ainda vive na zona rural com o marido dela, trabalhando como empregada numa fazenda próxima a que cresceu. Frequentemente se reúnem em aniversários, datas comemorativas e também em finais de semana.

A infância

Minha infância foi simples e tranquila. Sempre acompanhei meus pais na lida do campo, criando gosto por essa área. Aprendi desde cedo a cuidar do gado, a ordenhar vacas, a pastorear ovelhas e, acima de tudo, valorizar as coisas da natureza. Nunca tive muitos vizinhos, apenas alguns primos com quem passava algumas horas. Eu fazia do trabalho no campo uma diversão, nunca por obrigação. Mesmo assim, não deixava de pescar, brincar em riachos (já que nunca aprendi a nadar), subir em

árvores e em cercas e até ver meus desenhos favoritos na TV. Além disso, sempre acompanhei meus pais em eventos religiosos.

Os idosos

Mantenho uma boa relação com meus familiares mais antigos, porém não tão próximo como deveria, devido aos meus afazeres diários e aos deles também. Tenho grande respeito e admiração por eles. Do meu lado materno, meus avós, ambos são octogenários. Eles nasceram em outras cidades e passaram a maior parte da vida no bairro Viracopos, 15 km de onde moro. Do meu lado paterno, meu tio, primogênito da família, tem 74 anos, sempre viveu no bairro, no sítio da família. São os membros mais velhos da família. Todos eles são tratados com respeito e carinho por todos da família.

A escola

Tive uma boa vida escolar. Aprendi desde muito cedo a valorizar esse ambiente, o qual faz parte de minha vida atualmente. Estudei da 1ª série do Ensino Fundamental até a 3ª série do Ensino Médio na escola do bairro, E. E. Prof. Evônio Marques. Sempre procurei me empenhar em todas as disciplinas, apresentando, conseqüentemente, boas notas. Nunca senti falta de não ter estudado na cidade. Acredito que tive uma boa preparação, com ótimos professores. Claro que depois que cresci, percebi que poderia ter ampliado mais meus estudos, estudando em colégio particular, mas, meus pais não tinham condições.

O ensino da escola do meu bairro sempre foi bom. Quando eu estudava, mesmo com a escassez de recursos pedagógicos e uma infraestrutura nem tão boa, o ensino tinha qualidade. Com o passar do tempo, as coisas foram melhorando em vários aspectos, tais como a construção de mais um prédio com mais salas de aulas entre outras utilidades, sala multimídia e livros didáticos de todas as disciplinas e séries/anos. Contudo, apesar de tantas melhorias e do ensino ainda ser bom, o nível poderia estar bem melhor. Isso se deve, a meu ver, pela ineficiência do sistema

educacional, pela rotatividade de professores e também por uma gestão interna pouco comprometida com o processo de ensino/aprendizagem.

O bairro

Tenho um grande carinho pela zona rural. Gosto sim e muito de morar por aqui. A tranquilidade, a família, as lembranças, tudo vira justificativa. É muito bom quando chego em casa, após um turbulento dia de trabalho, e não há barulho de carros nem de tantas pessoas como na cidade. A tranquilidade, o sossego e o espaço que o sítio proporciona fazem com que eu ainda permaneça na zona rural, servindo de terapia para a vida diária. Já tive, até mais de uma vez, oportunidade de morar na cidade, mas optei por ficar no campo. A primeira oportunidade foi quando comecei a fazer faculdade e depois quando passei a trabalhar na cidade.

Festas, casamentos e funerais

Na zona rural, mais especificamente no bairro em que moro e nos outros vizinhos pela distância da zona urbana, não há variados lazeres. Nos finais de semana, é comum o futebol varzeano e em algumas épocas do ano, há festas religiosas com bailes.

Os casamentos, costumam ser bem animados. A festa é, na maioria das vezes, grande, sendo na casa da família do noivo e da noiva. Há muita bebida e churrasco. As cerimônias religiosa e civil ocorrem na cidade.

Os funerais são cheios de pessoas. Na maioria das vezes, nas casas dos familiares, mas tem ocorrido também nas igrejas e capelas dos bairros.

Costumes, tradições e cultura caipira

O que me caracteriza é a simplicidade, os laços com os costumes e familiares, bem como manter algum tipo de negócio rural. Não tenho uma única música favorita. Mas se eu listar dez, a maior parte seria sertaneja, mais para o atual sertanejo universitário.

Entrevista concedida por Tatiana Maria Siqueira Campos, manicure, residente em Itapetininga, em 10 de novembro de 2015.

A vida no campo

A minha vida era bem mais calma no campo. Eu estudava longe tinha que pegar van ônibus e as vezes até ia à pé, demorava umas 2 horas, o Bairro Viracopos ficava longe 18 km mais ou menos. Era bem diferente daqui. Valia à pena. Era diferente o jeito das pessoas falarem com a gente, de conversar. É diferente. Eu me sentia mais acolhida. Aqui na cidade é cada um por si, todo mundo queria ajudar a gente. Lá era bem melhor.

A família

Meu pai era agricultor, ele tinha estufa, plantava legumes. A gente acordava bem cedinho, cinco e meia da manhã, todo mundo já estava acordando. Meus irmãos iam de manhã pra escola e eu ia à noite. Era o dia inteiro colher legumes e embalar legumes. Era assim, todos os dias era a mesma coisa, a mesma rotina. Eu ajudava meu pai e minha mãe. Quando criança não, nós morávamos em Ponta Grossa. Quando eu fiquei maior meus pais voltaram pra cá, aí eu ajudava. Como aqui era sítio, todo mundo tinha uma coisinha pra fazer.

Os velhos

Meu pai me ensinou assim: quando fossemos falar com os mais velhos era senhor, senhora, muito obrigada, Deus abençoe e eu ensino assim o meu filho. Tem pessoas que falam, isso é coisa de velho, mas eu digo que foi assim que eu aprendi e é assim que eu quero que meu filho faça. Eu apanhava se não falasse senhor e senhora pra uma pessoa mais velha (durante a entrevista era esse o tratamento que ela dispensava a mim).

A religião

Eu sou católica. Todos os domingos tinha celebração com os ministros e uma vez ao mês o padre ia. Tinha mês de santo ou santa nos bairros, a gente se reunia e lá eram montadas barraquinhas, vendiam assados, faziam leilões de assados e animais vivos pra arrecadar dinheiro pra comunidade, arrumar dinheiro pra comprar banco, reformar a igreja, eram 3 dias de festa. Começava na sexta-feira com a matança, as comunidades recebiam os animais vivos e se reuniam pra matar porco, galinha, boi, carneiro... Toda a comunidade se reunia pra matar e assar os animais, um ajudava o outro e vinha gente de outras comunidades também. No sábado tinha bailes com grupos musicais gaúchos ou sertanejos. Dançava a noite inteira. O pessoal gosta mais da música gaúcha, essas coisas do sul, por que não fala só do corpo da mulher, mas fala das coisas da natureza e anima o baile, dá pra dançar gostoso. No domingo tinha a romaria, tem muito até hoje. As pessoas de cada bairro tinham uma comitiva, que fazia camiseta e se reuniam a cavalo até o local da festa, passavam de sítio em sítio, com bandeiras, vinha gente da cidade também, quando chegava no lugar da festa o padre abençoava com água os cavalos e os cavaleiros. É bem bonito, no final tem um almoço que é vendido pra arrecadar dinheiro para as comunidades. Acho que é antigo, vem dos tropeiros. Vamos sempre nas romarias.

A educação

A educação é a joia mais rara. Educação é fundamental. Aqui na cidade as crianças falam de qualquer jeito com os adultos eu acho muita falta de respeito.

Ser caipira

Está no jeito de falar, na espontaneidade, dar risada, cumprimentar todo mundo: oi fulano, oi cicrano; oi comadre, oi compadre, por que não apareceu em casa? Na cidade grande ninguém conhece ninguém. Na zona rural tem aconchego, todo mundo se conhece.

E – ENTREVISTA 5

Entrevista concedida pelo músico e educador musical, S. Luiz Antonio Vieira, Bob Vieira, em Itapetininga, em oito de novembro de 2014.

Ser caipira

Ser caipira é gostar e valorizar os aspectos da identidade cultural das comunidades rurais que também resistem nas cidades, nos meios urbanos e nas atitudes de gente simples. Considero-me um caipira, pois nasci e cresci no interior, mantendo as características das comunidades rurais. Gosto de todos os aspectos da cultura caipira, das manifestações folclóricas, músicas, danças...

Tradições, músicas e cultura caipira

O meu pai, Benedito Vieira tocava sanfona em suas horas vagas, inclusive fazia apresentações e gravou discos com o trio Pé de Cedro, Zé das Flores e Benê. Mas só morei com ele até os meus quatro anos de idade. Mais tarde, aprendi sozinho a tocar violão. Somente aos 20 anos tive um contato com a viola caipira, vendo um grande violeiro tocando, o Zé Martins. Abandonei o violão e assumi a tarefa de aprender esse instrumento de dez cordas presente nas manifestações culturais da região tropeira. A partir daí me interessei por tudo que se relaciona com a viola caipira.

Poucos violeiros se mantiveram na zona rural. A maioria habita nas cidades, sendo profissionais em várias áreas. São pedreiros, carroceiros, funcionários públicos. A cidade oferece mais condições de trabalho.

A dança de São Gonçalo é praticada geralmente em junho nos bairros rurais da Varginha, São Roque e Várzea. Várias se extinguíram: Bugrada, Congada, Fandango, Catira, Folia de Reis, Cavallhada, entre outras.

A cultura caipira está no gesto da avó fazendo bolo de fubá, no chá de ervas, no arroz com frango, bolinho de frango, está no ché, no jeitão de falar o R.... (risos).

Muitos ainda se referem ao termo caipira de forma pejorativa, indicando as pessoas com pouca instrução. Mas não percebem que também trazem muitos aspectos da cultura caipira, renegando suas próprias origens. É muito importante que essa cultura seja valorizada e divulgada, com seus valores importantes pode ser grande referência para o crescimento da humanidade.

O poder público pouco se preocupa com esse resgate, haja visto as tantas manifestações que se extinguíram através dos tempos. Os poucos órgãos que se preocupam não representam nem o mínimo necessário para um resgate verdadeiro.

É a música que mantém as estruturas e o jeito de manifestar-se dos antepassados, nos remetendo à um tempo antigo, quando escutamos. É o alicerce para que se ergam novas vertentes musicais e floresçam as novas estruturas.

As músicas tradicionais de raiz têm fundamentos e se desenvolveram, evoluíram porque foram passadas de pai pra filho, de modo original e espontâneo. As chamadas músicas sertanejas modernas acrescentam influências variadas, direcionando para o mercado consumidor.

Os homens da zona rural, que vivem e reproduzem a cultura caipira Preocupam-se com a manutenção das tradições e as praticam, como forma de legítima defesa contra as influências externas, valorizando aquilo que lhes oferece felicidade, proporcionando autoestima. Percebem que a preservação enfrenta muitas dificuldades, sofrem com o futuro anunciado e lamentam a falta de interesse dos cidadãos que deveriam amar suas tradições.